



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFLETRAS – UNIFESSPA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS**

NAZARÉ DE JESUS DE BRITO ALMEIDA

**A POESIA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA LITERÁRIA COM OS
ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARABÁ- PA

2021

NAZARÉ DE JESUS DE BRITO ALMEIDA

**A POESIA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA LITERÁRIA COM OS
ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, como requisito para obtenção de grau de mestre em Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof. Dr.^a Liliane Batista Barros

**MARABÁ- PA
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca
Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

Almeida, Nazaré de Jesus de Brito

A poesia como estratégia de leitura literária com os alunos do 7º ano do ensino fundamental / Nazaré de Jesus de Brito Almeida ; orientadora, Liliane Batista Barros. — Marabá, PA : [s. n.], 2021.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2021.

1. Letramento. 2. Leitura - Estudo e ensino. 3. Poesia. 4. Incentivo à leitura. 5. Leitura - Ensino fundamental. I. Barros, Liliane Batista, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Mestrado Profissional em Letras. III. Título.

CDD: 22. ed.: 418.4

Elaborada por Adriana Barbosa da Costa - CRB2/994

NAZARÉ DE JESUS DE BRITO ALMEIDA

**A POESIA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA LITERÁRIA COM OS
ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Data de aprovação: Marabá (PA) ____de____de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.^a Liliane Batista Barros (UNIFESSPA)
Orientadora

Prof. Dr.^o Gilmar Bueno Santos
Prof. Dr. (UNIFESSPA)
Examinador interno

Prof. Dr.^a Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja
Prof. Dr. (UFPA)
Examinador externo

Aos alunos da turma TF 703, por serem meus cúmplices dando vida a este estudo.

Domingos Filgueira de Almeida e Maria de Jesus de Brito Almeida (meus pais), Edelson Moisés Almeida da Silva (meu filho) e a minha amiga irmã Gleicy Moraes Santos por me transmitirem força, coragem e alento em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus. A Ele, toda honra e glória, pois Ele tem cuidado de mim em todos os momentos de minha vida.

À minha família, em especial ao meu pai Domingos Filgueira e aos meus irmãos Maria Izabel, Benedito, Maurício e João Paulo por todo apoio e incentivo por quem insisto e sempre insistirei em dar o meu melhor.

À minha mãe, Maria de Jesus de Brito Almeida, minha primeira professora e a pessoa que mais me incentiva a buscar pelos estudos.

Ao meu ex-companheiro, Moisés Rodrigues da Silva, que esteve muito presente na construção deste sonho dedicando-me paciência, cumplicidade e incentivo nos momentos mais difíceis pelos quais passamos.

Ao meu filho, Edelson Moisés Almeida da Silva, pelo amor, paciência, carinho e compreensão, meu companheiro em todos os momentos.

À minha amiga, Gleicy Moraes Santos, por me apoiar sempre, por me ajudar nas atividades das disciplinas, na execução do projeto em sala de aula e pelas muitas palavras de incentivo desde o processo seletivo do mestrado até hoje, por todas as vezes que percebeu o meu cansaço e desânimo. Muito obrigada!

À orientadora, Prof. Dr.^a Liliane Batista Barros, pela oportunidade de pesquisa, pela orientação segura e pela parceria amiga. Sou grata pelo carinho, paciência e compreensão que dispensou a mim.

À Prof. Dr.^a Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja e ao Prof. Dr.^o Gilmar Bueno Santos pelas valiosas contribuições em meu trabalho na qualificação.

Aos professores do PROFLETRAS pelos momentos de reflexão e aprendizagem.

Aos meus alunos do 7º ano, TF: 703, da escola José Manoel de Araújo – JMA, por realizarem comigo este estudo e por me proporcionarem momentos felizes de aprendizagem.

À minha turma, Profletras 2019, pela troca de experiências, aprendizados, pelas alegrias e cumplicidades, em especial aos amigos feitos durante o curso: Ana Cláudia Quaresma, Elionay Félix, Valéria Saraiva e Maria do Socorro Sozinho.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter contribuído para a viabilidade desta pesquisa pela concessão de bolsa de estudos.

Enfim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para o meu conhecimento.

Biografia

“Entre o olhar suspeito da tia
E o olhar confiante do cão
O menino inventava poesia...”

(MÁRIO QUINTANA)

RESUMO

Esse projeto apresenta a pesquisa de mestrado intitulada **A poesia como estratégia de leitura literária com os alunos do 7º ano do ensino fundamental**, na escola José Manuel de Araújo, município de Tailândia/PA. A pesquisa surgiu a partir da necessidade de trabalharmos com o letramento literário no ensino fundamental II, visto que esses tipos de textos são essenciais na formação do sujeito leitor e no contexto de sala de aula são cada vez mais deixados em segundo plano. Buscamos promover esse letramento por meio dos poemas do escritor Garibaldi Nicola Parente. Deste modo, trabalhamos com as estratégias de leitura e escrita, oficinas propostas por Girotto e Sousa (2010) e os laboratórios de leituraescrita propostos por Pilati (2018), fundamentando o texto em pressupostos bibliográficos e a pesquisa ação. O projeto tem como objetivo incentivar a construção de múltiplos conhecimentos e o encanto pela leitura do texto literário, sendo que a poesia foi nosso ponto de partida. O mesmo apresenta como referencial teórico Cosson (2009, 2017), Kleiman (1998), Lajolo (2001), Carvalho e Baroukh (2018), entre outros. Assim iniciamos falando sobre a literatura no ensino fundamental II, tecemos considerações acerca do letramento literário, poesia, poema e as estratégias de leitura para com o texto literário, perpassando pelo traçado metodológico da pesquisa e por fim apresentamos a prática da poesia em sala de aula.

PALAVRAS- CHAVE: Letramento literário. Estratégias de leitura. Poesia. Escola.

ABSTRACT

This project presents the master degree research entitled the poetry strategie of literary reading through with students of the 7th grade of elementary school at José Manuel de Araújo school, Tailândia county/ Pa. The research arose from the need to work with literary literacy in elementary school II, since these types of texts are essential in the formation of the reading subject and in the classroom context they are increasingly left in the lowest priority. We seek to promote this literacy through the poems of the writer Garibaldi Nicola Parente. In this way, we work with the reading and writing strategies and workshops proposed by Girotto and Sousa (2010) and the reading and writing laboratories proposed by Pilati (2018). From this project we hope to encourage the construction of multiple knowledge and the charm of reading the literary text, with poetry as our starting point. Our thesis presents as a theoretical reference Cosson (2009, 2017), Kleiman (1998), Lajolo (2001), Carvalho and Baroukh (2018), among others. So we started talking about literature in elementary school II, we made some considerations about literary literacy and reading strategies for the literary text, going through the methodological outline of action research and we finally present the practice of poetry in the classroom.

KEYWORDS: Literary literacy. Reading strategies. Poetry. School.

LISTA DE QUADRO E FIGURAS

Quadro 1 – Quadro comparativo entre as coleções.....	27
Quadro 2 – Poemas.	70
Figura 1 – Município de Tailândia no início de sua urbanização.....	56
Figura 2 – Município de Tailândia atualmente.....	57
Figura 3 – Poeta Garibaldi Nicola Parente.	633
Figura 4 – Laboratório de informática.....	699
Figura 5 – Discussão em grupo.	777
Figura 6 – Momentos de execução do projeto.....	844
Figura 7 – Momento de interação.....	855
Figura 8 – Dia da exposição literária.....	866
Figura 9 – Apresentação do poema canto Abaeteuara.	899
Figura 10 – Apresentação do poema Sonetinho da Guerra de Tróia.....	922
Figura 11 – Apresentação do poema Sonetinho de Teseu.....	944
Figura 12 – Apresentação do poema Sonetinho de Narciso.....	966

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONSIDERAÇÕES.....	32
2.3 ESTRATÉGIAS E LEITURA PARA COM O TEXTO LITERÁRIO.....	33
2.3 POESIA	40
3 TRAÇADO METODOLÓGICO DA PESQUISA	51
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TAILÂNDIA-PA: LÓCUS DA PESQUISA-AÇÃO	54
3.2 O ESPAÇO ESCOLAR E OS SUJEITOS DA PESQUISA	57
4 POEMAS EM SALA DE AULA: PRATICANDO POESIA COM ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	61
4.1 OFICINA 01: RE/CONHECENDO POESIA	65
4.2 OFICINA 02: APROPRIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS POÉTICAS	69
4.3 OFICINA 03: PRODUZINDO A PARTIR DE POESIA	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	104

1 INTRODUÇÃO

As memórias do meu letramento literário em relação ao texto escrito se dão a partir dos textos conhecidos por mim mais tardiamente somente no ensino médio. No meu cotidiano escolar tínhamos o contato com a literatura oral, mas nesse período não havia essa discussão sobre estes tipos de textos. Fui alfabetizada pela minha mãe, a professora Maria de Jesus de Brito Almeida, numa escola às margens do Rio São Lourenço, município de Igarapé-Miri, Estado do Pará. Ela tinha o grau de instrução até a 5ª série do ensino fundamental, então chamada naquela época. Como havia escassez de profissionais na região, logo começou a ministrar aulas e foi, conseqüentemente, minha professora.

Alfabetizou-me usando a tradicional Cartilha do ABC, método famoso muito usual naquele período e, no que tange à essa metodologia, Carvalho e Baroukh (2018) discorrem que:

Na década de 80, a leitura na escola estava a serviço de uma alfabetização baseada na decodificação. Ou seja, para ser alfabetizado, bastava juntar letras, sílabas, palavras. A leitura apoiava a alfabetização por meio da oferta de textos simplificados, fora de contextos sociais, produzidos unicamente para fins didáticos, apresentados nas cartilhas (CARVALHO & BAROUKH, 2018, p. 14).

Depois que aprendíamos a ler e a escrever, passávamos a estudar as regras gramaticais propostas nos poucos livros que ela possuía, entretanto, ela não tinha ciência de como podia nos mediar em relação à leitura de textos literários, mas tinha a consciência de que precisávamos saber ler, escrever e ter a noção dos primeiros cálculos matemáticos para podermos seguir em frente em nossos estudos.

O texto poético até era apresentado na cartilha em que estudávamos, por exemplo, na cartilha do 2º ano havia o poema *As borboletas*, de Vinicius de Moraes; eu gostava da leitura deste texto justamente pela musicalidade e o ritmo que ele possui, os textos vinham ilustrados com imagens, as borboletas coloridas davam o toque especial; porém, depois da leitura deste, conseqüentemente, a atividade era voltada ao estudo com o intuito da alfabetização dos alunos.

Fiquei ali até o final da 2ª série do ensino fundamental e para continuar avançando nos meus estudos foi necessário que eu mudasse de cidade, indo morar em Abaetetuba/PA. Neste lugar estudei na Escola de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão de Sousa desde a 3ª série do ensino fundamental até ao final do ensino médio. Lá tive a oportunidade de estudar com professores graduados, muitos eram recém-formados da Universidade Federal do Pará (UFPA) *campus* Abaetetuba.

Apesar de muitos destes docentes já serem profissionais graduados no curso de Letras, o ensino não continha novidades ou inovações, haja vista que, mais uma vez, o ponto principal eram as regras indicadas pela gramática normativa e as leituras em relação ao texto literário não eram manifestadas. A escola até possuía uma biblioteca com bastantes exemplares, mas nós alunos não éramos estimulados a ir neste espaço para a apreciação e fruição da leitura literária. Muitas vezes estávamos lá com o intuito de fazermos pesquisas nos livros para desenvolvermos trabalhos acerca de outras disciplinas, como geografia, história ou ciências, e assim foi até ao final do ensino fundamental.

Já no ensino médio a realidade começou a mudar, a escola possuía um projeto chamado Feira de Ciências, onde as turmas do ensino fundamental desenvolviam seus trabalhos com as experiências científicas e as turmas do ensino médio ficavam livres para escolher as suas produções. Foi então que a professora Maria Dalva Oliveira, que ministrava aulas de Língua Portuguesa e Literatura, nos propôs a fazermos uma peça de teatro sobre o livro *Inocência*, de Visconde de Taunay.

Foi uma proposta audaciosa feita aos alunos, os quais não tinham o hábito da leitura, principalmente relacionados aos textos literários, no entanto, com muita persistência, ela nos convenceu a desenvolver o trabalho. Assim, a metodologia utilizada pela professora foi fundamental no direcionamento do devido texto. Isto reforça o que Bordini & Aguiar (1993) dizem a respeito do papel do professor educador, pois

Considerando a natureza da literatura, pode-se afirmar que, se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos. Neste caso, vale a pena investir na formação do leitor, o que significa incentivá-lo ao hábito, de modo a multiplicar a experiência literária. O papel da escola é decisivo neste processo (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 18).

Para executá-lo fazia-se necessário a leitura da referida obra, bem como assistir ao filme – o qual foi produzido com base nesta obra. A partir dessa leitura e, conseqüentemente, da produção da peça, os textos literários começaram a despertar em mim um interesse que até então nem imaginava que possuía.

Dessarte, a leitura de vários textos passou a fazer parte do meu cotidiano até que o momento do vestibular, quando por causa das leituras obrigatórias que no período eram cobradas dos alunos, descobri Machado de Assis¹ e a partir da leitura do clássico *Memórias*

¹ Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura do século XIX. Escreveu poesias, contos e romances. Foi jornalista, teatrólogo, crítico de teatro e crítico literário.

Póstumas de Brás Cubas, que até hoje considero o meu favorito, despertou-me definitivamente o gosto pela literatura. A respeito das obras clássicas, Calvino (1993) afirma que:

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (CALVINO, 1993, p.07-08).

Tal experiência de ter conhecido tal texto foi uma imensa riqueza. O personagem Brás Cubas me encantava, me seduzia. Era como se eu estivesse ali acompanhando cada momento vivido por ele no desenrolar do romance.

Com base nesse amor que surgira, resolvi prestar vestibular para o curso de Letras com a intenção de estudar literatura seja de que tipo fosse. Porém, o curso não é somente sobre literatura, e isso foi até frustrante para mim; Linguística, Gramática – seja ela normativa, descritiva – intermináveis transcrições do latim para o Português também faziam parte do curso e, desse modo, passei quatro anos aprofundando-me nestes preceitos teóricos e idealizando o momento em que chegaria à uma sala de aula e colocaria em prática tudo aquilo que havia desvendado na Universidade, principalmente em relação à literatura.

Tamanha foi minha surpresa quando comecei a trabalhar de fato como professora, depois de ter passado num concurso para o município de Tailândia/PA. Os anos que se sucederam à minha saída da escola pública, passados pelos da Universidade e, agora ali, em outro ambiente, parecia que nada havia se modificado.

Muitas mudanças ocorreram nos meios sociais em tão pouco tempo; mas como era possível a escola pública permanecer do mesmo jeito, com o seu ensino tradicional intocável, instruindo sujeitos que trazem do seu cotidiano uma gama muito grande de conhecimentos e estes sendo deixados de lado?

É fato que o século XXI chegou “bombando”. Estamos na era da tecnologia, as informações dos lugares mais longínquos chegam até nós em pouquíssimo tempo. Fatos corriqueiros ou grandes acontecimentos podem ser vistos, revistos e compartilhados milhões ou até bilhões de vezes. Desta maneira, precisamos estar conectados para não ficarmos de fora dessa avalanche de informações.

As tecnologias estão presentes em todos os ambientes e são usadas em várias situações do cotidiano e na escola. Os alunos estão por muito tempo conectados; são jogos dos mais variados, aplicativos de mensagens, redes sociais, séries, filmes, tudo isso faz parte do dia a dia deles. É um véu que os envolve de tal maneira que não sobra mais espaço para aquilo que

chamam de tradicional, a leitura de um livro, por exemplo. Aquele impresso com muitas páginas sem imagens, nem pensar! É chato, arcaico, cansativo.

Esse âmbito é deveras intrigante: como a sociedade em geral evoluiu tão intensamente em tecnologia e em comunicação, sendo que a escola parece estar estagnada no tempo? Os professores fazem o que podem, se utilizam dos escassos recursos que têm para atrair a atenção dos estudantes, mas parece que nada mais surti efeito, e quando se fala em literatura a situação é ainda mais agravante.

Observa-se que o mais importante na vida dos alunos é justamente essa tecnologia avassaladora, a qual os abarca, não sobrando lugar para a leitura de outros tipos textuais, principalmente os de cunho literário. Tudo isso é muito inquietante, pois sabemos que a leitura de boas obras é fundamental na vida das pessoas. Porém, o que mais acontece são essas leituras sendo deixadas de lado, muitas vezes em último plano, somente empregadas quando muito cobradas pelos professores em sala de aula. Além disso, como relata Cosson (2017, p. 20), “a multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais”, são também fatores que contribuem para que a literatura seja esquecida dentro das escolas.

Pelo exposto, é importante destacar o que estamos vivenciando no ano de 2020 e consequentemente em 2021. A tecnologia, como citada anteriormente, nas últimas décadas já fazia parte da nossa rotina escolar, observando o cotidiano dos alunos deduzíamos que muitos deles tinham acesso a essas tecnologias, pois davam mais importância a ela do que ao palpável, como o livro impresso, por exemplo; porém, com a pandemia do novo coronavírus foi necessária uma busca maciça por aparatos tecnológicos para que as aulas pudessem ser ministradas de forma *online*.

Constatamos assim que as tecnologias existentes, estas foram aperfeiçoando-se ao longo desses meses, as aulas à distância funcionaram, todavia, o pensamento construído por mim anteriormente foi completamente desfeito. A maior parte dos nossos alunos não conseguiu acompanhar as aulas *online* e não porque não tinham a facilidade de compreender a plataforma do “*Google classroom*”, mas porque eles não tinham acesso à simples *internet*. Como assim não desfrutaram de *internet*?

A realidade da escola pública é essa: muitos dos nossos alunos são filhos de pessoas sem um poder aquisitivo elevado, as quais não podem adquirir dispositivo tecnológico ou mesmo pagar um plano de *internet* para que seus filhos pudessem estudar em casa. Para que pudessem assistir às aulas, os estudantes precisavam dispor de dispositivo como celular, *notebook* ou *tablet* com desempenho necessário para o uso dos aplicativos necessários. Infelizmente eles não gozavam dos instrumentos necessários, logo, ministrar aulas para os

alunos transformou-se numa tarefa bem difícil. À vista disso tivemos que improvisar da melhor maneira possível para não ficarem tão prejudicados com a falta de aulas. Parece absurdo, mas essa é a nossa realidade, estamos inundados pelas tecnologias, porém observamos que a maioria da população, entre estes estão nossos alunos, não têm acesso a esses meios digitais ou de comunicação.

Na qualificação deste trabalho, uma das avaliadoras nos propôs reaplicarmos as oficinas, para inserir outros eixos poéticos, além dos já apresentados. No entanto, como exposto anteriormente, isso não foi possível presencialmente no ano de 2020, pois tivemos aulas durante um mês. No Município de Tailândia desde março as atividades foram repassadas de maneira impressas aos alunos; os professores selecionavam as atividades, os coordenadores ligavam para os pais irem à escola buscar tais atividades, os alunos deveriam respondê-las e num determinado período os pais ou responsáveis devolveriam à escola e nós professores tínhamos que ir buscar, corrigir e propor uma nota. Assim foi até meados de setembro, quando propuseram a criação de grupos no aplicativo de mensagens *WhatsApp* para termos interação de alguma forma com os educandos. Entretanto, na maioria das turmas, poucos alunos tinham acesso à *internet*, como frisado outrora, e os que tinham, pouco conseguiam interagir conosco. Dessa forma a nossa realidade, enquanto escola pública, está atordoada em meio a toda essa situação.

Por isso, neste ano atípico não conseguimos reaplicar as nossas oficinas. Contudo, como produto desta dissertação, construímos um Manual de Oficinas Literárias, o qual ficará na escola José Manoel de Araújo, para que todos os professores de Língua Portuguesa, que assim o quiserem, possam consultá-lo e o usufruir na pós-pandemia, a fim de abordar o texto literário poético com os alunos do ensino fundamental II.

Destacamos ainda que, apesar da nossa pergunta de pesquisa tratar sobre a variedade das produções poéticas, escolhemos a poesia do professor Garibaldi Nicola Parente como *corpus* com intuito de trabalhar e valorizar um poeta regional. Foi a partir da atenção para essa variedade que propusemos o Manual de Oficinas Literárias, no intuito de englobar outros tipos de poemas e autores já consagrados com o trato com a poesia.

Diante das variadas situações vividas no período de pandemia, outro olhar despertou-nos sobre o texto literário em sala de aula. Não era a constância de tecnologia que afastava o interesse dos nossos alunos pelo texto literário, mas um conjunto de fatores que permeiam dentro da escola pública, entre estes está a falta de conhecimento do próprio professor em relação a mediação da literatura ou mesmo como leitor de texto literário, que, ao invés de despertar o interesse do aluno pela leitura, acaba afastando-o ainda mais.

Por tudo isso é que nos propomos a trabalhar este tema em sala de aula: **A poesia como estratégia de leitura literária com os alunos do 7º ano do ensino fundamental**. O tema foi escolhido a partir de nossa compreensão sobre a importância do desenvolvimento de mecanismos que auxiliem o professor em sala de aula para com a compreensão, discussão e incentivo à leitura literária e, conseqüentemente, promover o hábito da leitura e escrita dos educandos.

Destarte, nosso objetivo geral é promover o letramento literário por meio da poesia em sala de aula. Para tanto, nos apropriamos de estratégias que estimulem os nossos alunos a escutar, ler, compreender, interpretar, declamar e produzir outros gêneros a partir dos poemas. Vislumbrando assim a poesia que emerge a partir dos mesmos.

Para tal, as atividades foram elaboradas conforme as estratégias de leitura apontadas por Giroto e Souza (2010) e os laboratórios de leitura escrita propostos por Pilati (2018), com leituras praticadas por meio de oficinas.

O *corpus* utilizado para promover o letramento literário foram os poemas do autor Garibaldi Nicola Parente, abordando a poesia proveniente deles. Busca-se, assim, a sua essência e não somente a estrutura dos quais eles são constituídos, trazendo, também, discussões acerca do modo como estes poemas são trabalhados em sala de aula, principalmente a partir e/ou por meio do livro didático.

Este estudo trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa por meio de pesquisas de campo e bibliográfica. Já concluída, porém com sugestões de continuação pós-pandemia, ela encontra-se organizada em quatro capítulos:

No primeiro capítulo apresentamos o Referencial Teórico que faz uma abordagem sobre a literatura no ensino fundamental II, passando por considerações acerca de letramento, além das estratégias e leitura para com o texto literário. Para sua composição, nos apoderamos de conceitos provenientes de autores como: Rouxel (2013), que trata sobre o professor como sujeito leitor para poder formar sujeitos leitores responsáveis e críticos; Soares (1998), abordando a origem do termo letramento; Street (2014) e Kleiman (1991) que tratam sobre o letramento como prática social; Cosson (2017), versando sobre a experiência da leitura literária e sua produção de sentidos; Proença Filho (2003), considerando o texto da literatura como um objeto da linguagem; Carvalho e Baroukh (2018), observando os propósitos leitores; Lajolo (2001), discorrendo sobre a importância da escola com o status da literatura; Sousa e Giroto (2010), abordando sobre as estratégias de leitura e escrita; e Pilati (2018) trabalhando os laboratórios de leitura escrita.

O segundo capítulo, por sua vez, diz respeito ao traçado metodológico da pesquisa com considerações de Tripp (2005), Thiollent (2011), Barbier (2004) e André (2001), além de discorrer sobre o *locus* onde a pesquisa foi realizada demonstrando algumas particularidades sobre o Município de Tailândia, assim como da Escola de Ensino Fundamental José Manoel de Araújo e dos sujeitos colaboradores para com a prática da pesquisa-ação.

No terceiro capítulo, discutimos acerca da poesia, sua origem, sua linguagem, seu valor histórico. As concepções pelo olhar de poetas, como José Paulo Paes, Ana Elisa Ribeiro, Garibaldi Parente e Manoel de Barros, além de características sobre os poemas e, finalizando, trazemos ponderações sobre seu uso em sala de aula. Temos neste capítulo contribuições de autores como Paz (1982), Sorrenti (2013), Pilati (2018), Bosi (1983), Lajolo (2001), entre outros.

No quarto capítulo, apresentamos o segmento prático da pesquisa intitulado de **Poemas em sala de aula: praticando poesia com alunos do 7º ano do ensino fundamental**. Este capítulo mostra as oficinas de leitura e escrita desenvolvidos no período de 21 de outubro a 28 de novembro de 2019 na Escola de Ensino Fundamental José Manoel de Araújo, no Município de Tailândia, Estado do Pará.

Por fim, as considerações finais sobre todo o desenvolvimento do trabalho. Em anexo trazemos as imagens sobre elementos os quais citamos no texto, como os relacionados ao uso do poema no livro didático.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade humana desenvolveu-se ao longo dos tempos pautando-se em diversos tipos de linguagens: visual, gestual, sonora e em especial, a linguagem verbal (oral e escrita), estas absolutamente utilizadas no meio social da chamada modernidade. Somos, desde que nascemos, expostos à decodificação da linguagem falada e, em decorrência, da linguagem e/ou do código escrito, e como consequência somos levados a compreender e apreender tais linguagens com o nosso desenvolvimento primeiro no ciclo familiar e por seguinte no ambiente escolar. Assim, tais linguagens são desenvolvidas ao longo de nossa vida, dando ênfase à leitura e, conseqüentemente, à literatura. A esse respeito, Aguiar (1993) afirma que:

É através da linguagem que o homem se reconhece como ser humano, pois pode se comunicar com os outros e trocar experiências. Existe, porém, uma condição prévia para a manifestação da linguagem: é preciso haver um grupo humano, no qual o sujeito se confronte com o conjunto e se perceba como indivíduo. É, portanto, na convivência social que nascem as linguagens, conforme as necessidades de intercâmbio. (AGUIAR, 1993, p. 09).

É muito comum ouvirmos na fala dos professores dentro do espaço escolar, principalmente os professores de Língua Portuguesa, que os alunos devem ler, em especial os textos literários, que todos nós temos o direito de conhecer, de gostar, de se apropriar da literatura, pois a partir dela podemos alterar ou até mesmo transformar o meio social no qual estamos inseridos. Nesse sentido, Candido (1995) destaca que:

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia, e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1995, p. 243).

Postulada como uma ferramenta positiva de conhecimento e poder, a literatura no ambiente escolar deve passar de mera coadjuvante. Logo, devemos estimular aos nossos educandos para com a busca desse saber. Candido (1995) ainda afirma que esse termo literatura

De maneira mais ampla possível são todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis em uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p. 242).

Não é somente no texto escrito que a literatura se manifesta, faz parte da expressão cultural de um indivíduo, de uma comunidade ou de uma sociedade. Quando os educandos chegam à escola, eles já trazem consigo essas expressões literárias e cabe à instituição avigorar e apontar as outras formas possíveis dessas expressões literárias, por compreendermos a sua devida importância. Para Candido (1995), ela tem um poder humanizador e negar a sua fruição é mutilar a humanidade.

A literatura é um instrumento essencial na construção do ser humano e no seu ambiente político-social. Todos temos e devemos ter o direito de apreciá-la, seja em qualquer fase de nossas vidas. Hoje, entendemos a importância dessa manifestação para o desenvolvimento dos sujeitos, principalmente enquanto crianças ou jovens, mas para que haja essa formação, algumas instâncias são fundamentais para que os indivíduos adquiram o gosto pelo texto literário, as quais são: a família e a escola.

Entretanto, será que essa relação da família e da escola com as crianças, como concebemos hoje, sempre foi assim? Como em tempos passados as crianças eram vistas no contexto familiar, na sociedade e até mesmo na escola? Sobre estas questões, Arriès (1986) tece algumas considerações, sobre a sociedade, ele afirma que

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição 'peias crianças' corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deste (ARRIÈS, 1986, p. 156).

Esse sentimento de cuidado, proteção e carinho que nutrimos hoje pelas crianças não existia. Elas eram acompanhadas até determinado tempo de suas vidas, a partir do momento no qual podiam viver sozinhas (e isso acontecia muito cedo), eram consideradas adultas e, como tais, nutriam das mesmas responsabilidades. Nesse contexto, Arriès (1986) disserta que

Nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Isso não significava que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a 'casa' dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais tempo do que em sua própria casa (às vezes nem ao menos tinham uma casa, eram vagabundos sem eira nem beira, verdadeiros mendigos). Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. A família quase não existia

sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem (ARRIÈS, 1986, p. 231).

À criança não era dado o direito ao acompanhamento familiar, eram tidas como um ser, o qual deveriam cumprir sua função social, seja ela rica ou pobre, e muitas eram largadas à própria sorte. Pensar em seu futuro, buscar melhores condições de vida e sobrevivência, não era preocupação da família. Porém, hoje, felizmente essa realidade é bem diferente, elas possuem diversos direitos garantidos como à vida, ao desenvolvimento pleno, saudável, intelectual e emocional.

Ainda, segundo o autor:

A escola não dispunha então de acomodações amplas. O mestre instalava-se no claustro após livrá-lo dos comércios parasitas, ou então dentro ou na porta da igreja [...] Em geral o mestre alugava uma sala, uma *schola*, por um preço que era regulamentado nas cidades universitárias. Em Paris, essas escolas se concentravam numa rua a Rue du Fouarre: vicus straminis. Essas escolas, é claro, eram independentes umas das outras. Forrava-se o chão com palha e os alunos aí se sentavam. Mais tarde, a partir do século XIV, passou-se a usar bancos, embora esse novo hábito de início parecesse suspeito. Então, o mestre esperava pelos alunos, como o comerciante espera pelos fregueses, Algumas vezes, um mestre roubava os alunos do vizinho. Nessa sala, reuniam-se então meninos e homens de todas as idades, de seis a 20 anos ou mais (ARRIÈS, 1986, p. 166-167).

A escola no período medieval era tida como uma espécie de comércio, pois os alunos eram considerados clientes. Com isso, já existia a figura do mestre, mas cada um ensinava de um modo diferente, conforme suas próprias resoluções. As acomodações eram as mais precárias possíveis, com alunos de várias idades dividindo o mesmo espaço, ou seja, situações muito adversas para ter-se aprendizado e, conseqüentemente, conhecimento.

Hoje, na nossa realidade, ir à escola é um dos direitos mais que fundamentais para com a criança. Deve ser um local de aconchego, conforto, ensinamentos, de compartilhamentos de informações e conhecimentos, com uma equipe profissional que trabalhe em prol do ensino-aprendizagem. Ainda encontramos, infelizmente, muitos lugares nos quais as escolas se parecem com estas estabelecidas durante a idade média; locais onde os alunos não têm as mínimas condições de terem o seu aprendizado garantido.

Dessa forma percebemos o quanto as relações das crianças para com a sociedade, a família e a escola mudaram ao longo do tempo. No tempo presente, a educação e a dedicação a eles são primordiais. Família e escola juntas são as principais responsáveis pela formação destes sujeitos. E, como professores de Língua Portuguesa, na escola um dos nossos papéis é contribuir para que os alunos possam aprender e se desenvolverem. Destarte, uma das formas de

contribuição é o trabalho com o texto literário, ensiná-los sobre literatura, despertá-los para o gosto pois, o prazer de ler é muito urgente e necessário.

Por tudo isso, nos propusemos a estudar e proporcionar por meios de estratégias esse contato efetivo do texto literário para com os alunos. Para tanto, neste trabalho nos apropriamos com o estudo do letramento literário em sala de aula, praticando um resgate da leitura literária no ensino fundamental. Sabe-se que no presente cenário escolar, os textos literários são cada vez mais deixados de lado, por inúmeros motivos. Por essa razão é tão urgente abordar esta temática, onde, conforme Paiva e Rodrigues (2009):

A leitura de livros de literatura pode também instituir novos modos de ler na escola. Por ser um objeto de fácil locomoção, o espaço em que acontece a leitura não precisa ser necessariamente a carteira de sala de aula. Os alunos podem ser convidados a se sentarem no chão, em roda, para ficarem mais à vontade. Nesse momento um clima de descontração é criado e a leitura literária se aproxima da leitura por prazer, por, de certa forma, sugerir protocolos de uma relação mais livre com a leitura (PAIVA; RODRIGUES, 2009, p. 113).

A leitura literária não precisa ser estanque, desenvolvida apenas no ambiente de sala de aula. Contudo, podemos apreciá-la nos mais diversos espaços e não somente no texto escrito, mas numa paisagem, num pôr do sol, apreciando as crianças lendo, brincando num parque também pode ser literatura. Antunes (2009) afirma que “ao lermos os textos literários nos possibilitamos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza”. A leitura deve acontecer também simplesmente pelo prazer de fazê-lo.

E para promovermos efetivamente esse letramento literário é necessário irmos além da simples leitura do texto. A leitura por fruição, por prazer, interpretativa deve ser objeto da escola e ela deve ensinar mecanismos de interpretação para poder formar autênticos leitores. Concomitante a isso, Cosson (2009) discorre sobre a formação de leitores, segundo ele,

Se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que a nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada da leitura, porque esconde sob aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental

no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito da linguagem (COSSON, 2009, p. 29-30).

A escola tem um papel essencial na formação da leitura literária dos educandos, se eles não aprendem em outro *locus*, ao menos neste ambiente devem ser expostos, instigados e reforçados positivamente, como um fato importante; e para isso acontecer, promover estratégias para se chegar a esse objetivo, o qual deve ser compromisso de todos, em especial, de nós professores. Não somente os de português, mas os de todas as áreas, pois somos nós os quais lidamos diretamente com o processo de ensino-aprendizagem.

2.1 LITERATURA NA SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Os textos literários no ensino fundamental II – 6º ao 9º ano –, são explorados dentro da disciplina de Língua Portuguesa, porém durante estes anos finais, percebemos que eles são, em inúmeras vezes, deixados em segundo plano. Damos prioridade ao uso da gramática normativa, além da interpretação, compreensão e produção textual e, na maioria das vezes, vinculado ao uso do que vem prescrito no livro didático. Segundo Aguiar e Bordini (1993):

Quanto ao material literário, sua tendência é adotar e recomendar o livro didático, usando livros de literatura esporadicamente como complemento ao livro-texto. Quando não o adota, em geral o substitui por folhas avulsas que contêm fragmentos de textos acompanhados de exercícios. Uma leitura descompromissada, livre e estimulante da imaginação e da criatividade ou do senso crítico não é, portanto, enfatizada. A cada leitura correspondem atividades de responder exercícios gramaticais e de redação, sem qualquer relação com o caráter artístico de um texto literário, ou de interpretação com itens programados e direcionados para uma compreensão literal e primária (AGUIAR & BORDINI, 1993, p. 32-33).

Destarte, os textos literários tornam-se pretextos para o ensino, principalmente em relação às regras gramaticais, do que para buscar a grandiosidade de informações, conhecimentos e esclarecimentos que estes podem nos proporcionar. Quando falamos em poesia a situação é ainda pior, pois o trabalho é muito superficial, o que leva os nossos alunos a um forte desinteresse para com a leitura, hipóteses, inferências e criação destes tipos de textos.

Desse modo, pensar na literatura como elemento significativo para a formação leitora do indivíduo faz-nos, como educadores, refletir como ela está sendo trabalhada no Ensino Fundamental e querer que faça parte do cotidiano da sala de aula é primordial. É inegável a necessidade de ler, não aquela leitura obrigatória que se faz para determinado fim avaliativo,

com o uso das tais regras gramaticais, mas a leitura que nos faz sair de nós e viajar por mundos imensos, vastos e ricos de tantas histórias.

O aluno precisa ir além dessa visão limitada, que temos no livro didático, para que o mesmo possa adquirir o hábito da leitura e, conseqüentemente, desenvolver seu lado social, cognitivo, emocional, afetivo, subjetivo. Segundo Passos (2004, p. 156), “podemos afirmar que a subjetividade é uma característica importante da linguagem literária e que a ficção permite que o leitor não esteja submetido à realidade”. Essa subjetividade provinda destes textos, em especial os que retratam a poesia, são um enriquecimento a vida dos educandos.

Abordar a literatura na conjuntura escolar é vital, mas para que isso de fato aconteça, o professor deve ser a chave principal deste processo. Ele deve ser o mediador entre os textos literários e seus alunos, porém, ele só será hábil nesta tarefa se tiver esse gosto, esse prazer tanto pela leitura dos textos, como também em buscar meios para abordar essa literatura no contexto escolar. Caso contrário, não passará de mero transmissor do que está no livro didático, o qual em inúmeras vezes, somos sujeitados a usar em sala de aula. Nesse contexto, Sorrenti (2013) diz:

Creio que o professor precisa estar muito seguro em relação à sua prática pedagógica e saber quando endossar as atividades propostas pelo livro didático ou quando deverá propor outros caminhos. Vale lembrar que a poesia incluída nos livros didáticos não deverá nunca servir de instrumento utilitarista para se fixar conteúdo programático e muito menos para resolver questões objetivas do tipo ‘grifar os substantivos concretos, a oração principal’, por exemplo (SORRENTI, 2013, p. 18).

Para o desenvolvimento da leitura literária em sala de aula é necessário que haja leitura, planejamento, organização do espaço e disponibilidade destes materiais, o que a maioria das escolas não possuem. Logo, o professor deve ser capcioso e buscar estratégias para trabalhar com os textos, e tudo isso leva tempo, dedicação e estudo, no entanto, em inúmeras vezes o profissional está em sala de aula desmotivado, fatigado. Em vista disso, acaba caindo nas armadilhas propostas pelo o que é sugerido somente nos materiais didáticos e reproduzindo ano após ano as mesmas atividades, muitas vezes enfadonhas tanto para ele quanto para os alunos. Em contraponto, a escola deve, também, garantir o desenvolvimento de tais atividades, mas em inúmeras vezes nos amarram a determinadas regras e assim contribuem para o não desenvolvimento do texto literário.

Ao refletir sobre o uso do livro didático como principal material usado em sala de aula para abordar tanto a Língua Portuguesa quanto a Literatura, alguns aspectos são relevantes a analisar, fizemos uma pesquisa acerca de poesia, especificamente sobre poemas em seis

coleções de livros didáticos, 5 ofertados a escola pública e um a escola particular, onde observamos o seguinte:

Na coleção *Português Linguagens*, dos autores William Cereja e Thereza Cochar, a qual foi empregada nos últimos três anos (2017 a 2019), foi possível comprovar que o modo de se trabalhar com o texto literário é sempre da mesma forma: inicia-se com a estrutura do texto, depois abordam-se as suas características, há a chamada interpretação textual e, por fim, alguma regra da gramática normativa.

Nessa coleção, os poemas são praticamente desvinculados de sua função poética. Em alguns casos trabalha-se a estrutura do texto dividindo-os em versos e estrofes, rimas, eu-lírico e eu poético e, em tantas outras, há basicamente o uso simples e puro da gramática normativa. Como exemplo, destacamos o seguinte: na página 52 do livro do 8º ano², temos o poema *Tem tudo a ver*, de Elias José, simplesmente com o objetivo de trabalhar-se a função da escrita, especificamente o emprego da letra “S”. Na atividade proposta, temos somente uma questão que trata sobre o texto poético, no mais, a preocupação era de se trabalhar um aspecto gramatical, neste caso, a ortografia.

A coleção *Geração Alpha Língua Portuguesa* foi a escolhida pelos professores de Língua portuguesa para serem usados no triênio de 2020 a 2022 nas escolas públicas do município. No livro do 7º ano³, os poemas são abordados na Unidade 06, os autores deram foco ao estudo do *Poema narrativo e Cordel*. O capítulo 01 trata sobre: *Era uma vez um poema*, subdividido em: *Texto em estudo, Uma coisa puxa a outra, Língua em estudo, A língua na real e Agora é com você*. Com propósito de compreender, identificar um poema narrativo, reconhecer sua estrutura, analisar o estudo da intertextualidade entre o Poema “Eros e Psique” do poeta Fernando Pessoa, com a escultura de Antonio Canova, “Psique revivida pelo beijo de Eros”.

O capítulo 02 tem como título *Poemas no varal*, indica o trabalho com O cordel, para isso foi utilizado o poema *O boi zebu e as formigas*, de Patativa do Assaré. A proposta é mostrar que este tipo de Cordel, o qual narra história em versos, é um poema narrativo. Também temos as características do poema narrativo como espaço, tempo, personagens, foco narrativo, entre outros, passando pelos elementos gramaticais com a Língua em estudo e finalizando com a escrita e declamação de cordel: a chamada produção textual.

² CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES Thereza Cochar. **Português linguagens**, 8º ano. 9. ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

³ COSTA, Cibele Lopresti, NOGUEIRA Everaldo, MARCHETTI Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 7º ano** 2. ed. – São Paulo: Edições SM, 2018.

No livro do 7º ano⁴, cuja coleção empregada fora *Para Viver Juntos Português*, o trato para com os poemas está contido no capítulo 06. No início do capítulo, temos uma imagem propondo uma relação de tema com um trecho do poema *O fazedor de amanhecer*, de Manoel de Barros, com algumas perguntas sobre ambos os textos. Ainda temos o conceito de poemas, além de um breve comentário sobre literatura de cordel, na parte de cima da imagem introdutória tem um boxe que diz: *O que você vai aprender*. Assim, fica evidente o que será abordado no capítulo, que são: características principais do poema, características principais do cordel, tipos de sujeito, ortografia: emprego de c, ç, s e ss.

Dessa forma, depois da introdução são utilizados dois poemas de poetas bastantes conhecidos: o poema *Convite*, de José Paulo Paes, e *Lagoa*, de Carlos Drummond de Andrade. A partir desses textos são cobrados conceitos sobre o que são os poemas, subdivididos em: *Entender o texto*, *O contexto de produção*, *A linguagem do texto*, *Produção textual* e os *Elementos gramaticais sujeito e ortografia*, acrescentando-se trechos de outros poemas de Cacaso e Mário Quintana.

A coleção *Língua Portuguesa*, trazem no capítulo 03 a abordagem do poema, o livro é do 7º ano⁵; as elaboradoras escolheram a temática *Poemas para ver*. Logo no início do capítulo temos duas imagens do artista plástico suíço Paul Klee, em seguida elas propõem a oralidade por meio de perguntas sobre as telas *Lenda do Nilo* e *Colete Vermelho* do autor citado. Ao lado das imagens temos um boxe que diz o seguinte: *O que você vai estudar neste capítulo*; nesta coleção temos elementos inovadores em relação ao estudo dos poemas. Elas abordam elementos verbais e visuais, a relação entre estes na produção de sentido, além de alguns temas poéticos: o ser humano e a vida, as relações humanas, o fazer poético, a importância do brincar e, também, o uso da gramática, que elas tratam como reflexões gramaticais. Assim, temos subdivisões como: *Durante a leitura*, utilizando-se do poema *O navio* de Sérgio Capparelli; *Depois da leitura*; *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto* e, por fim, a uma proposta de produção textual intitulada *Oficina de textos*.

A coleção *Singular e Plural* é usada como livro para o 7º ano⁶. Nesse, o tratamento com o texto literário é bastante completo, a literatura é abordada numa unidade independente que elas nomeiam como *Caderno de práticas literárias*. Há um espaço bem completo dedicado aos

⁴ COSTA, Cibele Lopresti; LOUSADA, Eliane Gouvêa; MARCHETTI, Greta; BATISTA J. Jairo; PRADO, Manuela. Para viver juntos: português, 7º ano. 4. ed. São Paulo, 2015.

⁵ PEREIRA, Camila Sequestro; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. **Universos Língua Portuguesa**, 7º ano. 3. ed. São Paulo, 2015.

⁶ FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: leitura e estudos de linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012

textos poéticos, a unidade: *Entre leitores e leituras*, possui práticas de literatura subdividida em 2 capítulos – *O mundo da poesia* e *Instantes poéticos*. No início do capítulo temos um poema intitulado *Lenda de Pégaso*, de Jorge Mautner, em seguida temos as subdivisões: *Conversa afinada*, *Leitura*, *Sons e sentidos*, *Provocações*, *Pesquisa e ação*, *Visualização de versos e sentidos*, *Infográfico* e, por fim a proposta de produção textual: *Oficina literária*. Apesar de encontrarmos nas outras unidades textos literários como pretexto para trabalhar-se a gramática, o diferencial é justamente termos um espaço no livro didático que tenha como foco principal a linguagem poética, por si só, como elemento mais importante.

A coleção intitulada *Língua Portuguesa 7º ano*⁷ é utilizada em uma escola particular do município. É formada por livros que se baseiam nos modelos da Editora Positivo, apesar de ser um livro independente de uma editora específica, o trato com o texto literário (poemas) segue o mesmo padrão das outras coleções. Neste livro os poemas foram abordados no capítulo 03 – *Palavras e encantamento: No reino da poesia*.

No início do capítulo temos uma imagem do quadro do pintor francês Édouard Monet, com o título *O tocador de Pífano*, em seguida temos algumas perguntas para serem trabalhadas oralmente. A partir daí há as seguintes subdivisões: *Estudo do texto*, *Conceitos sobre poemas* e *Estudo da língua*. Logo, a gramática está presente utilizando-se dos textos poéticos para explicar a si própria. A partir do exposto estabelecemos um quadro de comparação sobre as coleções dos livros didáticos propostos às escolas nos últimos anos.

⁷ Material produzido independente, baseado nos modelos da Editora Positivo.

Quadro 1 – Quadro comparativo entre as coleções.

COLEÇÃO	GRAMÁTICA	BNCC	TEXTO POÉTICO	CONCEITOS POESIA	CONCEITOS POEMAS	PRODUÇÃO POEMAS	ATIVIDADES QUE PRIORIZEM A LINGUAGEM POÉTICA
PORTUGUÊS LINGUAGENS	1	2	1	2	1	2	2
GERAÇÃO ALPHA LÍNGUA PORTUGUESA	1	1	1	3	3	2	3
PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS	1	2	1	3	1	1	3
UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA	1	2	1	3	1	1	3
SINGULAR E PLURAL	2	2	1	1	1	1	3
LÍNGUA PORTUGUESA	1	2	1	3	1	1	3

Legenda: 1 – Sim 2 – Não 3 – Parcialmente

Fonte: da Pesquisadora

Desse modo, ponderamos o seguinte:

Em relação ao uso do poema como ensejo à gramática, somente a coleção *Singular e Plural* que não a utiliza, as demais possuem um capítulo voltado especificamente à linguagem poética. Entretanto, utilizam predominantemente mesmo quando a ênfase seria ao texto poético de fato. Assim, o uso da gramática ainda é o elemento principal, mesmo que o foco seja literatura.

As coleções *Português Linguagens* e *Singular e Plural* foram planejadas antes da implantação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), mesmo assim a Coleção *Singular e Plural* já vislumbrava o uso da literatura como algo particular, peculiar dentro do livro didático; as demais, mesmo sendo produzidas com base na BNCC, ainda ficam presas àquele modelo tradicional de como abordar a literatura dentro de seus volumes.

Em relação aos textos poéticos, todas utilizam os poemas como texto principal, mas não com ênfase somente neles, sempre trabalham em forma de intertexto com outros tipos de textos, como imagens, pinturas, esculturas, entre outros.

Somente a coleção *Singular e Plural* traz mais detalhadamente os conceitos acerca de poesia, a coleção *Português Linguagens* nem menciona que o poema pode estar ligado à poesia, e nas outras coleções esses conceitos são disponibilizados parcialmente, geralmente num pequeno box ao lado dos textos principais.

Já em semelhança aos conceitos ou características dos poemas temos intermináveis definições, tratam sobre o que são versos, estrofes, rimas, ritmo, figuras de linguagem, eu lírico, eu poético e estrutura dos poemas. A maioria dos capítulos são voltados a esses tipos de construções.

Em todas as coleções há a preocupação com a produção textual. Ao final dos capítulos os autores sugerem fórmulas de como o aluno pode produzir um determinado tipo de poema, o qual foi estudado seus conceitos durante as aulas, como um cordel, haicai, poema visual e até mesmo fazendo uma releitura sobre o poema, criando-se outros gêneros textuais a partir dos estudados.

As atividades de poesia e/ou linguagem poética em todos os livros didáticos ainda são mínimas, o foco principal que é o de despertar o interesse dos nossos alunos em relação ao sentido do texto acabam ficando em segundo plano. Mesmo depois dos Parâmetros Curriculares, a implantação da BNCC e a preocupação de se estudar literatura no Ensino Fundamental II, percebemos que o principal material didático usado pela maioria dos professores ainda não consegue produzir uma proposta efetiva que tenha como principal elemento somente a linguagem poética.

Por não ser explicitamente apresentada nos livros didáticos, trabalhar com a literatura na sala de aula requer estudo, dedicação e espaço; o que muitas vezes o professor não está preparado para fazer. O professor deve também se redescobrir como um potencial leitor, inovador, aliando quando possível a sua prática às tecnologias, aquelas que são tão comuns no nosso dia a dia.

Para Rouxel (2013):

Pensar o ensino de literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra (ROUXEL, 2013, p. 20).

Assegurar aos discentes do ensino fundamental II o direito à literatura como forma de construção do seu conhecimento é mais do que necessário: é essencial. Como vimos, o trato com a literatura nos livros didáticos caminha a passos lentos, as novas edições das coleções trazem poucas inovações em relação ao texto literário, carecendo, ainda, de muitas ampliações. Sair dessas amarras da gramática normativa como o foco principal dentro do livro didático é necessário, porém, este não é o único elemento responsável pela literatura, a qual está hoje em segundo plano no ambiente escolar. Como vimos, também precisamos do olhar atento do professor para com esta realidade, além disso, políticas públicas voltadas para a formação do aluno como potencial leitor, e isso vai além dos muros da escola; assim, políticas sensíveis ao conhecimento, que trabalhem em prol destas pessoas são de suma importância.

Precisamos também de uma proposta educacional que invista na formação da qualidade da educação para com todos os estudantes, proporcionando a eles uma formação crítica, participativa e responsável na sociedade em que vivem. Por isso, chamamos a atenção também aos documentos voltados ao debate da Língua Portuguesa, por conseguinte a literatura, daí observamos o que foi engendrado por meio dos Parâmetros Curriculares e posteriormente na BNCC.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) consistem em um documento elaborado que justifica e fundamenta as opções feitas como base à elaboração de documentos por áreas e Temas Transversais para com a educação pública, “ao reconhecerem a complexidade da prática educativa, buscam auxiliar o professor na sua tarefa de assumir, como profissional, o lugar que lhe cabe pela responsabilidade e importância no processo de formação do povo brasileiro” (BRASIL, 1997, p. 09).

Desse modo, este documento foi criado com intuito de orientar o professor ao trabalho com as diversas disciplinas compostas no currículo escolar. O mesmo nos dá a possibilidade de adaptação à nossa realidade escolar. Entretanto, permitir essa amplitude, à interpretação do educador, pode possibilitar conclusões equivocadas de como utilizar o documento dentro da escola.

No documento referente à área de conhecimento de Língua Portuguesa temos uma breve menção ao quesito literatura, onde se esclarece que (BRASIL, 1997):

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do 'prazer do texto', etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1997, p. 30).

Apesar dessa breve menção, observamos que há uma preocupação de como essa literatura será estudada, oportunizada aos alunos, que não sirva apenas como pretexto para estudarmos construtos gramaticais ou sem uma função específica, mas que forme, desperte no aluno o gosto e o prazer pela leitura de vida e de mundo.

Os PCNs trazem uma preocupação com a literatura em sala de aula, porém de modo superficial; deveria ser papel da BNCC ter dado mais ênfase e detalhado como a mesma deveria ser explorada na escola; todavia, das dez propostas de competências para que os alunos tenham ao final do ensino fundamental, somente uma é totalmente voltada para o estudo efetivo da literatura, a *Competência 09*, (BRASIL, 2018):

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p. 87).

A BNCC é o documento maior que deve assegurar um trabalho eficaz para com a literatura. Contudo, somente uma competência dedicada à leitura literária, dada a importância que tem, não é substancial. Dar destaque à literatura em âmbito escolar é fundamental para a formação do indivíduo como um ser social.

Ademais, outro componente importantíssimo, que deveria prezar pelo efetivo trabalho da literatura no ensino fundamental maior, é o Projeto Político Pedagógico (PPP). Na instituição onde atuamos, foi concebido um PPP consideravelmente bem estruturado, com todas as suas características definidas, tratando da função de cada membro da comunidade escolar. Em vista disso, coloca em evidência a identidade escolar, as suas concepções e seus projetos.

Além do mais, este traduz a natureza e os papéis socioeducativo, cultural, político e ambiental da escola, bem como sua organização e gestão curricular para subsidiar o seu Regimento Escolar e a sua Proposta Pedagógica, documentos que são sustentáculos das ações educacionais. O documento ainda apresenta quatro marcos: 1) Marco Situacional, que trata das características físicas e do bairro onde a escola está localizada; 2) Marco Teórico, em que é apresentado a perspectiva filosófica-pedagógica a qual seguimos; 3) Marco Operacional, tratando sobre a gestão, a qual deve ser democrática e, por fim; 4) Marco Epistemológico, tratando da adolescência, da juventude e do papel do professor.

Em contrapartida não há nenhum tópico que verse sobre o ensino de literatura nos anos finais do ensino fundamental e de como os docentes devem abordar o texto literário em sala de aula, deixando, assim, para a interpretação de cada um. Tal situação é delicada, pois temos uma lacuna que deve ser urgentemente revista, estudada, elaborada, para que nesse documento tão importante para o ambiente escolar, a literatura, também, esteja presente.

Dessa forma, nota-se que são vários os obstáculos para o uso da literatura em sala de aula. Apesar disso, é o professor quem vai realmente determinar se a literatura vai ser estudada e incentivada. Ele será o divisor de águas, pois tem o poder de decisão. Segundo Aguiar e Bordini (1993, p. 19) “quando o professor realiza o trabalho com literatura em sala de aula a partir das expectativas dos estudantes, significa que ele está atento aos interesses dos mesmos.” É uma possibilidade criada pelo professor a busca no próprio aluno para desenvolver os trabalhos com a literatura. Portanto, cabe a ele se somente transmitirá ou reproduzirá o que se é apresentado nos livros didáticos, ou se transpassará essas barreiras em busca do cerne que o texto literário realmente apresenta.

Para realmente fazer a diferença e despertar interesse no seu espectador – no seu potencial leitor – ele mesmo deve ser um professor leitor, onde a leitura literária deve fazer parte do seu cotidiano dentro e fora do ambiente escolar. Seguindo este raciocínio, Rouxel (2013) discute que:

O professor é um sujeito leitor que tem sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos

alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula (ROUXEL, 2013, p. 29).

O profissional de Língua Portuguesa deve compreender que é um dos maiores responsáveis pelos caminhos a que literatura toma dentro de sala de aula e como é importante para os alunos descobrirem-se como potenciais leitores quando instigados por seu professor. A literatura muda a nossa concepção de ver e observar o mundo, por isso é essencial que a mesma esteja tão presente na vida de todos.

2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO: CONSIDERAÇÕES

Em uma sociedade essencialmente letrada, praticar e compreender os sistemas da escrita é crucial para participar efetivamente dos eventos de letramento. Essa problematização acerca dos letramentos surgiu no Brasil a partir da década de 1980. Nesse contexto, Soares (1998) diz que tal letramento “provém do termo em inglês *literacy*, que significa alfabetização, a competência de ler e escrever, ou melhor, a condição daquele que domina a tecnologia da escrita”.

O letramento deve ser entendido como uma prática social e dominante na escola e tem como finalidade desenvolver a leitura e a escrita dos sujeitos. Desse modo, os estudos destes textos devem considerar não somente questões técnicas ou estruturais, mas principalmente os usos nos diferentes contextos históricos e culturais. Seguindo esse raciocínio, Street (2014, p. 18) disserta que “as práticas incorporam não só ‘eventos de letramento’, como ocasiões empíricas nos quais são essenciais, mas também modelos populares desses eventos e as preocupações ideológicas que o sustentam”, ou seja, levar o aluno a refletir por meio dos textos literários assuntos que são presenciados em seu cotidiano.

Os letramentos são fundamentos necessários como componentes importantes na prática do trabalho com literatura em sala de aula. No artigo *Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação*, Kleiman (1991, p. 216) aborda o letramento como uma prática social, haja visto que “o letramento adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido, isto é, da agência de letramento por ele responsável”. A autora ainda afirma que o letramento tem como objeto de reflexão, de ensino e de aprendizagem os aspectos sociais da língua. Podemos observá-los na igreja, na praça, no supermercado e, essencialmente, dentro na escola – a mais importante agência de fomento e desenvolvimento destes letramentos, principalmente o literário e também os digitais.

A respeito do letramento literário, Cosson (2009) afirma que este

Possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2009, p. 12).

Logo, este é muito importante no contexto social e escolar, por isso devemos estudá-lo e compreendê-lo. Cosson (2017, p. 36) ainda destaca que “ler consiste em produzir sentidos, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores”. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, pois é fundamental no contexto social que vivemos, por isso é muito importante incentivar o conhecimento e a apropriação desta aos alunos.

2.3 ESTRATÉGIAS E LEITURA PARA COM O TEXTO LITERÁRIO

Por meio deste tema, buscamos compreender as relações dos educandos com a leitura literária, pois a literatura, como toda arte, é a transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais toma corpo e uma nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de cada proveio, por isso deve provocar nos educandos uma inquietação, um questionamento, uma reflexão sobre a realidade. Nesse sentido, Cosson (2017) diz que:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis (COSSON, 2017, p. 50).

Quem cria ou recria esta literatura é o artista literário, produz um mundo de verdades dimensionais, pode manipular os fatos e mesmo relacioná-los com a realidade, tendo assim uma dimensão de sentimento de experiência, compreensão e julgamento das coisas humanas, dando sentido à vida, transmitindo por meio do texto literário as suas verdades humanas, comuns a todos os homens e lugares. Desse modo, conjecturar sobre o texto literário nos remete à

diferença entre texto literário *versus* texto não-literário. Existem muitos conceitos sobre estes, mas nos atemos aos que estão por seguir.

O texto não-literário é informativo e objetivo, cuja função utilitária serve para informação, convencimento, explicação, comunicação. Possui linguagem denotativa e tem como característica a linguagem objetiva e clara. As normas gramaticais, geralmente, adotam a gramática normativa. E, como elemento de composição, utiliza-se de fatos e informações.

Este é elaborado utilizando-se fatos para comprovar um ponto de vista e a escrita é feita de forma precisa. Como exemplos, temos os livros didáticos, os manuais de instrução, artigos científicos, receitas culinárias, dentre outros.

Já o texto literário se diferencia do texto referencial, sobretudo, por sua carga estética; em especial, o texto poético, pois somente se realiza mediante a sua plurissignificação. Essa plurissignificação vem justamente da linguagem sonora, rítmica, metafórica, ou seja, para dar vazão à essa linguagem são usadas várias figuras: sonoras, sintáticas e semânticas. Esse tipo textual exerce uma linguagem ficcional, além de fazer referência à função poética da linguagem.

É um produto de acessibilidade do escritor que compacta, por meio das palavras, aspectos da realidade, que muitas estão ao dispor de todos. Contudo, é também, o produto da sensibilidade do leitor, assim consegue com a leitura adentrar aos espaços escolares, relacionar-se com a realidade, pois quem escreve literatura não o faz para comunicar ideias, mas sim para provocá-las em seus leitores, haja vista que são estes que darão vida ao que está escrito no texto literário.

Os textos podem ser escritos tanto em verso como em prosa, não sendo estas as únicas formas. A estrutura do texto em prosa centraliza-se em frases e parágrafos, enquanto o poema centraliza-se em versos e distribui-se em estrofes.

Há uma constante discussão sobre a função e a estrutura do texto literário, ou ainda, há sobre a dificuldade de se entenderem os enigmas, as ambiguidades, as metáforas da literatura. Contudo, são esses elementos que constituem o atrativo do texto literário: a escrita diferenciada, o trabalho com a palavra, seu aspecto conotativo, seus enigmas. Segundo Proença Filho (2003),

O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida que revele emoções profundas, coincidentes, com as que nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, copartícipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum (PROENÇA FILHO, 2003, p. 07-08).

Desse modo, o produtor do texto literário, além de utilizar-se de sua vasta imaginação, busca no seu repertório cultural manifestações pessoais para a criação dos seus textos. O texto literário, ainda, tem função estética, destinando-se ao entretenimento, à arte e à ficção. Possuem linguagem subjetiva e conotativa. Como características, utilizam elementos como a musicalidade, figuras de linguagem, multissignificação e possuem liberdade na criação. Nas normas gramaticais não costumam subverter a gramática normativa. Elemento de composição fundamentada na ficção, aprimorada por meio da imaginação do artista e na análise, inclui a busca de metáforas e simbolismos. Ainda possuem:

- a) Plurissignificação: as palavras, no texto literário, assumem vários significados. Valoriza-se a linguagem conotativa, ou seja, o sentido figurado.
- b) Ficcionalidade: os textos baseiam-se no real, transfigurando-o, recriando-o. Em outras palavras, o alcance da escrita ultrapassa para além do real.
- c) Aspecto subjetivo: o texto apresenta, normalmente, o olhar pessoal do artista, suas experiências e emoções.
- d) Ênfase na função poética da linguagem: o texto literário manipula a palavra, revestindo-a de caráter artístico. O artista apresenta na obra literária a sua visão perante seus anseios e exerce uma postura diante do mundo e das pretensões humanas.

A aspiração pela leitura de textos literários nos trazem grandes benefícios, como:

- a) compreender novos significados;
- b) relacionar textos, autores e estilos de épocas diferentes;
- c) conhecer culturas de povos tão diversos ou até mesmo saber em que período determinado texto foi escrito;
- d) também nos proporciona a reflexão, pensamentos, sentimentos, emoções, apurando a nossa sensibilidade, o sonho e a imaginação.

O texto literário deve ser o ponto de partida, a compreensão e a formação para o estudo de um leitor crítico. Para isso, deverá sempre relacionar tudo o que lê, com o mundo que o cerca, compreendendo a diversidade de significados. Dessa forma, podemos dizer que a linguagem literária amplia a capacidade de compreensão do mundo, uma vez que estamos rodeados de linguagem. Assim, para cada leitura, devemos eleger um propósito comunicativo, que segundo Carvalho e Baroukh (2018) constitui-se de:

Propósitos leitores. Não lemos todos os textos da mesma maneira e nem com os mesmos propósitos. Pode-se ler para estudar, por exemplo, como acontece com textos informativos e científicos; ler para se divertir ou para se emocionar, como costuma acontecer com a leitura de ficção ou de poesia; ler para dramatizar, caso dos roteiros

de teatro e cinema. Na tarefa de formar leitores, precisamos dar conta desses propósitos, que devem fazer parte do cotidiano escolar de maneira contextualizada e com sentido (CARVALHO & BAROUKH, 2018, p. 14).

Em qualquer lugar, a qualquer momento, estamos recebendo mensagens e informações que são transmitidas por meio de diferentes tipos de linguagem, sejam elas verbais e não verbais. Cabe ao leitor crítico, saber interpretar cada texto e lidar com os níveis de significação das suas palavras, nos diferentes contextos. Assim, a partir das leituras que se faz, a linguagem do aluno-leitor desenvolve-se e suas relações com o contexto histórico-cultural servirão de suporte para o processo de ensino-aprendizagem. Ainda para Carvalho e Baroukh (2018):

O processo de formação de leitores envolve, antes de mais nada, uma mudança de perspectiva na vida de uma pessoa, que passa a ter acesso a muitas informações em um mundo letrado. Ainda que atualmente muito do que conhecemos nos alcance por meio das mídias audiovisuais eletrônicas, reconhecemos que a escrita ocupa um lugar importante em nossa cultura. O fato de ser ou não alfabetizado possui relação direta com o próprio modo de pensar do sujeito (CARVALHO & BAROUKH, 2018, p. 12).

Para nos formarmos como insígnis leitores, passamos por vários processos, pois não existe uma fórmula pronta e acabada que possamos seguir para despertar este interesse. Este gosto do sujeito pela leitura, em especial a literária, cada um descobre ao longo do seu processo de formação. Porém, duas instâncias formadoras podem contribuir e muito no desenvolvimento deste potencial leitor: a família e a escola.

A família é o primeiro contato que as crianças têm em relação ao processo de leitura, quando elas são incentivadas desde cedo, por meio da leitura proporcionadas pelos adultos a sua volta, elas desenvolvem mais rapidamente o conhecimento, a recreação, a informação e a interação necessária com o ato de ler, podendo, assim, este influenciar de maneira positiva no seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Por isso, é de suma importância a valorização do texto literário no ambiente familiar. Logo, quando essa criança, por algum motivo, não teve esse acompanhamento familiar em relação à leitura, cabe à outra instância formadora (a escola) o papel de conceber ao sujeito o prazer de se tornar um exímio leitor. Além disso, ela tem também o papel de legitimar o texto afirmando-o como sendo da esfera literária. Nessa condição, Lajolo (2001) afirma que:

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário de obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sacralização ou desqualificação de obras e autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária (LAJOLO, 2001, p. 19).

Pelo exposto, é fundamental compreendermos que a escola tem uma função deveras importante no desenvolvimento dos seus educandos. Por isso ela deve sempre estar cuidada, valorizada e equipada para oferecer condições efetivas de ensino-aprendizagem aos alunos.

Para desenvolvermos o texto literário em sala de aula, o que Cosson (2017) chama de “interação do leitor com o texto”, alguns procedimentos são necessários para chegarmos neste propósito, que aqui chamamos de “estratégias para com o texto literário”. Estratégias são modos desenvolvidos para alcançar algum objetivo ou aspecto definido. Uma habilidade, astúcia, esperteza ou ainda artifícios, os quais o professor deve apropriar-se em busca de realizar um efetivo trabalho com a leitura literária em sala de aula.

Para isso, as atividades de letramento foram elaboradas considerando *As estratégias de leitura e escrita* desenvolvidas por Cyntia Giroto e Graziella Souza, no livro *Ler e Compreender: Estratégias de leitura*, organizado por Renata Junqueira de Sousa (2010). Usamos também conceitos provenientes do Livro *Círculos de Leitura e Letramento Literário* de Rildo Cosson (2017), o qual trata também sobre estas estratégias e; os laboratórios de leituresscrita propostos por Alexandre Pilati (2018). E em que consiste tais acepções?

O conjunto de estratégias pode variar de acordo com o autor, Cyntia Giroto e Renata Sousa desenvolveram as seguintes: ativação, conexão, inferência, visualização e sumarização. Para promover essas estratégias em sala de aula, elas ainda propõem um conjunto de oficinas que podem ser adaptadas à realidade escolar, que são: oficina de leitura, aula introdutória, prática guiada, leitura independente, partilha em grupo e avaliação. Para Souza & Giroto (2010) as atividades devem ser estruturadas por meio do letramento ativo, pois

Salas de aula que promovem o letramento ativo têm alunos entusiasmados e interessados, pois os professores não são os únicos a falar e dar opiniões. As ideias e pensamentos dos alunos são considerados. As crianças conversam entre si, dialogam com o texto, deixam pistas de seus pensamentos, questionando, fazendo conexões, inferindo, discutindo, debatendo. Portanto, aprendem inquirindo ativamente durante o dia a dia na escola e, invariavelmente, integrando-se a círculos de leitura (SOUZA; GIROTO, 2010, p. 48).

A partir disso, compreendemos que o ambiente de sala de aula deve ser de interação entre professor-aluno, para que ambos nessa relação possam construir efetivamente ensino e aprendizagem. As autoras Sousa e Giroto dividem seus fundamentos em: estratégias e oficinas de leitura, assim constituídas:

- a) **Ativação:** momento de levar o aluno a refletir sobre suas vivências acionar seus conhecimentos prévios e relacionar o texto lido com outros textos. Cosson (2017) diz que

é a ativação do conhecimento prévio que funciona como uma estratégia-base. Essa estratégia é importante na realização de todas as outras.

- b) **Conexão:** as conexões texto-leitor, texto-texto, texto-mundo são importantíssimos para a compreensão dos textos. Para Cosson (2017), o leitor estabelece associações pessoais com o texto.
- c) **Inferência:** trabalhar essa estratégia com os alunos é essencial; levá-los a ler nas entrelinhas, chegar a uma conclusão, deduzir, buscar uma ideia a partir de um dado texto ou tema, levando-os a compreender aquilo que estão lendo. Segundo Cosson (2017), consiste em reunir pistas dadas pelo texto para se chegar a uma conclusão ou interpretação do que se está lendo.
- d) **Visualização:** essa estratégia é diretamente ligada à inferência. Quando lemos, criamos imagens e vamos visualizando o que o texto está demonstrando. Essa imagem é crucial para o desenvolvimento da imaginação do leitor. Cosson (2017) afirma que, como bem diz o termo, passa pela construção de imagens mentais sobre o que se está lendo.
- e) **Sumarização:** é aprender a determinar a importância, é buscar a essência do texto. É ensinar aos alunos a encontrar as ideias centrais do texto compreendendo mais facilmente o evocado em relação ao seu sentido. Cosson (2017) profere que é a seleção dos elementos mais importantes de um texto. Pode ser ensinada por meio de anotações nas margens dos textos, palavras e anotações que são essenciais para o entendimento daquele texto.

Além das estratégias de leitura, elas ainda abordam o que denominam de “oficinas”, que se constituem de:

- a) **Aula introdutória:** é o momento em que o professor explica aos alunos como o trabalho será desenvolvido.
- b) **Prática guiada:** o professor faz um reconhecimento da turma e divide os alunos em pequenos grupos de no máximo seis componentes. Estes grupos são temporários podem mudar conforme o desenvolvimento do trabalho e apresenta os textos que serão trabalhados.
- c) **Leitura independente:** a leitura independente é muito importante pois é o primeiro momento que os alunos tentam seguir o trabalho sozinhos, ou seja, leem individualmente e silenciosamente fazendo o reconhecimento dos textos. Porém, sempre com a atenção do professor.
- d) **Avaliação:** todo trabalho precisa ser avaliado pois esse é um momento importante, a hora do professor avaliar como o trabalho está sendo desenvolvido, se está produzindo efeitos para poder prosseguir com as outras atividades.

Cosson (2017) complementa dizendo que:

Para ensinar essas estratégias, as autoras sugerem que o professor adote os seguintes passos. Primeiro, o professor mostra brevemente aos alunos como ele processa a leitura, ou seja, explícita e demonstra determinada estratégia. Depois, com os alunos em grupos em uma prática guiada ou leitura independente, eles mesmos tentam colocar em prática ou reconhecer a estratégia no seu processo de leitura. Ao final da aula, o professor retoma, também brevemente, aquela estratégia avaliando com os alunos o que conseguiram realizar (COSSON, 2017, p. 118).

Embasamo-nos nessas estratégias de leitura, assim como nas oficinas, pois observamos que são instrumentos favoráveis ao desenvolvimento do letramento literário em sala de aula. Além das estratégias, nos apropriamos dos laboratórios de leituraescrita, nomeado por Alexandre Pilati, pois são estudos voltados ao trabalho com a poesia em sala de aula por meio dos poemas.

O nome laboratório “Leituraescrita” é fruto da união de três palavras: leitura, escrita e crítica, as quais não podem faltar numa sala de aula que deseja “descolarizar” o ensino de literatura. A união em um termo de leitura, escrita e crítica, sugere melhor a indissociabilidade destas práticas no contexto do ensino de literatura. Para haver uma aula de literatura, possibilitamos de uma disposição crítica e voltada, também, para a escrita.

Assim, lendo criticamente, convertendo as leituras da palavra e do mundo da escrita, seja ela poética ou não, estaremos mais visceralmente vinculados ao território de especificidade daquilo que nomeamos como o campo de conhecimento próprio da literatura. É através da obstinada busca de promover práticas de Leituraescrita que o professor poderá criar um ambiente de aprendizagem significativa e, também, de produtiva criatividade no contexto da aula de literatura.

Dentre os seis laboratórios propostos por Pilati (2018), nos atemos aos seguintes:

Laboratório 01: “Poema, poeta e poesia”, como papel de aquecimento, discute conceitos acerca dessa tríade, pois, para que haja a escrituração do texto, o poeta deve conhecer as suas características.

Laboratório 02: “Poesia o quê?”, é a continuação do laboratório 01, ampliando os conceitos acerca da natureza e da função da poesia.

Assim, esses elementos, os quais abordamos anteriormente, são o passo a passo no qual utilizaremos para desenvolver a prática em sala de aula. E, em seguida, trataremos sobre a poesia, em especial, sobre os poemas, definindo suas principais características.

2.3 POESIA

A origem da poesia confunde-se com a origem da nossa própria história, as primeiras manifestações literárias surgiram por meio da linguagem oral, já que a escrita surgiu muito tempo depois, há aproximadamente cinco mil anos. A necessidade de aprovação, as trocas de conhecimentos, os registros deixados pelas sociedades – por meio de símbolos visuais e figuras –, foram passando de geração a geração, ocorrendo também o desenvolvimento da linguagem verbal escrita. Essas manifestações passaram assim da oralidade à escrita.

Em vista disso, no transcorrer da antiguidade clássica, período que vai desde o século VIII a.C. e se prolonga até o século V d.C. (com a destruição do Império Romano), os textos literários eram divididos em grupos de acordo com as suas formas e funções. Essa divisão permitia, por exemplo, definir algumas regras de escrever os textos, os temas, o número de versos, o ritmo, a escolha de determinadas palavras e outros elementos que estabeleciam os textos. Com o passar do tempo esses grupos foram chamados de gêneros.

O filósofo Aristóteles em sua obra intitulada *Poética*, foi quem estabeleceu as características de cada gênero literário e os dividiu em três espécimes, sempre escritos em versos, os quais são: gênero lírico, gênero épico e gênero dramático; cada um com suas características próprias. Essa divisão feita por Aristóteles seguiu por muitos séculos, influenciou a filosofia grega em detrimento da filosofia romana e ainda serviu de fundamento para a estruturação das literaturas ocidentais. Porém, na atualidade, os conceitos aristotélicos foram transpostos e hoje uma multiplicidade de gêneros são constituídos.

Assim, a poesia para Aristóteles (1996) surgiu pela tendência do homem à imitação e por sua propensa aptidão ao conhecimento e à aprendizagem. Por essa razão, a causa do nascer da poesia está ligada a essa capacidade de transformação que o homem faz ao seu redor; somos seres ligados ao ritmo, à melodia, à sensibilidade, à emoção, à dor, à compaixão, à revolta, elementos que se constituem como a própria poesia.

Paz (1982) destaca que “a poesia é conhecimento, salvação, poder e abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza, um exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo e cria outro; pão dos escolhidos e alimento maldito, isola e une, convite à viagem e retorno à terra natal; inspiração, respiração e exercício muscular; prece ao vazio e diálogo com a ausência; o tédio, a angústia e o desespero a alimentam; oração, ladainha, epifania e presença; exorcismo, conjuro e magia; sublimação, compensação e condensação do inconsciente; expressão histórica de

raças, nações e classes. Nega a história, em seu seio todos os conflitos objetivos se resolvem e o homem finalmente toma consciência de ser mais que passagem”.

Ainda de acordo com Paz (1882), “a poesia é experiência, sentimento, emoção, intuição e pensamento não dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo; a arte de falar de uma forma superior e linguagem primitiva; obediência às regras e criação de outras; imitação dos antigos, cópia do real e cópia de uma cópia da ideia; loucura, êxtase e logos; retorno à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno e do limbo; jogo, trabalho e atividade ascética; confissão. A poesia é experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo”.

O autor citado continua conceituando poesia como a voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todos os rostos, mas há quem afirme que não possui nenhum: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!

A percepção deste crítico literário sobre o que é ser poesia, é magistral; tantas vezes a subestimamos, a reduzimos a um simples texto literário, mas de simples ela não possui nada. A poesia nos instiga, nos excita, provoca, acirra, por meio dela podemos tratar sobre qualquer assunto, faz-nos transcender, ir além do limite, das convenções, dos compromissos muitos impostos pela nossa rotina de vida.

As afirmativas deste articulista em relação ao texto poético fazem-nos pensar que estes textos são mais do que leituras superficiais, provoca em nós enquanto leitores a busca pelas profundezas de nosso espírito. Essa relação texto-leitor se apresenta em forma de simbologia de plurissignificações, impetrando em suas emoções, sensibilidades e seus experimentos de vida. Portanto, a poesia é um dos meios de manifestação da percepção do ser, com sua linguagem concisa e muito emotiva, que nos traz prazer e gratuidade nesta relação, seja criança ou adulto, os quais sempre nos encontramos num processo de construção.

Hoje quando pensamos em Poesia, o nosso senso comum nos faz conjecturar logo sobre o uso de Poemas, mas existe diferença entre os dois. A poesia é muito mais abrangente, ela vive por meio dos poemas, porém não somente por obra deles, é considerada *práxis* vital porque, como as outras artes, é capaz de refletir e de produzir a humanidade dos seres humanos. De acordo com essa definição,⁸ haverá poesia sempre que, criando ou fazendo coisas, somos

⁸ PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2018.

dominados pelo sentimento do esplêndido, sempre que nos emocionarmos com lugares, pessoas e objetos. Segundo Paz (1982),

Nem todo poema – ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia... Um poema é uma obra. A poesia se polariza, se congrega e se isola num produto humano: quadro, canção, tragédia. O poético é poesia em estado amorfo: o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia se recolhe, se revela plenamente. É lícito perguntar ao poema pelo ser da poesia, se deixamos de concebê-lo como uma forma capaz de se encher com qualquer conteúdo. O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, que suscita ou emite poesia (PAZ, 1982, P.16-17).

É a arte praticada pelo poeta, este “é o fio condutor e transformador da corrente poética” (PAZ, 1982, p. 16), é também o conjunto artístico e poético de um grupo, de uma época: a poesia moderna. Segundo Sorrenti (2013, p. 58-59) “Poesia é o nome genérico que se dá ao gênero lírico, designando também a produção poética de um poeta. Ex.: a poesia de Drummond; a poesia de Bandeira; a poesia de Cecília”. O mesmo discorre que:

A poesia (conteúdo) não se manifesta apenas por meio do poema (forma). É possível encontrá-la em diversos tipos de texto que, não seja necessariamente poemas. Pode-se reconhecê-la na pintura, na música, num pôr de sol, numa flor nascida entre as asperezas das pedras. Isso porque: “Poesia é a qualidade de tudo o que toca o espírito provocando emoção e prazer estético”. Ele ainda acrescenta: “enquanto poesia é um elemento abstrato, o poema (a combinação de palavras, versos, sons e ritmos ...) é um elemento concreto (SORRENTI, 2013, apud MAIA 2001, v. 3, p. 02).

A poesia, portanto, pode estar nos lugares, nos objetos e nas pessoas, ou seja, no nosso olhar do cotidiano. É um leque de possibilidades que nos leva a sua contemplação. Podemos, ainda, assim, descobri-la numa paisagem, numa pintura, numa foto, na dança, num gesto, e ou, até mesmo, nos textos narrativos como o conto e o romance. Dessa forma, constatamos que não são somente os poemas que podem ser considerados como poesia, mas toda expressão artística que envolva emoção, sentimentos, anseios, busca por direitos.

O espaço escolar está diretamente ligado ao uso dos poemas, é comum vermos alunos lendo os livros de poemas encontrados na sala de leitura. Principalmente aqueles que a temática diz respeito ao amor, amizade, à natureza. Apesar dessa facilidade de encontrarmos estes textos na escola, a leitura é sempre de maneira superficial, a estrutura física se torna mais evidente do que a busca pela essência do texto em si. E por que isso ocorre?

Na escola, o texto poético fica em segundo plano, pois existem professores que prezam em ocupar-se principalmente com o uso da gramática, do que com os textos que prezam pela

emoção, pressuposto de suma importância para trabalhar-se com poesia. Sorrenti (2013) afirma que:

A escola, agindo assim, pode sufocar a imaginação criadora dos alunos ou, se não a sufoca, enfraquece-a, em vez de estimular sua capacidade de criar. Independentemente de sua condição social, a criança existe em estado de poesia até que esbarra na sistematização da linguagem: a escola se põe a ensiná-la a medir sílabas, a grifar substantivos do poema, a circular verbos, a encontrar dígrafos, e por aí vai (SORRENTI, 2013, p. 17).

Desse modo, buscamos incentivar no uso desta arte mais do que uma leitura superficial, mas aguçar o interesse dos educandos pela leitura proficiente de poesia e a partir deste princípio sugerir também outros tipos de leituras, pois como professora essa é mais que uma condição, é uma necessidade enquanto mediadora de aprendizagem. No entanto, para medirmos esta ciência com excelência, nos propusemos a compreender mais detalhadamente tais princípios poéticos, pois como nos assegura Antonio Candido (1995), o texto literário tem o poder da humanização, então o que estamos lendo deve ser mais do que a decodificação da linguagem escrita, deve acrescentar emoção, crítica, perspectiva a nossa vida.

Segundo Bosi (1983, p. 141) “o poder de nomear significava para os hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia. O poeta é o doador de sentido”. Nos primórdios das civilizações, a poesia era comparada à própria criação, à própria origem da linguagem, aos ritos sagrados, sua linguagem tinha o poder de dar ao homem além de conhecimento, sentido e percepção sobre a humanidade, porém, com o passar do tempo, a divisão das ciências e o mundo moderno, ela foi perdendo seu espaço e concomitantemente seu devido valor. Nessa atual conjuntura, Bosi (1983), disserta que:

A poesia vista como uma técnica autônoma da linguagem, posta à parte das outras técnicas, e bastando-se a si mesma: eis uma teoria que estende à prática simbólica o princípio fundamental da divisão do trabalho e o exalta em nome da maior eficiência do produto (BOSI, 1983, p.147).

A poesia possui sua exclusiva linguagem, mas assim como as outras linguagens, teve de adaptar-se ao longo dos tempos e resiste ao contemporâneo para não se transformar em apenas conteúdo que sirva para gerar lucros; mas, guarde em si sua essência, procurando além de beleza estética, anseio, como também transmitir mensagens, motivos, temas que contemplem no texto um testemunho da crítica social, moral e política. Partindo desses conceitos, trouxemos a seguir dois poemas que abordam temáticas específicas e que exemplificam essa multiplicidade de

sentidos pelos quais a poesia se ramifica: *Flor de todos os tempos*, de Manuel Bandeira (1983, p.411) e *Soneto da Separação*, de Vinícius de Moraes:

Flor de todos os tempos

Dantes, a tua pele sem rugas,
A tua saúde
Escondiam o que era
Tu mesma.

Aquela que balbuciava
Quase inconscientemente:
“Podem entrar”

A que me apertava os dedos
Desesperadamente
Com medo de morrer.

A menina
O anjo.
A flor de todos os tempos.
A flor que não morrerá nunca.

Na análise de Bosi (1997), o poema diz que: “A poética da libertinagem mantém-se viva nas obras de Bandeira, onde não raro um ardente sopro amoroso envolve as imagens femininas, deixando-os porém intactas e nimbadas de uma alta e religiosa solicitude”. Encontramos no poema de Bandeira o tema do amor feminino, que se materializa por meio do belo, da inspiração, da poesia.

Soneto de separação

De repente do riso se fez o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

MORAES, Vinicius de: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/vinicius-de-moraes/soneto-da-separacao.html>. Acesso em: 12/12/2020.

A poesia de Vinicius de Moraes é povoada de ecos camonianos, caracterizada pela manifestação da subjetividade do eu lírico, expressando sentimentos, emoções. No *Soneto de separação*, o eu lírico sofre por uma separação que aconteceu de repente; o poema quer demonstrar o sofrimento deste ser e o impacto da separação na vida das pessoas, por meio de antíteses que opõem as ideias de riso e alegria transformando-se em pranto, dor e tristeza.

Antes da separação, o eu lírico era feliz, agora é triste, melancólico. Nestes exemplos, podemos perceber a grandeza de temas que a poesia, em especial os poemas, evoca. Essa grandiosidade que os textos demonstram devem ser apontados e trabalhados em sala de aula.

Como vimos, existem inúmeros conceitos para poesia a partir da visão de estudiosos sobre o assunto, mas convém destacar que os próprios poetas no ato de suas criações também deram conceitos peculiares sobre o que é ser poesia. Sendo assim, elencamos os seguintes conceitos:

Poesia sob o prisma de José Paulo Paes (1989, p.03):

Convite

Poesia
é brincar com as palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais ficam novas

Como água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia

Vamos brincar de poesia?

Neste poema, Paes conceitua poesia como parte do cotidiano, a brincadeira com as palavras, quanto mais você brinca, mais elas se renovam, a poesia não se gasta, se reinventa. Apesar de falar sobre as brincadeiras de criança, temos um texto que se inclina a todos os tipos de leitores, pois o poema incentiva a leitura de poesia, haja vista que como é fácil brincar, também é fácil de entender e escrever poesia.

Poesia sob o prisma de Ana Elisa Ribeiro.

Poesia vã

Poesia é vaso de rosa
Na janela dos fundos:
tanto faz.
Mas com ela
mais bela a janela.

O eu lírico construído pela poetisa compreende que a poesia tem a sua inutilidade, com tristeza e apatia, porém entende que sem ela a nossa vida ficaria sem beleza, felicidade.

Poesia sob o prisma de Garibaldi Nicola Parente:

A POESIA

A poesia não se escreve.
Ela se lança evanescente
D'alma do poema liberta-se
Nos ares visares em cada mente.

O real da realidade nada cria no poema
O poema é matéria na forma da forma.
A poesia é a não-matéria solta no ar
Por isso não se escreve poesia.

Por isso o poema poético é multicolor
Multímido múltiplice múltívolo
Nas andas dos andares mais além
Informe em qualquer razão textual.

A poesia é volátil em volume de vogar
Na volúpia do voar volúvel
Em qualquer texto seja na prosa
No épico ou no diálogo teatral.

O texto poético arvora-se árvore
Nasce no sementar das sementes
Cresce no enramar dos ramos
Folha no enfolhar das folhas
Floresce no florar das flores
Frutifica no frutar dos frutos.

Por isso a poesia não se escreve
Na lida do texto poético
A poesia é semente ramo folha
Flor fruto de uma árvore imaginária.
Nascida na semente da palavra
Plantada no segredo da linguagem.

PARENTE, Garibaldi Nicola. Disponível em:
<https://www.facebook.com/garibaldi.parente>. Acesso em: 11/12/2020.

em:

Garibaldi busca, em neologismos, conceitos para poesia; afirma que a mesma é livre, que vive por si só e não precisa estar presa a um produto para se materializar, pois ela é inconstante, épica, se enrama, se enfolha, floresce, frutifica, ou seja, envereda-se por todos os caminhos. São como pontes que nos levam a outros cantos cheios de possíveis significados. Nascida da palavra, cria em nós, expectadores, a busca pela sua identidade, seu cerne e essência.

Poesia sob o prisma de Manoel Wenceslau Leite de Barros.

Matéria de poesia
Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevrolet gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Cada coisa sem préstimo tem seu lugar
na poesia ou na geral

BARROS, Manoel Wenceslau Leite de. Disponível em:
<https://poetisarte.com/autores/manoel-de-barros/materia-de-poesia>. Acesso em:
10/12/ 2020.

Manuel de Barros aponta neste breve trecho do metapoema, que o processo da criação literária desponta de qualquer ponto do cotidiano, o simples, o banal e o corriqueiro podem tornar-se poesia. Assim, ele fala sobre o cuspe, o homem, o chevrolet, o bule sendo temas para criar-se poesia.

Entendemos e reiteramos que o trabalho com poesia é mais abrangente do que imaginávamos pois são textos literários que têm sua suntuosidade, beleza, imponência, elementos muito significativos, os quais devem ser considerados no compartilhamento com os nossos educandos. A linguagem poética apresenta-se em múltiplas linguagens, neste trabalho vamos nos ater a uma delas: os poemas.

Os poemas são textos poéticos que têm a função de despertar-nos sensibilidades, anseios, dores, paixões, alegrias, tristezas, múltiplas emoções. Para Sorrenti (2013, p. 59)

“é uma composição poética em verso [...] O poema bem feito é um condutor de poesia. Por meio dele, nós a encontramos frequentemente”. Desse modo, compreendemos que os poemas estão contidos dentro da poesia, mas não são a única forma de poesia. Ainda convém destacar que esse termo vem do latim *poema*, que significava “composição em verso, comédia ou peça teatral”, e do grego *poiéma*, que significa “o que se faz, manual, criação do espírito ou invenção”. Portanto, poema é a poesia que se organiza por meio das palavras. Para Pignatari (2006):

Todo poema autêntico é uma aventura – uma aventura planejada. Um poema não quer dizer isto nem aquilo, mas dize-se a si próprio, é idêntico a si mesmo e à dessemelhança do autor, no sentido do mito conhecido dos mortais que foram amados por deusas imortais e por isso sacrificados. Em cada poema ingressa-se e é-se expulso do paraíso. Um poema é feito de palavras e silêncios. Um poema é difícil. Adão. Sísifo. Orfeu (PIGNATARI, 2006, p. 19).

Os poemas são textos que além de serem sublimes, tratam dos mais variados temas: a fome, a mulher, o desejo, o carnal, o amor, a morte. São geridos pelos poetas com o intuito de aguçar a nossa mais profunda sensibilidade, é um misto de prazer, delírio, imaginação. Podendo nos arrebatam a um mundo mágico de fantasias e inconstâncias. Mas, também, podem nos levar a observar o ambiente social por um olhar diferente, buscando por meio da poesia que eles evocam outros entendimentos, questionamentos ou, até mesmo, soluções para os inúmeros problemas que nos afligem na dura realidade do nosso dia a dia.

Estes textos poéticos são obras de arte que, em inúmeras vezes, lemos pelo nosso prazer, deleitando com a beleza, imponência e protesto que eles nos proporcionam. Mas é relevante também aprendermos a reconhecer quais elementos compõem a sua estrutura? Quais são, então, as suas principais características?

O seu arcabouço é desse modo constituído por verso, estrofe, ritmo, rima, disposição gráfica, eu poético, eu lírico e as figuras de linguagem. Paz (1982, p. 18) profere que “o poema é único, irreduzível e irrepetível. Assim, cada texto construído traz em si sua singularidade, sua excentricidade, sua individualidade. Ainda segundo o autor, o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem pois o poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia”.

Lajolo (2001) diz que o poema é um jogo com a linguagem. Compõe-se de palavras soltas, palavras empilhadas, palavras em fila, palavras desenhadas, palavras diferentes da fala do dia a dia. Daí surgem por meio da imaginação do poeta vários tipos de poemas como: os

sonetos, *hakais*, *limericks*, os com versos livres, versos em branco, os poemas concretos e os visuais.

De acordo com Cortez e Rodrigues (2005), o poema funciona, de fato, como uma caixa de mil ressonâncias onde pulsa cada fonema, cada palavra, cada frase. Assim, o poema constitui-se como uma expressão singular de poesia, provocando em nós leitores dessa arte inteligências, perspicácia, sagacidade e sensibilidades.

O poema, por ser o gênero literário que provoca em nós múltiplos olhares e horizontes, faz com que vários autores defendam seu uso em sala de aula. Pinheiro (2018) diz que os poemas abordados em sala de aula devem buscar temas que discutem a realidade social, textos que abordem preconceitos sociais, étnicos e de questões de gênero que provoquem e contribuam para a formação do leitor literário. O mesmo discorre que:

As pessoas suspeitam às vezes de qualquer poesia como um propósito particular, isto é, a poesia em que o poeta defende conceitos sociais, morais, políticos ou religiosos, assim como outras pessoas julgam amiúde que determinada poesia seja autêntica só porque exprime um ponto de vista que lhe apraz. [...] a poesia tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção, e esse sentimento e emoção são particulares (PINHEIRO, 2018 apud ELIOT, 1991, p. 17-18).

Daí a importância do uso em sala de aula, a fim de oferecer aos nossos alunos mais que decodificação da estrutura do texto, mas também que o gênero leve eles a pensar, criticar e questionar a realidade social na qual estão inseridos; além de levá-los, também, a produzir literatura. A escola deve ser o espaço que não deve anular as possibilidades de criação e invenção, haja visto que uma das funções da escola é de potencializar e energizar a interação dos estudantes com a linguagem poética. Os poemas são ferramentas para além da beleza, são mecanismos de construção para uma sociedade que busca por mais direitos justos e igualitários.

Nesse sentido, Pilati (2018) destaca que na maioria das vezes, apenas uma miragem desse potencial estético humanizador da linguagem poética não é o suficiente. Esse potencial vital se arruína quando se leva a poesia à sala de aula de um modo meramente protocolar, recorrendo à instrumentalização técnica, a nomenclaturas teóricas complicadas e a esquematizações históricas vulgares. Assim sendo, Sorrenti (2013) afirma que para a poesia ser desenvolvida na escola de modo eficaz não basta apresentarmos textos de qualidade, o entusiasmo do professor ou mediador, que seja sensível ao texto poético tornar-se-á o grande iluminador do encontro texto-leitor, pois ele é peça importante na formação do gosto pela poesia.

Nesse âmbito, é indispensável, enquanto professores, trabalharmos com a poesia em sala de aula enquanto construção estética, à qual propicia a criação de plurissignificações e nos permite ser ou, como afirma Octavio Paz (1982, p. 85): “A poesia é entrar no ser”. De forma que faça sentido tanto para nós enquanto mediadores de leitura e aprendizado, assim como para nossos alunos, pois os desafios são gigantescos, mas com força de vontade e trabalho podemos sim construir uma ponte de ligação entre o texto literário e o nosso cotidiano.

3 TRAÇADO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa metodológica abordada no projeto é a pesquisa-ação, pois ela é o tipo de investigação que, segundo Tripp (2005, p. 446), “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”. Inclusive, é um extraordinário componente na vida de um docente, pois partir dela buscam-se contribuições para este aprimorar a sua prática, até mesmo como soluções para seus inúmeros problemas, dado que o professor deve ser um exímio pesquisador. No que tange à essa discussão, André (2001) alega que muitos autores discutem as propostas da formação do professor pesquisador, e eles chegam num consenso de que

Essas proposições têm raízes comuns, pois elas valorizam a articulação entre teoria e prática na formação docente, reconhecem a importância dos saberes da experiência e da reflexão crítica na melhoria da prática, atribuem ao professor um papel ativo no próprio processo de desenvolvimento profissional, e defendem a criação de espaços coletivos na escola para desenvolver comunidades reflexivas (ANDRÉ, 2001, p. 57).

Na produção de trabalhos acadêmicos, como uma dissertação de mestrado, a pesquisa é essencial pois, ainda segundo o autor,

O domínio, pelo professor, de procedimentos de investigação científica como o registro, a sistematização de informações, a análise e comparação de dados, o levantamento de hipóteses e verificação, por meio dos quais poderá produzir e socializar conhecimento pedagógico (ANDRÉ, 2001, p. 66).

Ou seja, não é meramente pesquisar algo superficialmente, mas instigar e investigar para chegar ao final do processo numa efetiva possibilidade de mudança ou ao menos de intervenção da sua realidade.

Desse modo, compreende-se a absoluta importância da pesquisa para este trabalho. Há a existência de vários tipos de investigação, como bibliográfica, documental, de campo, entre outras. Contudo, para a dissertação em questão, foi escolhida a pesquisa-ação; assim, não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados, assim como sugere Thiollent (2011, p. 21): “desempenham um papel ativo no equacionamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”. Para Tripp (2005, p. 445), “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o

desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

No cotidiano escolar do docente, inúmeras indagações surgem sobre a sua prática social, a qual inúmeras vezes, não se tem a devida solução. O professor, então, se apresenta como um investigador e nesse entremeio a pesquisa-ação é muito conveniente, pois ela alia justamente teoria e prática. De acordo com Thiollent (2011):

Um dos principais objetos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. [...], os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico as situações no qual o participante tenha vez e voz. (THIOLLENT, 2011, p. 14).

Para ser bem desempenhada, a pesquisa-ação se ampara de alguns artifícios, o docente faz uma reflexão sobre o que está lhe incomodando em sua prática social, em seguida, faz-se um diagnóstico dessas situações, propõe-se uma ação de intervenção e, conseqüentemente, uma avaliação sempre relacionada a essa realidade social vivida por ele.

Diante disso, Barbier (2004) expõe que:

Se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. Ela está mais interessada no conhecimento prático do que no conhecimento teórico (BARBIER, 2004, p. 20).

Em se tratando de pesquisa-ação, o Profletras – Programa de Mestrado Profissional em letras – é um excelente exemplo de como aliar teoria e prática dentro da escola. Por meio deste programa, a literatura ganhou espaço significativo, pois professores da rede pública de ensino são levados a estudar teorias durante o curso e voltá-las à sala de aula. A partir disso, inúmeros pesquisadores buscam em textos literários essa ponte de ligação. Por conseguinte, buscamos como contribuição trabalhos que versem sobre literatura, especificamente sobre Poesia em sala de aula, os quais foram desenvolvidos em várias universidades em que o programa é estabelecido e que possuam essa configuração com a prática desenvolvida no ambiente escolar. Assim temos:

- Samara Santos Araújo / Portugal e Brasil: um estudo da poesia de Camilo Pessanha Comparado e Maranhão Sobrinho à luz da Literatura comparada. Um trabalho tem como

objetivo investigar a relação simbolista portuguesa e brasileira com a poesia simbolista maranhense, dissertação produzida na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís (2015).

- Icaro Rodrigues Rocha / Letramento literário: Uma experiência de leitura literária no ensino fundamental. O trabalho tem como objetivo promover e articular o letramento literário com o *corpus* do universo literário negro estabelecendo um diálogo entre os gêneros *rap* nacional e o poema afro-brasileiro, dissertação produzida na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora (2009).

- Denilma Diniz Botêlho / Poesia Performance e Recepção: um jogo de recusa e sedução entre texto e leitor. O trabalho tem como objetivo efetivar a sistematização de experiência de leitura por meio de uma sequência didática, propostos por Aguiar e Bordini (1998). A dissertação foi produzida na Universidade de Campina Grande, em Campina Grande (Paraíba), em 2015.

- Dayane da Silva Grilo / Educação da infância pela poesia de Manoel de Barros. Este fora desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal no ano de 2017, tem como objetivo investigar a recepção estética das crianças à leitura da poesia de Manoel de Barros.

- Camila Flávia Soares de Figueiredo Mendes / Leitura literária no 6º ano: Uma experiência com a antologia de poemas que escolhi para crianças; de Ruth Rocha. Esse trabalho tem por objetivo trabalhar a sequência básica do Cosson (2017), adaptando ao gênero poema; desenvolvido na Universidade Federal do Rio grande do Norte, em Natal, no ano de 2018.

- Francisca Vânia Rocha Nóbrega / Da leitura à poesia: da poesia à leitura. Este texto tem como objetivo apresentar a poesia como ferramenta didática e pedagógica eficiente na aquisição da leitura proficiente nas aulas de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba, em Mamanguape (Paraíba) no ano de 2016.

Muitos professores e como tais estudantes do Profletras, tiveram esse olhar voltado ao estudo da poesia como ferramenta para versar sobre literatura na elaboração de seus trabalhos, construindo assim percepções, conhecimentos, cognições e aprendizagem.

Além dos trabalhos desenvolvidos no rol das universidades, temos livros, filmes, documentários que são produzidos a partir das experiências desenvolvidas em sala de aula, como exemplo, citamos os livros do autor Rildo Cosson, que busca explorar as suas temáticas, como o letramento, a partir das experiências dos professores dentro da escola.

Quanto aos aspectos metodológicos, a metodologia da pesquisa-ação, a qual utilizamos neste trabalho, foi muito oportuna, pois as poucas oficinas que conseguimos executar nos

mostraram o quanto é importante buscarmos novas formas de se abordar o texto literário no ensino fundamental. Observamos também que desse modo, o trato com os alunos foi muito proveitoso e satisfatório, levando-nos a compreender com mais facilidade as atividades propostas por meio das oficinas de leitura escrita.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE TAILÂNDIA-PA: LÓCUS DA PESQUISA-AÇÃO

O Município de Tailândia surgiu nos primórdios da década de 1970 por ocasião da construção da rodovia PA-150, que corta o Estado do Pará de norte a sul. Tal fato foi um dos principais motivos que contribuíram com os conflitos pela terra entre fazendeiros – que buscavam incentivos fiscais junto à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), grileiros⁹ e posseiros.¹⁰

Em julho de 1978, questões importantes foram decididas, como a escolha do Padroeiro católico da cidade, São Francisco de Assis e, por sugestão do Tenente Coronel Pinheiro; o nome oficial da então Vila Tailândia, cuja a tradução significa “Terra da Liberdade”, fora escolhido, em comparação com os conflitos da cidade com os que ocorriam no país asiático Tailândia, que passava por uma guerra civil e de fronteiras.

O município possui 37 anos de existência (sendo 26 de emancipação), inserido dentre os mais jovens municípios paraenses. Situa-se na mesorregião do nordeste paraense, mais precisamente na Microrregião do Baixo Tocantins e limita-se ao norte com o Município de Acará, a leste com Tomé-Açu, ao sul com o Município de Ipixuna, a Oeste com Moju e a sudeste, com o Município de Paragominas. No início de 2008, o município foi submetido a “Operação Arco de Fogo”, fato que decididamente corroborou para o acréscimo do índice de desemprego local.

A Operação Arco de Fogo, foi, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos políticos e sociais que já aconteceram neste município. Tailândia foi colonizada pela política implementada durante a ditadura militar de “Integrar para não entregar”. Desse modo, eram oferecidos incentivos às pessoas de outros estados, como doação de terras para virem construir suas vidas neste local. Devido isso, muitos migraram para a cidade com tudo o que tinham para produzir na região, o que fez surgir as grandes madeireiras e a larga escala de produção do

⁹ Pessoas que se apossavam da terra para fins especulativos e reserva de valor.

¹⁰ Trabalhadores rurais e pequenos proprietários que se estabeleceram na terra e acompanhavam a abertura da estrada.

carvão vegetal, com destino as grandes siderúrgicas de ferro gusa, em Marabá. Com isso, durante vários anos, houve uma grande devastação da floresta. Tais atividades econômicas configuravam-se como as principais fontes de rendas dos trabalhadores do município.

A partir do Governo da senadora Ana Júlia Carepa, houve uma preocupação para com esta conjuntura e a partir deste panorama fora desencadeada a Operação Arco de Fogo, a qual tinha como objetivo desarticular essa intensa exploração madeireira. Então, uma força tarefa constituída pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Forças Nacionais e Polícia Federal fora montada e Tailândia foi a primeira cidade por onde a operação começou. Muitos conflitos ocorreram entre os locais e a força tarefa, o prefeito da época tentou intervir, mas nada pôde ser feito; portanto, a maioria das serrarias e carvoarias foram fechadas, trazendo muitos transtornos a grande parte da população. Como consequência, a população ficou sem empregos e consecutivamente sem renda, culminando no êxodo de muitos cidadãos para outros lugares.

Quando cheguei em 2009, para trabalhar no município, a operação estava recente e ouvíamos falar do desespero das pessoas por não saberem o que fazer de suas vidas. O governo prometeu ajuda, mas, infelizmente, isso nunca aconteceu de fato; víamos muitas casas antigas abandonadas, já que muitos trabalhadores migraram da região.

Essa circunstância não só afetou os mais carentes, os donos das serrarias também foram afetados, atingindo a educação de seus filhos. A exemplo disso tem-se a escola onde o nosso projeto está sendo executado; no tempo áureo das madeiras, os filhos dos mais ricos da cidade eram quem estudavam lá, a escola era tida como de elite, pois era necessário muito esforço para conseguir uma vaga para o filho estudar – mesmo essa sendo pública. A escola José Manoel de Araújo era um nome importante na educação do município. Os pais investiam também na escola dos filhos, tínhamos tecnologias que até então nenhuma outra instituição continha. Porém, depois dessas ocorrências muitas famílias foram embora, e a conjuntura político-social do município mudou significativamente. Assim, aqueles que ficaram tiveram que adotar novos rumos para que toda esta situação pudesse ser deixada para trás.

Tailândia é uma cidade que apesar de ter tido uma recente emancipação, já passou por muitas transformações. Em 2007 foi apontada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) como o município mais violento do Pará e o 7º do Brasil, já em 2008 as pesquisas o apontam como o 6º mais violento do país.

Hoje, a Terra da liberdade encontra-se em pleno desenvolvimento, pois possui um grande potencial econômico proveniente da floresta tropical, fomentada pelo cultivo do dendê e a agroindústria, principalmente pela empresa Agropalma; além de outras atividades

econômicas como agricultura, pecuária, avicultura, piscicultura, entre outras.

O comércio em pleno crescimento e a presença de órgãos fundamentais como correios, bancos, farmácias, supermercados e sistema de tecnologia e telefonia avançada somam-se à consciência de que é preciso mudar/innovar o modelo econômico, incentivando o cultivo de lavouras, com destaque para os grãos de arroz, milho, pimenta do reino, soja, coco, caju – tais atividades estão tecnificando mais o setor rural, desde o modelo de conservação ambiental aos cursos técnicos fornecidos aos trabalhadores. Também há o desenvolvimento agropecuário, com intensificação de pastagens, desenvolvimento de atividades de produção bovina, equina e suína, que dão ao município visibilidade no mercado nacional.

Figura 1 – Município de Tailândia no início de sua urbanização.



Fonte: Portal Tailândia. Disponível em: <https://portaltailandia.com/wp-content/uploads/2015/06/fotos-historicas-tailandia-pa-fundacao-municipio-60.j> Acesso em: 12 jan. 2020.

A pesquisa-ação está sendo implementada neste município, pois em 2007, o atual Prefeito Paulo Jasper, promoveu um concurso público e a pesquisadora deste trabalho foi aprovada, sendo empossada no ano de 2009; desde então, exerço a função de professora em Tailândia na Escola José Manoel de Araújo. Por conseguinte temos a representação do atual município.

Figura 2 – Município de Tailândia atualmente.



Fonte: Portal Tailândia. Disponível em: <https://portaltailandia.com/wp-content/uploads/2015/06/fotos-historicas-tailandia-pa-fundacao-municipio-60.j> Acesso em: 12 jan. 2020.

3.2 O ESPAÇO ESCOLAR E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Como explanamos anteriormente, a pesquisa-ação foi realizada na Escola de ensino fundamental José Manoel de Araújo, a qual possui a seguinte identificação: razão social pertencente à Secretária Municipal de Tailândia (SEMED), à esfera administrativa pública, e tem como modalidade o ensino fundamental maior e o EJA (Educação de Jovens e Adultos). É uma escola de grande porte, pois possui em torno de 1.200 alunos, regularmente matriculados nos turnos matutino e vespertino. No ensino fundamental maior dispõe do 6º ao 9º ano e na modalidade EJA possui as séries 3ª e 4ª etapas.

Dia 16 de março de 2021, a instituição completou 30 anos de fundação, foi a segunda escola a funcionar no município de Tailândia e tem como filosofia, segundo o seu Projeto Político Pedagógico (PPP, p.15), “Garantir uma educação de qualidade, buscando a formação dos cidadãos capazes de reconhecer seus direitos e deveres enquanto indivíduos integrantes da sociedade, sujeitos ao convívio social”.

O PPP é muito enfático, pautando-se nas leis maiores, mas depois de 12 anos como professora nesta escola, percebo que infelizmente não estamos conseguindo alcançar com excelência a filosofia presente no PPP e inúmeros são os motivos: alunos desmotivados;

professores muitos exaustos sem vontade de inovar; a política para a educação no município não corresponde ao que se espera, principalmente em relação à estrutura da escola; falta de acompanhamento familiar, e aqui abrimos um parêntese para falar sobre este período de pandemia: infelizmente muitos pais nunca compareceram à escola para saber como ficaria a vida escolar dos seus filhos, ao final do ano fora atribuído uma nota fantasiosa para tais alunos e agora estão na próxima série tendo estudado praticamente quase nada em 2020; ainda convém lembrar da falta de perspectiva de muitos, principalmente os alunos dos 9º anos, que, ao terminarem o ensino fundamental maior, não enxergam no ensino médio uma ponte de continuação com a visão de chegarem ao nível superior.

A filosofia da instituição está muito bem explanada no papel, mas colocá-la em prática requer um trabalho conjunto, pautado com muita dedicação e esforço, principalmente quando pudermos voltar com aulas presenciais. Contudo, se nos unirmos em prol deste objetivo conseguiremos fazer com que a nossa escola pública seja de fato de qualidade e cumpra sua função, que é de ensino-aprendizagem.

A instituição tem em sua estrutura física, laboratório de informática com 15 computadores funcionando; sala de leitura com vários exemplares de revistas, histórias em quadrinhos, livros de poemas, crônicas, contos de autores da literatura nacional como Clarice Lispector, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade entre outros; sala de recurso, onde são atendidos os alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE); quadra de esportes; 17 salas de aula em funcionamento (algumas climatizadas e outras não) e um espaço de convivência para os alunos usufruírem durante as refeições ou momentos de lazer.

Contudo, esse espaço ainda não é o suficiente, pois é preciso melhorá-lo em muitos aspectos, como a reforma da quadra de esportes, a construção da sala de vídeo, a climatização de todas as salas, haja visto que Tailândia é uma cidade com um clima considerado quente. Além do mais, considera-se necessária a construção de um auditório, onde possamos socializar com os outros as atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

Em 2009 a pesquisadora deste trabalho tomou posse no concurso público, promovido pela Prefeitura Municipal de Tailândia, sendo encaminhada para trabalhar na Escola José Manoel de Araújo. Àquela época, a instituição era considerada umas das melhores do município, sendo modelo de gestão, de profissionais qualificados, o IDEB¹¹ em grande potencial de crescimento e vagas disputadíssimas.

¹¹ IDEB é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

Após a operação Arco de Fogo (ocorrida em 2008), a conjuntura política foi alterada e com isso, ao longo dos anos, a conjuntura da escola também foi se modificando. Tivemos uma constante mudança de governo, gerando um efeito dominó, pois mudava-se direção, coordenação e professores, onde o trabalho iniciado por uns era sempre deixado pela metade diante dos outros que estavam por vim. Posto isto, durante muitos anos e em decorrência dessa política de desvalorização do setor público, a escola passou por um longo retrocesso, um elevado número de evasão escolar, repetência, tráfico de drogas e violência passaram a fazer parte do cotidiano tanto dos funcionários, docentes e, principalmente, dos discentes.

O momento em que as drogas passaram a fazer parte do nosso cotidiano fora um período tenebroso: tínhamos medo de falar, muitos fingiam que nada acontecia e, os que tinham coragem de denunciar os alunos traficantes, faziam às escondidas. No entanto houve um ponto em que a situação ficou insustentável.

Nesse âmbito, porém já no ano de 2018, foi implementado um projeto de reestruturação do ambiente escolar, um projeto antidrogas constituído por palestras com alunos ex-usuários de drogas, psicólogos, policiais e promotores. Tais atividades passaram a fazer parte da rotina escolar, além de uma grande mobilização da comunidade em prol de melhorias de condições de trabalho e, conseqüentemente, alcançar este objetivo que seria a restituição do processo de ensino-aprendizagem.

Em consequência dessa mobilização, tivemos um avanço significativo no ano de 2019, a evasão e a repetência escolar diminuíram bastante, e a soma de esforços da direção, coordenação e professores, além das visitas regulares do grupamento policial, foram fundamentais para que a instituição pudesse novamente trilhar os caminhos de uma hábil educação, onde, hoje, podemos trabalhar num ambiente mais aprazível, tanto para os funcionários, quanto para os alunos.

Ainda assim, precisamos melhorar muito. O olhar deste presente deve ser cauteloso, buscando um futuro em que de fato os nossos anseios como professores de escola pública possam ser satisfeitos, principalmente com melhores condições de trabalho. Que a escola José Manoel de Araújo, onde estou há tanto tempo e que sinto um orgulho enorme de fazer parte de sua história, possa continuar construindo sua cátedra como magnífica escola que é.

A partir desta constituição, abordamos o texto literário neste ambiente escolar, pois este leva em consideração dois meios no ensino da literatura: o leitor e o seu contexto social. Os leitores e sujeitos envolvidos na pesquisa e execução do projeto foram os integrantes da Turma TF: 703, composta por 30 alunos na faixa etária entre 12 e 13 anos. Eles possuíam bom domínio da leitura e da escrita e foram selecionados porque tinham a consciência que poderiam

contribuir de forma positiva para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Esses educandos são integrados com a sociedade em que vivem, usam em seu dia a dia diversos tipos de texto, muito curiosos e sagazes. Todas as atividades as quais propomos a eles foram recebidas hora com contestação, mas também com entusiasmo e dedicação. Apesar de que, em algumas situações, a inércia quisesse tomar conta de alguns, resultando no rompimento com as práticas tradicionais.

Então tínhamos ali um ambiente propício para se trabalhar a leitura literária. Empregamos com eles o letramento literário como procedimento de inserção e descoberta desta leitura. Bem como as estratégias de leitura, onde Cosson (2009) disserta:

O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. Assim como formar sujeitos leitores coesos com o ambiente social em que vivem é essencial. O professor busca conhecer o seu aluno seus traços socioculturais e individuais explorando com e por meio da literatura todo o seu potencial dos sentidos do texto literário (COSSON, 2009, p. 23).

Ao conjecturar sobre estes sujeitos, penso neles como potências, são meninos e meninas que se instigados conseguem produzir muito além do que sugamos deles. Ao praticar as primeiras oficinas, sei que os trabalhos não foram os mais perfeitos, mas só o fato de sentarmos, discutirmos os assuntos, eles darem opiniões, a indagação para com a professora e a curiosidade por não saberem de fato o que seria proposto a eles, fora muito compensador.

Independentemente de qualquer situação os alunos gostam de estar na escola. Esse ambiente de interação é muito importante para o desenvolvimento humano deles, pois além de ato de estudar, eles compreendem que esta pode ser a melhor forma deles mudarem de vida e alcançarem seus objetivos. Diante disso, podemos afirmar que foi satisfatório a execução deste projeto de intervenção sobre leitura literária.

4 POEMAS EM SALA DE AULA: PRATICANDO POESIA COM ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este capítulo é a mostra do trabalho desenvolvido em sala de aula durante as oficinas de leitura, criação e produção textual sobre poesia. É nesse tocante que Pilati (2018) diz que

A poesia não é apenas beleza infensa à realidade; ela é beleza que torna para nós a realidade mais intensa. E a intensidade de interpretação de mundo da poesia, em verdade, diz respeito ao direito do educando a uma formação ampla, de qualidade, viva e humana; em suma: verdadeiramente integral e transformadora. Que espaço social oportuniza isso melhor do que a escola? Por isso, estou seguro de que o lugar onde a poesia encontra a plenitude dessa realização é mesmo a escola (PILATI, 2018, p. 48).

Partindo deste entendimento, tem-se a poesia dentro da escola como uma ferramenta principal para sua apropriada manifestação. Ao escolhermos desenvolver poesia buscamos não só trabalhar um texto literário, mas também sair daquele comodismo que as aulas de língua portuguesa se tornaram. Só o fato de usarmos outros ambientes para as aulas, e mesmo em dizer que os meus alunos estavam participando de um projeto literário já lhes despertou curiosidade e interesse pelo que seria cultivado.

Nosso pensamento ao construir o projeto que seria prontamente desenvolvido, pautava-se na concepção de abordar a poesia em sala de aula além das amarras do que é exposto no livro didático; assim nos atemos em objetivos como: aprender a ler, escutar, declamar, interpretar e produzir gêneros textuais por meio dos poemas, além de desenvolvermos o letramento literário, buscando compreender suas principais características e sua intrínseca relação com a prática social, objetivos estes que norteavam as nossas ideias.

Contudo, antes de adentrarmos ao universo da prática em sala de aula, é indispensável conhecermos algumas peculiaridades sobre o autor escolhido na elaboração deste trabalho, o senhor Garibaldi Nicola Parente. Chegamos a este nome durante uma das nossas primeiras orientações para com a constituição do nosso projeto, queríamos destacar a literatura regional, então fizemos uma busca por alguns autores até chegarmos a ele, o professor de origem abaetetubense que ama a literatura e faz dela uma de suas artes. Dentre os vários textos, nos propusemos a estudar, aprender e explorar a poesia engendrada pelo mesmo.

Garibaldi Nicola Parente nasceu e reside no município de Abaetetuba e é pertencente à chamada tradicional família Parente. Estudou suas primeiras letras com o Professor Onofre Maués Carneiro, até concluir o antigo curso primário. Depois, transferiu-se para Belém do Pará, e no Colégio Salesiano N^a Sr^a do Carmo, estudou o Ginásio e o Científico. Formou-se

Engenheiro agrônomo pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, atualmente a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e retornou à terra natal, onde desempenha, até hoje em dia, seus conhecimentos técnicos na administração direta do Estado.

Ele também é professor de literatura vernácula na Universidade Federal do Pará (UFPA). Hábil no manejo com a língua materna, escreve crônicas curtas, espirituosas, bem ao gosto popular. Em verso, prefere enveredar nos meandros de uma temática variada em linguagem acessível, ou penetrar nas sombras de uma linguagem condensada, poética, por assim dizer, base apurada de uma forte sensibilidade criativa.

Desde a infância, ele teve um imenso gosto pela leitura, principalmente a dos textos literários; lia a primeira revista nacional de distribuição, chamada “O cruzeiro”, além dos jornais existentes na época, mesmo depois de exercer a profissão de engenheiro, no início da década de 1990, por intermédio de sua esposa, a professora Cenita Loureiro, com quem teve duas filhas.

Foi inscrito no vestibular para o curso de licenciatura plena em Letras – *Campus* Abaetetuba – e depois de realizar o processo seletivo, passou em primeiro lugar – vindo a estudar e a se formar como professor de Língua Portuguesa. A graduação em Letras no *Campus* Universitário do Baixo Tocantins da Universidade Federal do Pará (UFPA) foi um campo fértil, pois sempre apaixonado pela leitura, encontrou ali ambiente propício para a desenvoltura de sua arte de leitura e escrita.

Um dos seus poemas mais conhecidos é *Sororocando no mato*, em que deixa implícito a relação sexual entre um casal diante da natureza e como exímio incentivador da cultura Abaetetubense, construiu em torno de sua casa um espaço chamado de *A casa da cultura*, onde reúne amigos, familiares e pessoas interessadas em discutir literatura, teatro, música; inclusive, faz parte de um grupo musical, também, chamado *Sororocando no mato*.

Figura 3 – Poeta Garibaldi Nicola Parente.



Fonte:

Facebook

[https://www.facebook.com/ajax/sharer/?s=22&appid=25554907596&id=1074155729456259&p\[0\]=100005855264365&p\[1\]=1074156779456154&sharer_type=all_modes&av=100003861777912](https://www.facebook.com/ajax/sharer/?s=22&appid=25554907596&id=1074155729456259&p[0]=100005855264365&p[1]=1074156779456154&sharer_type=all_modes&av=100003861777912). Acesso em: 15 jan. 2020.

Como um ilustre poeta abaetetubense, Garibaldi faz parte da Academia Literária Paraense Interiorana, da qual em 12 de dezembro de 2019 foi empossado como seu novo presidente. Foi uma cerimônia de celebração para este formidável escritor, pois devido a sua brilhante biografia, ele deve ser considerado como um dos maiores poetas da literatura amazônica, designadamente Paraense/Abaetetubense, e é uma agradável alegria conhecer mais sobre a sua trajetória de vida.

Os temas abordados nos seus poemas são bastante ecléticos: a fauna, a flora, as pessoas, retratando sua terra natal (Abaetetuba), perpassando pelos encantos da Amazônia e aos temas gerais e universais, nada escapa à sua visão, como por exemplo, o que ele denomina de “Os sonetinhos”, poemas que tratam sobretudo sobre as mitologias grega e romana.

Tivemos a oportunidade de conhecer e conviver com Garibaldi como professor – durante o curso de Letras na Universidade Federal do Pará, pois ele atuou como professor da disciplina Teoria literária. Trata-se de um profissional e artista sensível, afetuoso, garboso, inteligente, extremamente elegante e que sempre instigou os alunos ao hábito da leitura. Hoje, possui uma biblioteca com um acervo de mais de três mil livros, entre estes, muitos que tratam do autor português Fernando Pessoa.

Assim, do vasto *corpus* literário de Garibaldi, foram selecionados, pelos alunos, quatro poemas, os quais foram usados no desenvolvimento das oficinas. O primeiro intitulado *Canto Abaeteuara: Ao centenário de Abaetetuba*, que está no livro *Navegando na Poesia* (1995). Na ocasião, alguns autores abaetetubenses, entre eles Garibaldi, reuniram-se e escreveram uma coletânea de poemas em homenagem ao centenário da cidade de Abaetetuba, discorrendo sobre a cultura, costumes, fé, religiosidade e paisagens da cidade e, por conseguinte, do povo abaetetubense.

Os outros três poemas gerados por Garibaldi, têm temáticas singulares e são, como ele mesmo diz, “Sonetinhos”, os quais são engendrados, tendo como temas as mitologias grega e romana. Esta é uma fase admirável do escritor, os Sonetinhos são nomeados assim, porque são escritos com sete sílabas métricas ao invés de dez, como no soneto tradicional. Eles são um resumo do cerne, da consciência, das atribuições de cada deusa ou deus mitológico.

Os habitantes da Grécia eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses. Esses deuses tinham comportamentos e atitudes humanas, entretanto, eram imortais e muito poderosos. Zeus era o mais importante de todos eles, Afrodite era a deusa do amor e da beleza, Poseidon, o deus dos mares, entre muitos outros, além de deuses e deusas, os mitos gregos e romanos são repletos de heróis e de graciosas figuras femininas chamadas ninfas. Elas eram consideradas deusas da natureza, habitavam campos, lagos, montanhas e bosques, sendo responsáveis por levar alegria e felicidade para os humanos e é justamente desses enredos que Garibaldi cria seus poemas.

São uma releitura da atividade mitológica para imprimir ao poemeto a plurissignificação daquilo que, até então, foi apenas narrado, ou seja, narrativas agora transformadas em poemas poéticos. Assim eles são o âmago das mitologias grega e romana.

Desse modo, os alunos selecionaram três sonetinhos para trabalharmos no desenvolvimento do projeto, a saber: *Sonetinho da Guerra de Tróia*, *Sonetinho de Perseu* e *Sonetinho de Narciso*. Enfatizamos nestes três poemas a figura das mulheres, sendo elas rainha, deusa ou ninfa, pois nas narrativas elas possuem papéis essenciais, assim como nas concepções abordadas nos poemas.

Esses três poemas, assim como tantos outros criados por Garibaldi, são postados diariamente na rede social *Facebook*. Cada poema postado tem uma imagem que serve como ilustração do seu conteúdo e a rede social em questão é a principal mídia de divulgação de suas obras, tendo o intuito de que seus leitores possam a todo momento estar em contato com suas produções. Atualmente, esta produção continua a todo vapor, Garibaldi dia após dia nos

presenteia com textos poéticos a partir da sua visão peculiar do mundo a nossa volta. A partir destas considerações, passamos então a tratar sobre as oficinas.

4.1 OFICINA 01: RE/CONHECENDO POESIA

As oficinas a seguir foram realizadas em 2019, tínhamos a pretensão, e mesmo por sugestão da banca avaliadora, de continuarmos acrescentando outros autores, além do poeta Garibaldi Nicola Parente, abordando, assim, uma maior variedade de poemas e, conseqüentemente, produzindo outras oficinas, mas com a pandemia do novo coronavírus isso não foi possível. Por isso criamos o Manual de Oficinas Literárias, no qual estão presentes outras sugestões de como trabalhar a poesia em sala de aula, levando em consideração essa multiplicidade da linguagem poética.

Desse modo, nós voltaremos a seguir ao que foi produzido em sala de aula. Nós dividimos a oficina 01 em 10 aulas, sendo que as aulas ocorriam em três dias da semana, duas aulas por dia. Nestas aulas iniciais fizemos a apresentação do projeto para a turma TF:703: *A poesia como estratégia de leitura literária*.

Começamos a desenvolvê-lo a partir do dia 21 de outubro de 2019. Iniciamos as atividades com uma roda de conversa, onde se expôs do que se tratava o projeto e o porquê da turma deles ter sido escolhida. Logo de início houve uma ampla resistência por parte de alguns alunos, em virtude de considerarem as atividades indicadas potencialmente “chatas”; essa ideia de projeto dentro da escola não é bem vista, pois os estudantes associam a algo cansativo.

Por isso fui explicando cuidadosamente do que realmente se tratava, já que eu precisava despertar neles o interesse em participar, expliquei que o projeto partia da discussão sobre a poesia em sala de aula e que iriam estudar os poemas do escritor abaetetubense Garibaldi Nicola Parente. Daí começaram a surgir as primeiras perguntas: “Mas quem é Garibaldi?”, “Por que ele em seu trabalho, professora?”

Logo, foi esclarecido que o poeta Garibaldi era escritor e que admirava e escrevia poesia, o havia conhecido durante a minha graduação, momento em que fiz o curso de Letras, estudando língua portuguesa e literatura, mas que além disso ele era bastante popular em Abaetetuba, cidade de onde vim, e que era muito bom estudarmos um pouco mais sobre autores que são do nosso lugar, do nosso convívio, demonstrando assim que todos podemos produzir poesia, desde que gostássemos de ler, tivémos o dom da escrituração ou mesmo formos instigados a produzir estes textos; além disso, os escritores não são pessoas inacessíveis, são aqueles os quais estão ali presentes também no nosso cotidiano.

Continuando a oficina, nos atemos a falar sobre a produção de poesia por alunos na escola e apresentamos como exemplo o livro *Poesia a toda hora*, do poeta Vinícius Andrade. Este livro foi escrito por ele enquanto era aluno do ensino fundamental. Sobre o Andrade (2005), temos o seguinte:

Vinícius de Alvarenga Andrade nasceu em 26 de maio de 1995, na cidade de São Paulo. Escreveu sua primeira poesia aos 6 anos de idade, e de lá para cá não parou mais de escrever. Além disso, gosta muito de futebol, são-paulino desde que se entende por gente. Estuda no colégio Batista Brasileiro, onde é um excelente aluno, e mora com seus pais, sua irmã e sua inseparável cachorrinha Chocolate no bairro paulistano da Vila Madalena. Vinícius publicou este livro aos 10 anos de idade (ANDRADE 2005, p. 47).

Desse modo, lemos em conjunto todos os poemas do livro mostrando para os alunos como Vinícius engendrou seus textos e selecionamos dois destes para mostrarmos neste trabalho. Assim temos:

Poesia

Pessoal,
Poesia é super legal!
Às vezes, sensacional.

É uma aula genial.
Vamos: ria! ria!
Vamos de brincar de poesia! (2005, p.10).

Relembrando traços do Poema *Convite*, de José Paulo Paes, Vinícius convida seus leitores a brincar de poesia, usando a linguagem mais informal, falando com alguém mais próximo a ele, afirma que a poesia é super legal, onde todos podemos rir, gostar e apropriar-se de poesia. Nesse contexto, Vinicius Andrade conta em outro poema que:

Escola

Na escola tem as seguintes matérias:
Matemática, ciências,
História, geografia e português.
Lá tem professoras boazinhas e sérias.
Na escola aprendi a jogar xadrez.

Tenho um colega bem legal.
Eu sei quem descobriu o Brasil.
Uma dica: ele veio de Portugal.
É Pedro Álvares Cabral!

Nos atemos a conversar um pouco mais sobre poesia a partir da leitura dos poemas desse jovem autor. Afirmamos que ela não está presente somente nos poemas, existem várias formas de textos, impressões, esculturas, pinturas, danças, os quais podem configurar-se como poesia, mas que o foco ali para nós era justamente os poemas, que eles já conheciam e já haviam estudado, porém muitas vezes de modo superficial; mostramos também que a poesia pode ter temas variados, buscados no olhar que se tem sobre o cotidiano.

No caso, neste último poema, Vinícius buscou em seu cotidiano escolar assunto para produzir seu texto, de tal modo os demais estudantes também podem produzir os seus. Essas aulas iniciais foram muito importantes, pois conseguimos apresentar o conceito de poesia, observamos a reação dos nossos alunos para com as discussões do projeto, pois era vital que a maioria pudesse participar, e o mais significativo foi não termos que nos direcionar logo para a estrutura do gênero, como sempre fazíamos.

A poesia faz parte da nossa vida. Quem não foi embalado ou embalou crianças com canções de ninar? O ritmo está presente no nosso sangue, gostamos e apreciamos a musicalidade. A partir desta fala explicamos o desenvolvimento do projeto e as dinâmicas que seriam usadas por nós para continuarmos conseguindo prender a atenção deles. Ao finalizar esta aula também demos destaque à importância da leitura na vida de todos nós seres humanos, em especial da leitura literária e o quanto ela é extraordinária no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. É nessa circunstância que Bordini e Aguiar (1993) reiteram que:

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. O texto produzirá, graças a essa natureza verbal, permite o estabelecimento de trocas comunicativas dentro dos grupos sociais, pondo em circulação esse sentido humano (BORDINI & AGUIAR, 1993, p.14).

Portanto, nas aulas seguintes enfatizamos que a literatura não pode ser somente coadjuvante, simplesmente, mera expectadora. Mas que de modo efetivo devemos e podemos nos interessar pelos textos literários, e entender que fazem parte do cotidiano. Neste âmbito, destacamos também que a leitura destes tipos de textos são fundamentais no decorrer da nossa vida.

Salientamos também em nossas discussões que a literatura está sendo transformada em outros gêneros textuais, por exemplo: muitas vezes eu, como sujeito, não tenho acesso a um livro impresso, mas já assisti a um filme ou escutei uma música a qual foi baseada nestes livros;

por meio desses, temos muitas e variadas obras que recentemente popularizaram-se, principalmente devido a plataformas *streaming* – como *Netflix* e *Spotify*. Com isso, observamos que há sim um conhecimento por parte dos alunos que ultrapassa os muros da escola e fazem parte da vida deles.

Num segundo momento tomamos lugar para contar um pouco sobre a minha experiência como leitora, como começou o meu interesse por textos literários e quais as minhas experiências a partir destes tipos textuais, no que resultou eu ter escolhido o curso de letras para estudar. Narrei, também, sobre a minha paixão pelos textos do escritor Machado de Assis, que fora a partir destas leituras que conquistei o hábito de leitura. É nesse cenário que Carvalho e Baroukh (2018) dissertam sobre a formação do leitor, segundo estes:

A formação de leitores implica oferecer condições ao sujeito para circular com autonomia pelas leituras, compreendendo a função social dos textos, entendendo-os e formando uma opinião a partir daquilo que lê. Estamos falando da formação de leitores críticos, que têm acesso aos textos e selecionam informações, conseguem avaliar o que é pertinente nas diferentes fontes, um leitor que estabelece relações entre aquilo que lê, confronta dados e tira suas conclusões. Acreditamos que esse leitor se torna apto a expressar suas opiniões, argumentando seus pontos de vista (CARVALHO; BAROUKH, 2018, p. 14).

Finalizamos a primeira oficina com a ida ao laboratório de informática, onde fora proposto aos alunos assistirem vídeos tratando sobre as características de poema, poesia e poeta. Utilizamos o vídeo *Palavra puxa palavra: contadores, cantadores e encantadores*, da professora Fátima Campillo, assim como outros vídeos de professores e professoras, os quais discutiam o que vem ser essa tríade. Este momento foi conduzido levando em consideração o que Pilati (2018) propõe como trabalhar com os alunos as relações: poema, poeta e poesia.

Buscamos vídeos os quais exemplificavam esta relação para deixar evidente as semelhanças e diferenças entre eles. No que tange a isso, Pilati (2018) afirma que

Nenhum poeta produz poesia sem expressar, junto com que escreve, uma determinada concepção de poema e poesia [...] é preciso aos poucos tomar consciência da sua própria concepção de poema, poeta e poesia para que se possa escrever (PILATI, 2018, p.101).

Portanto, é importante ensinar aos nossos alunos esta diferença, não só da linguagem poética, mas também do gênero textual poema, fazendo com que eles despertem para com suas próprias concepções acerca do que consomem e produzem, chegando também a se verem como poetas.

Figura 4 – Laboratório de informática.



Foto: arquivo pessoal

Ao modo que íamos findando nossas reflexões em conjunto, os alunos tiveram o reconhecimento do que seja poesia, trazendo a nós a sensação de satisfação pelo o que já havíamos aprendido e entusiasmados para prosseguir.

4.2 OFICINA 02: APROPRIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS POÉTICAS

A oficina 02 foi dividida em 08 aulas. Iniciamos com o seguinte tema: Poesia, o quê? Também levando em consideração os laboratórios de Pilati (2018). Neste momento buscamos discutir algumas questões relacionadas à natureza e à função da poesia. Pilati (2018, p.104) afirma que “um dos temas clássicos da lírica é a reflexão do poeta sobre a poesia e a maneira como ela se produz (ou acontece) em uma determinada situação”. Assim, falamos de modo especial sobre os Sonetos.

Para Sorrenti (2013, p. 64) “o soneto é um tipo especial de composição poética bastante popular na língua portuguesa”. Explicamos que eles são poemas, porém, têm suas próprias características, tais como: são 14 versos, divididos em 4 estrofes, sendo que as duas primeiras estrofes possuem 4 versos cada uma, ou seja, dois quartetos e as duas últimas possuem 3 versos cada uma, isto é, dois tercetos. São organizados pela métrica, ou seja, número igual de sílabas poéticas e que normalmente são compostos por 10 sílabas poéticas, denominados versos decassílabos; muitos poetas de várias épocas diferentes utilizavam esta forma fixa como forma de produção de seus poemas, demos como exemplo: Camões, Vinícius de Moraes, Olavo Bilac e Augusto dos Anjos.

A partir destas discussões, partimos para conectar a oficina com a estratégia de leitura chamada *prática guiada*, a qual consistia em conduzir os alunos para o efetivo estudo dos poemas do poeta Garibaldi Nicola Parente, com intuito de conhecermos e aprendermos sobre eles.

No primeiro momento, em duas aulas, a turma foi dividida em quatro grupos, sendo que cada grupo tinha dois capitães, os quais continham a função de incentivar os debates e as produções acerca do projeto. Apresentamos variados textos produzidos por Garibaldi, como crônicas, contos e poemas a título de informação, e, após essa apresentação, os direcionamos ao estudo dos poemas. Assim, 10 textos foram selecionados, os quais eram sobre diferentes fases de produção do notável escritor Garibaldi que também foram lidos em um primeiro momento silenciosamente; em seguida, solicitamos que os alunos do grupo conversassem entre si sobre os textos a partir de um roteiro de perguntas e que produzissem suas análises sobre estes. Os poemas selecionados estão listados a seguir:

Quadro 2 – Poemas.

POEMAS	GARIBALDI NICOLA PARENTE
01 – MARATAUÍRA	06 – AO PROFESSOR
02 – AS BAJARAS DE ABAETÉ	07 – SONETINHO DE NARCISO
03 – CANTO ABAETEUARA	08 – SONETINHO DE TESEU
04 – DISCO VOADOR	09 – SONETINHO DE PERSEU
05 – PÉ – DE- MOLEQUE	10 – SONETINHO DA GUERRA DE TRÓIA

Fonte: Facebook

Poema 01: **Maratauíra**

MARATAUIRA

Maratauíra de barro
 Tabatinga escurecida.
 Na amarra forte me agarro
 Em riba à taba garrida.

É porto abrigo mará
 Em três ilhas me namoro.
 Acolhedor paricá
 Toco o maracá sonoro.

Foco a Ilha Sirituba
 Inda chama o sal do mar.
 Tabatinga e Campopema
 Igaras a navegar.

Longe há vento e maresia
 Lá na foz do Rio Pará.
 Aqui fico em confraria
 Armo o meu matamatá.

O poema aborda como temática o Rio Maratauíra, importante meio para com o desenvolvimento da cultura abaetetubense. Garibaldi, por meio das rimas intercaladas, fala de características que encontramos ao longo deste rio, como as ilhas de Paricá, Sirituba, Tabatinga e Campopema, dentre as inúmeras que fazem parte da região.

Poema 02: **As bajaranas de Abaeté**

Pô ... Pô ... Pô... Pô ... Pô ... Pô ...

É vem a bajara...
 É vem a bajara...
 “Fé em Deus”
 “Fé em Deus”
 “Fé em Deus”
 “Graça divina

Na vinda que traz
 na ida que leva
 “vai com Deus”
 a qualquer lugar.

“Deus está vendo”
 que tem fé e tem graça
 essa gente indomável,
 passageira da vida
 popocando no ar.

Forças de cinco,
 forças de dez,
 na raça a potenciar.

A vida vale a luta
e nem sabe que lutam
porque sabem lutar.

Pô ... pô ... pô... pô ... pô ... pô ...
É vem a bajara...

Bajara ... bajara...
De pendor aguerrido,
A luta é a mesma
das velas arejadas
das águas remadas
do remeiro de faia
do remo vencido.

Bajara ... bajara...
que faz viver essa gente.
rios e ribeirinhos
nos rios do vai lá,

Garibaldi, ao brincar com o som produzido pelo motor de embarcações, cria esse poema ao qual retrata um dos meios de transporte mais usados pelos primeiros habitantes abagetubenses. Pelo som, os ribeirinhos já sabiam de que meio de transporte se tratava e a quem pertencia. Quando li o poema recordei da minha infância, morava à beira do rio e as madrugadas eram bastante agitadas quando as bajaranas começavam a passar, levando os moradores à cidade. Com o passar do tempo, as bajaranas modernizaram-se e continuam sendo o meio de transporte das populações ribeirinhas, mas agora com motores potentes que fazem esse transporte em pouquíssimo tempo.

Poema 03: **Canto Abateuara** - Ao centenário de Abaetetuba

Tem cem anos este rio
cem anos a navegar.
O dia nos faz ribeirinhos
Em cem leitos de preamar.

Tem cem anos esta foz,
à nascente a remontar.
Tem cem anos esta voz,
cantando preces ao mar.

Travessias de desejos,
entre ilhas águas ferventes,
sem desvios nas entranhas,
a manar do peito ardente.

Lenda é coisa de contar,
é fonte dos afluentes.
É galante o nosso porte,
em cada conto há cem valentes.

A sabedoria é a força
De virtude e beleza,
sorriso fértil de terra
em gestos de realeza.

Sentimentos em sentido,
aqui é o nosso lugar.
Há cem anos passa o rio,
anos sem contar há de ficar.

A verdade é pra ser dita
aos cem pontos cardeais.
Em nosso porto, uma só vida
em muitas formas fluviais.

Corpo alado a mergulhar
neste braço que nos abraça,
do Tocantins vem a seiva,
da luz do céu vem a graça.

Mãe d'água: ventre infinito
no paraíso da corrente.
Tudo pode acontecer...
O verbo revela a gente.

Nascemos sempre na benção,
De renascer no imaginar.
É nos lábios do Brasil
que nos beija o Rio Pará.

Esse poema também nos remete à imagem do rio, porém ligado à religiosidade, o rio como um paraíso de onde tira-se sustento, alegrias e o qual devemos sempre respeitar suas condições para com a nossa existência.

Poema 04: **Disco voador**

De trajetória celeste,
em corpo brilhante
de modo singular.

Engenho de sedução,
nave que vem de Vênus
e me faz orbitar.

Gira na velocidade
e adeja na atmosfera
do meu sonho perfeito.

Como sou terráqueo,
logo some para Marte
e eu fico: astro defeito

Destacamos neste poema o uso da linguagem. Garibaldi, em seus poemas, se utiliza de palavras as quais não são tão usuais pelos falantes da língua, em muitas situações fora necessário a consulta ao dicionário para podermos compreender a temática que o poema apresentava. Essa é uma característica importante do poeta, para produzir seus textos ele seleciona vocábulos distintos para a sua composição, como exemplo temos: adeja, terráqueo, astro.

Poema 05: **Pé – de – moleque**

Vai corre corre moleque
 Vai atrás do papagaio.
 Moleque que é perereque
 Mais que corre que nem raio.
 Papagaio penso não serve
 Não dá pra fazer o breque.
 Papagaio não tem verve
 Não não sabe abrir o leque.

Não sabe dar a guinada
 Pra se livrar do laçado.
 Rabia e logo endiabra
 Já era o próprio coitado.

Corre que corre sapeca
 O papagaio ruindo
 No pé duro vai o teque
 O calcanhar vai zunindo.

Depois come doce apuro
 No quebra-queixo de coco.
 Pé-de-moleque cotoco
 Papagaio dedo-duro.

No poema *Pé – de – moleque*, o poeta envereda para um tema que trata sobre o cotidiano. Este teve interesse por parte dos alunos, pois muitos deles identificaram-se com a temática, já que para eles é muito comum empinar papagaio ou como alguns falavam “rabiola, professora”; essa descrição do “moleque”, proposta no poema, trouxe semelhanças com o que faziam como momento de lazer. Ainda tivemos comentários de alguns meninos falando sobre vizinhos e amigos que “matavam” aula para empinar papagaio e que essa ação traz consequências ruins para uma brincadeira, a qual deveria ser apenas saudável. Ainda tivemos comentários sobre os perigos deste passatempo, como não empinar próximos aos fios da rede elétrica, pois pode provocar uma descarga elétrica e levá-los à morte; assim como o uso do chamado “cerol” – substância de cola misturada com vidro – no qual eles envolvem a linha para

dar mais resistência na hora do laço, mas que também pode ser fatal, caso se corte o pescoço de um motoqueiro, por exemplo.

A discussão em torno deste poema foi muito significativa, pois essa peculiaridade dos nossos alunos traçarem inferências com outras situações vividas ou estudadas por eles em outros contextos.

Poema 06: **Ao professor**

Tenho nada não declaro
sou justo nada professo.
Não faço voto e cenário
caminho livre no expresso.
Valorizo o meu valor
bem expresso o valorar.
Em ser um bom professor
é saber professorar.

Neste poema há o destaque à figura do professor, pois trata do valor da profissão, na qual devemos atribuir valor a arte de “valorar” e “professorar”. Essas palavras diferenciadas ou novas palavras empregadas por Garibaldi eram sempre destacadas pelos alunos, os quais perguntavam sobre os seus significados, então, pelo contexto, chegávamos a uma possível explicação.

Os poemas a seguir *Sonetinho de Narciso*, *Sonetinho de Teseu*, *Sonetinho de Perseu* e *Sonetinho da Guerra de Tróia* foram abordados detalhadamente na nossa terceira oficina. Neste momento, abordamos somente a leitura com os nossos alunos.

Poema 07: **Sonetinho de Narciso**

Narciso belo e soberbo
insensível ao amor
repeliu a bela Eco
ninfa de encanto e fervor.

Ao passear pelo bosque
Narciso chega a uma fonte.
Virgem límpida disposta
Na face d’água sua frente.

Apaixonou-se por si
No fogo seu em desejo
A vista em contemplação.

Delírio e frenesi
E mesmo em si dá-se um beijo
E morre do coração.

Poema 08: **Sonetinho de Teseu**

Teseu herói façanhudo
Do peito forte aplicado
Músculo teso e maçudo
Com a espada mais bravo.

Teseu partiu para Creta
Salvar os jovens de Atenas.
Em façanha alta faceta
Sentido que a luta engenha

Foi direto ao labirinto
Contra o comedor de gente
Em áureo prélio dourado.

Num golpe certo e findo
Degolou o vil monstrengo
O gigante Minotauro.

Poema 09: **Sonetinho de Perseu**

Pelos deuses bem amado
Dos gregos grande guerreiro
Das nuvens de Zeus gerado
Aos sonhos de ouro Monteiro.

Foi com o espelho de Atena
O capacete de Hades.
As aladas asas de Hermes
Em versáteis lealdades.

Protegido e bem armado
Foi cumprir a sua missão
Contra a maldade profusa.

Pra não ser petrificado
Lutou com o coração
Herói que matou Medusa.

Poema 10: **Sonetinho da Guerra de Troia**

Quem é a mulher mais bela
Hera Atena ou Afrodite?
Vence Afrodite a chancela
Em disputa sem limite.

- Dou-te a mulher mais bonita!
Disse Afrodite em barganha.
E Páris juiz da desdita
Estufa o peito engalana.

Ó que Pomo da Discórdia!
Páris rapta a linda Helena

Rainha da bela Esparta.

Menelau desata o górdio
E invade Troia serena
Na guerra Helena resgata.

Depois dos grupos terem lido e debatido sobre os poemas, seguimos exercitando a estratégia de leitura prática guiada em um contexto de leitura partilhada, refletindo e construindo significados por meio da discussão oral, dialogando sobre suas conclusões a propósito dos textos tratados.

Figura 5 – Discussão em grupo.



Fonte: Arquivo pessoal

Após este momento sobre a leitura dos textos, propusemos algumas perguntas com a intenção de provocar neles o debate, a contestação, a diferença e a estrutura dos poemas, os quais foram observados por eles.

- 01) Os textos, os quais foram lidos, têm as características de poemas?

Nas respostas apresentadas pelos quatro grupos observamos que os alunos já possuem um repertório construído sobre o uso dos poemas em sala de aula. Essas características são bastantes fundamentadas no livro didático; assim, todos os grupos responderam que sim, entendiam que os textos lidos tratavam-se de poemas, pois estavam divididos em versos e estrofes, uma das particularidades dos poemas, observaram também que uns possuíam rimas, outros não e, também, identificaram que alguns deles são sonetos, pois foram apresentados em forma de quartetos e tercetos – como já havíamos estudado com eles.

02) Sobre quais assuntos os poemas estão tratando?

As temáticas empregadas por Garibaldi são bastantes variáveis. Os alunos em suas leituras conseguiram compreender essas modificações. Desta forma obtivemos as seguintes contribuições dos grupos.

Identificaram que o poeta é um sujeito apaixonado pela cidade de Abaetetuba (tema recorrente em três de seus poemas estudados), discorre a partir deles sobre as tradições, religiosidade, encanto e a natureza. Também há a relação com o rio, que para o autor é muito significativo, pois manifesta através deles, além das paisagens, a riqueza cultural do seu povo.

Além disso, observaram situações as quais estão presentes no nosso dia a dia e que também fazem parte do seu repertório criativo. Desse modo, discorreram sobre a temática dos poemas que se referem a uma homenagem ao dia do professor e o sobre o disco voador. Este último foi motivo de uma discussão a mais entre os alunos, pois notaram que o título do texto era de domínio deles, mas a linguagem empregada no poema era muito difícil de ser compreendida e entendida. Essa captação observada pelos alunos sobre a linguagem utilizada por Garibaldi em seus poemas foi muito significativa, pois percebemos que eles conseguiam olhar os textos literários com um olhar atento, observando construções além do que havíamos propostos a eles.

Tivemos apreciações para com os sonetinhos: *O mito de Narciso*, *Sonetinho de Teseu*, *Sonetinho de Perseu* e *Sonetinho da Guerra de Troia*. Ao lerem os textos, os alunos fizeram inferências com outros textos de outras disciplinas que já haviam estudado, como por exemplo, artes e história. Essa habilidade de fazerem inferências entre os textos estudados ou as situações que comentávamos era bastante presente nas falas da turma em geral.

Além disso, os sonetos foram estudados com encantamento pela maioria dos alunos. Esse olhar do autor em recontar a história por meio da poesia é fascinante e isso foi compreendido pelos estudantes. Aprender sobre mitos, deuses, sobre a história tanto de Grécia, quanto de Roma foram importantes. Desse modo, assim os alunos conseguiam ter olhares

diferenciados sobre os textos, mesmo sem a presença da pesquisadora enquanto mediadora propor.

Muitas vezes, nós enquanto mediadores do conhecimento, fugimos dos textos literários, principalmente da poesia, pois supomos que nossos alunos apresentarão dificuldades para aprenderem por meio dela; mas nada é impossível, tudo depende de nosso esforço e coragem para adequar essas atividades de leitura e discussões ao nosso público leitor. Desse modo foi natural para os alunos perceberem que os poemas podem tratar de muitos temas, não somente sobre amor e paixão, pois o poeta cria seus textos conforme sua percepção de mundo, de experiências e de leituras. Neste momento de desenvolvimento do nosso trabalho, os estudantes tinham adquirido a habilidade de ler o texto literário e tecerem comentários acerca da estrutura, temáticas, além de analisar as mensagens contidas no texto.

03) O que a leitura desses poemas despertou em vocês?

Todos os grupos gostaram dos textos, revelaram que anteriormente não viam os poemas por esse olhar. “Quando os professores falam sobre poemas, é para nós só contarmos quantos versos e estrofes eles possuem, se tem rima e pronto. Já passamos para outra atividade de gramática” (aluno B). Eles compreenderam que os poemas podem ser muito mais que estrutura, são textos que têm vida própria e que nos evocam muitas reflexões sobre qualquer assunto.

Para dar o toque final a esta oficina, além dos poemas que já havíamos abordado, apresentamos mais dois, eles não tinham função avaliativa, os selecionei apenas com o intuito de leitura para os alunos, os quais foram *O bicho*, de Manuel Bandeira, e *A casa*, de Vinícius de Moraes. Pois, segundo Sorrenti (1993, p. 73): “a boa leitura de um poema em classe pode-se constituir como o primeiro passo para se criar o gosto pelo texto poético”, assim:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Rio, 27 de dezembro de 1947

O poema *A casa* é muito conhecido de todos nós, quando comecei a lê-lo os alunos logo fizeram comparações, remetendo à estratégia de leitura chamada “inferência”, que exploramos anteriormente; relacionaram com o programa *O caldeirão*, do apresentador Luciano Huck, em que no quadro *Lar doce lar*, o poema é explorado em formato de Música, contendo ritmo, rima, figuras de linguagem, trazendo uma melodia agradável de se ouvir. Assim:

A Casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali

Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número zero

Ao terminar esta oficina avaliamos que nossos alunos, quando estimulados ao conhecimento, são sujeitos que possuem habilidades incríveis; são aptos a aprender sobre qualquer assunto que o professor possa instigá-los, e isso foi muito positivo para nós. Mas, infelizmente, nem tudo são esplendores, no decorrer desta oficina tivemos muitos obstáculos, pois alguns alunos não conseguiam produzir, ou perguntar e até mesmo lerem os textos. Tal situação desmotivou consideravelmente a pesquisadora, a ponto de fazê-la pensar em desistir da atividade.

Depois deste momento difícil propus uma roda de conversa com o tema Avaliação, a fim de dar direito à fala àqueles que eu observava não estarem produzindo nada. Com isso obtivemos respostas como: “eu não gosto de poesia, achei essas atividades sem nenhum sentido”, “professora eu não gosto de ler”, “eu não consegui acompanhar e compreender as leituras que foram feitas aqui em sala”, “isso tudo é chato, nem gosto de estudar”.

Levamos um choque de realidade após essa conversa, eu estava tão empolgada com o desenvolvimento do projeto que não me atentei desde o início que eu tinha alunos, os quais não estavam sendo cativados por toda aquela situação. Foi então que a partir deste momento cuidei em especial destes alunos, pois tinha como intenção que todos os que estavam ali vivendo este momento de experiência pudessem aprender e crescer enquanto pessoas hábeis que são.

A partir disso reorganizei os grupos, mesclando os alunos que já haviam avançado nas discussões com esses menos cativados para que assim pudessem ajudar-se mutuamente, partindo do princípio de que todos podem contribuir entre si de alguma forma, principalmente quando trabalhando em conjunto. Desse modo, ao continuar a oficina, tivemos uma dedicação a mais para com estes alunos e, ao passar do tempo, eles também começaram a envolver-se nas atividades o que conseqüentemente resultou na compreensão da função principal de todo o nosso trabalho.

Também é importante destacarmos que tivemos alunos excelentes nas discussões feitas ao longo dessas duas oficinas, aqueles mais agitados nas nossas aulas foram os que mais contribuíram. Essa necessidade de falar, expor suas opiniões, perguntar sobre os assuntos foram cruciais para eles, as aulas – que até então eram consideradas “chatas” –, passaram a ser produtivas.

Ainda percebemos que os nossos alunos dispõem de uma grande habilidade para relacionar os textos. Destacamos a análise feita pelo aluno (A) em relação ao *Sonetinho de Perseu*:

Professora na outra oficina você comentou que a literatura vai além do texto escrito, percebi essa relação quando nós lemos o Sonetinho de Perseu, que logo relatei com o filme Percy Jackson e o ladrão de raios, que já assisti, o poema fala do herói que muito corajoso derrota a medusa, assim também temos no filme o momento em que ele Percy e os seus amigos derrotam a medusa e conseguem mais uma peça para descobrir quem roubou o raio do Deus mais poderoso entre todos Zeus.

Então, ao concluirmos estas duas primeiras oficinas, percebemos que abordar o texto literário em sala de aula é uma situação possível, dificuldades vão existir sim, inúmeras; mas, também estaremos contribuindo de maneira significativa na vida do nosso aluno e, desse modo, todos nós só temos a lucrar para com isso.

As três oficinas tiveram duração de um mês e meio, tempo insuficiente para executarmos todas as análises pensadas. O professor que queira também trabalhar poesia em sala de aula deve organizar-se para no mínimo dois meses e assim conseguirá executar o projeto

com mais calma e atenção. À vista disso, mediante esta avaliação, passamos à terceira oficina que tratava sobre as produções desenvolvidas pelos alunos.

4.3 OFICINA 03: PRODUZINDO A PARTIR DE POESIA

A oficina 03 foi dividida em 12 aulas. Nesta, os alunos deveriam produzir trabalhos finais de interpretação e produção textual a partir de todas as discussões feitas anteriormente, bem como fazer exposição destes e dos demais trabalhos produzidos ao longo do projeto. A produção textual destas oficinas se direcionou à produção de outros gêneros textuais. Desse modo, no período de 04 a 28 de novembro de 2019¹², os alunos foram orientados para outra estratégia de leitura denominada como *leitura independente*. Durante este período os estudantes construíram um olhar especial a partir dos poemas escolhidos por eles.

Na aula do dia 04 de novembro de 2019, começamos ouvindo dos alunos quais ideias eles tinham para produzir outros textos sobre os poemas escolhidos. Num primeiro momento, quando sugerimos vários poemas para eles, imaginamos que eles iriam trabalhar com mais de um poema; porém, cada grupo escolheu um poema, com uma temática diferente. Então tivemos quatro poemas diferentes, três sonetos e o poema falando sobre o centenário da cidade de Abaetetuba.

Leitura independente 01: nesta estratégia os alunos leram novamente os poemas, de forma individual e silenciosa, a fim de ampliarem seus repertórios de análises sobre os referidos textos, dando prosseguimento às discussões feitas anteriormente.

Leitura independente 02: os alunos, já conhecedores das temáticas propostas, foram provocados a produzir textos orais e escritos a partir dos poemas. Reorganizamos a turma em quatro grupos. Cada grupo selecionou dentre os poemas já conhecidos por eles (os quais tratavam de diferentes fases do autor escolhido) qual queriam utilizar em suas produções, em seguida reuniram-se para pensar de que forma produziriam os outros gêneros a partir destes poemas; até este momento da aula, com as devidas orientações, estava tudo encaminhando-se como o esperado.

Estávamos levando em consideração que já tínhamos estudado duas oficinas, os estudantes já haviam adquirido um determinado aprendizado sobre toda a temática proposta. Logo, este era o momento propício para praticarmos a leitura independente, visto que deveriam aproveitar-se de sua criatividade dada a situação. Porém, logo de início, tivemos contestações

¹² O último dia deste período ocorreu a culminância do projeto.

até por parte dos mais empolgados: como que transformariam o poema em outro tipo de texto? Como concretizar esta ideia? E além do mais, ainda teriam que apresentar esta ideia para um público? Eu já havia explicado que neste momento deixaríamos eles construírem o trabalho sozinhos e isso gerou receio.

Este tipo de atitude é muito presente no nosso cotidiano escolar. Essa dúvida de como produzir uma resposta sobre determinado assunto, os alunos são muito ligados às respostas prontas, às decorações, ou que os professores lhes forneçam tudo sobre o que se está estudando; os alunos muitas vezes não dão credibilidade ao potencial de aprendizado que possuem, e em algumas situações o professor também não tem a motivação necessária para não cair neste comodismo. Nesse âmbito, as aulas transformam-se em faz de conta, onde uns fazem que ensinam, outros fazem que aprendem; assim como temos muitos professores que são dispostos, enfrentam as dificuldades e lutam arduamente por uma educação de qualidade.

Desse modo, sempre que ocorria um momento de esmorecimento durante as atividades do projeto, havia a proposição de uma roda de conversa onde, neste momento, o intuito não era para reclamações, mas para encontrarmos soluções para a nossa dificuldade.

Foi então que depois de muita perseverança, as primeiras ideias foram surgindo, eles já haviam selecionado os poemas que mais tinham gostado. Dessa maneira era só colocar em prática o que estavam imaginando. Como efeito de organização deste trabalho, as ideias e as soluções que eles tiveram estão listadas mais à frente.

Leitura independente 03: prosseguimos com essas leituras, mesmo eles sendo instigados a desenvolverem este segmento do trabalho sozinhos; o nosso acompanhamento foi fundamental na produção destes gêneros, tirando as dúvidas, ajudando-os nas pesquisas, incentivando-os a continuarem até chegar ao resultado final, levando sempre em consideração que o trabalho surgiu a partir da visão deles. Nessa ocasião percebemos o quanto a poesia em sala de aula pode ser prazerosa e importante de ser estudada e compartilhada. A seguir temos duas imagens do projeto em sala de aula, mostrando esses momentos de interação e execução das atividades.

Figura 6 – Momentos de execução do projeto.



Fonte: arquivo pessoal

Figura 7 – Momento de interação.



Fonte: Arquivo pessoal.

As aulas seguintes tiveram o propósito do desenvolvimento dessas produções. Cada grupo, já de posse do que iriam desenvolver, fizeram uma pesquisa mais detalhada sobre as temáticas dos poemas e os gêneros escolhidos para suas produções. E, assim, tivemos a exposição literária no dia 28 de novembro de 2019. No dia da exposição literária, a direção e coordenação escolar, além de alguns pais e os alunos da turma TF:704 foram convidados para assistirem as apresentações.

A presença dos demais membros da comunidade era importante, pois os pais tiveram que assinar um documento autorizando que seus filhos pudessem participar do nosso projeto.

Assim, era importante que eles estivessem presentes para ver o que os alunos tinham aprendido naquele período; o comparecimento da coordenação, direção e mesmo outros professores da escola também fora valoroso, visto que apresentamos o que estávamos estudando durante o nosso mestrado.

Infelizmente o acompanhamento da direção escolar para com o nosso trabalho foi ínfimo, haja visto que na concepção desta, o professor sair da sala de aula para estudar só iria trazer benefícios próprios; que nós não estávamos estudando, aprendendo para melhorar a relação de ensino-aprendizagem para com os nossos alunos; isso não era preponderante, mas, infelizmente, esses entendimentos ainda pairam na mentalidade de alguns: lugar do professor de língua portuguesa ou das outras disciplinas é em sala de aula, os de língua portuguesa com a gramática como doutrina. Como se o que estávamos desenvolvendo não fosse também essencial para todos os sujeitos da escola.

Figura 8 – Dia da exposição literária.



Fonte: Arquivo pessoal

No dia da exposição, antes dos alunos apresentarem os trabalhos, um vídeo do poeta Garibaldi foi exposto. No material, o próprio autor conta um pouco da sua trajetória enquanto estudante, leitor, escritor, amante da poesia, do conto, da crônica e o seu gosto pela leitura, em

especial, pela literatura e o seu incentivo a todos ao hábito da leitura. Em seguida, tivemos as apresentações dos educandos.

Mostraremos a seguir como fora desenvolvido os trabalhos em sala e, em seguida, como fora a apresentação dos alunos no dia da culminância. Portanto, tínhamos quatro poemas divididos para os quatro grupos, desta forma:

A primeira apresentação foi do grupo 01, os alunos escolheram trabalhar o poema *Canto Abaeteuara – Ao centenário de Abaetetuba*. Eis o poema a seguir:

CANTO ABATEUARA - Ao centenário de Abaetetuba

Tem cem anos este rio
cem anos a navegar.
O dia nos faz ribeirinhos
Em cem leitos de preamar.

Tem cem anos esta foz,
à nascente a remontar.
Tem cem anos esta voz,
cantando preces ao mar.

Travessias de desejos,
entre ilhas águas ferventes,
sem desvios nas entranhas,
a manar do peito ardente.

Lenda é coisa de contar,
é fonte dos afluentes.
É galante o nosso porte,
em cada conto há cem valentes.

A sabedoria é a força
De virtude e beleza,
sorriso fértil de terra
em gestos de realeza.

Sentimentos em sentido,
aqui é o nosso lugar.
Há cem anos passa o rio,
anos sem contar há de ficar.

A verdade é pra ser dita
aos cem pontos cardeais.
Em nosso porto, uma só vida
em muitas formas fluviais.

Corpo almado a mergulhar
neste braço que nos abraça,
do Tocantins vem a seiva,
da luz do céu vem a graça.

Mãe d'água: ventre infinito
no paraíso da corrente.
Tudo pode acontecer...

O verbo revela a gente.

Nascemos sempre na benção,
De renascer no imaginar.
É nos lábios do Brasil
que nos beija o Rio Pará.

Na pesquisa realizada pelos alunos, puderam conhecer um pouco mais sobre a história de Abaetetuba, partindo das construções tidas ao longo do poema. Assim eles descobriram que a referida cidade já possuía 125 anos de fundação e que seu início de colonização fora a partir dessa relação com o rio, há mais de um século na Amazônia. Os rios eram o principal meio por onde circulava o comércio, por onde as pessoas navegavam e, conseqüentemente, à beira deles surgiam as vilas que ao longo do tempo transformaram-se em cidades, entre elas Abaetetuba, alcunhada de A pérola do Tocantins. Esta cidade é navegável em quase toda a sua extensão e possui 72 ilhas, onde habitam muitas pessoas com seus costumes e têm o rio como seu ambiente, companheiro, cúmplice do seu cotidiano.

Desse modo, o poema faz uma homenagem ao centenário da cidade. Garibaldi coloca em seus versos, muitos elementos provindos da relação com o rio, começa destacando os ribeirinhos, pessoas que até hoje escolheram às margens do rio como lugar para viver, fala da preamar, das preces que estes fazem quando precisam fazer as suas travessias, pois em muitos momentos deparam-se com os perigos que pairam sobre o rio.

As lendas, fruto da imaginação fértil das pessoas que habitam o lugar, são frequentemente tratadas tendo o rio como pano de fundo, passando por muitos afluentes que existem lá. Ainda aborda a sabedoria, os sentimentos de pertencimento, a mãe d'água, as bênçãos trazidas do rio. Mesmo com o passar do tempo e o desenvolvimento da cidade, o rio continua sendo muito importante para os abaetetubenses, sendo seu meio de navegação, trabalho, alimentação, costumes, fé e manifestações culturais.

Estudar este poema com os alunos fora esplêndido, pois conhecemos muitas nuances permeadas no cotidiano do povo abaetetubense. Além do que, a maioria dos alunos nasceu em Tailândia e por aqui não temos o rio como nosso norte, e sim as estradas. O município foi construído a partir delas, muitos não conheciam um rio extenso como, por exemplo, o Maratauíra, o qual banha a cidade de Abaetetuba, assim puderam fazer esta diferença entre estes territórios. A partir do texto literário, geramos percepção, conhecimento e informação; portanto, abordar o texto literário sem aqueles roteiros didáticos predeterminados são formas possíveis também de produzirmos aprendizado.

Nesse âmbito, nada mais que propício para a apresentação literária como a declamação do poema. Declamar significa dizer, recitar com voz alta, com palavras e gestos apropriados e convincentes, com afetação o texto analisado; assim eles expressariam por meio da oralidade todo o deleite, sentimento e encanto que o poema evocava. Desse modo, tivemos uma apresentação que demonstrou alegria, entusiasmo, com ensinamentos de aspecto agradável, aprazível.

Figura 9 – Apresentação do poema canto Abaeteuara.



Fonte: arquivo pessoal.

A segunda apresentação do dia foi do grupo 02, produzida a partir do poema *Sonetinho da Guerra de Tróia*. Por meio deste soneto, os alunos decidiram fazer uma história em quadrinhos, recontando por meio deste gênero a história poetizada, a qual, de modo peculiar, trazia um enredo narrado de modo constitutivo: por meio dos desenhos e do diálogo dos personagens, pontuando espaço e tempo e enfatizando o momento no qual, com o auxílio do lendário Cavalo de Tróia, os gregos conseguiram derrotar os troianos, retendo, assim, a guerra.

A história em quadrinhos tem como uma de suas características a união da linguagem verbal e não-verbal. Desse modo, foi uma boa escolha para pôr em prática a interpretação que os meninos e meninas tiveram sobre o conteúdo do poema; assim, produzimos conhecimento, percepção e informação por meio do texto literário.

SONETINHO DA GUERRA DE TROIA

Quem é a mulher mais bela
Hera Atena ou Afrodite?
Vence Afrodite a chancela
Em disputa sem limite.

- Dou-te a mulher mais bonita!
Disse Afrodite em barganha.
E Páris juiz da desdita
Estufa o peito engalana.

Ó que Pomo da Discórdia!
Páris rapta a linda Helena
Rainha da bela Esparta.

Menelau desata o górdio
E invade Troia serena
Na guerra Helena resgata.

Considerações acerca do poema:

A história da Guerra de Tróia, para os alunos do 7º ano, já é bastante conhecida, pois é um conteúdo estudado já no 6º ano, quando os professores ministram conteúdos sobre Grécia, com especial atenção à Atenas e Esparta. Além disso, muitas criações cinematográficas foram produzidas a partir destas histórias, e são de fácil acesso dos alunos. Quando os apresentei os poemas, logo surgiu um interesse por este, pois os alunos conseguiram traçar inferências entre as histórias narradas.

Constatamos de imediato essa relação entre o poema e o conflito. Garibaldi produziu o poema fazendo uma releitura do texto narrativo, sintetizando por meio do texto literário o que era apresentado nas narrativas; assim ele o fez com os outros dois, *Sonetinho de Narciso* e *Sonetinho de Teseu*. Assim, antes dos alunos produzirem a história em quadrinhos, fizeram uma pesquisa sobre o que se tratava a narrativa relacionando ao que se apresenta no poema.

Segundo o estudo, Helena, a mulher mais bela do mundo, era casada com Menelau (Rei de Esparta), mas ela acaba se apaixonando-se por Páris (Príncipe de Tróia) e foge com ele, o que dá origem à guerra. O poema versa justamente sobre essa conjuntura. Tudo acontece porque surge uma disputa entre as deusas Hera, Atena e Afrodite para saber qual delas ficaria com o Pomo da Discórdia e Páris. O príncipe de Esparta é escolhido por Zeus para executar esta tarefa.

Desse modo, as deusas fazem promessas ao jovem e a qual lhe chama mais atenção é justamente a proposta de Afrodite (a deusa do amor), cuja qual ela promete à Páris o amor verdadeiro, este a escolhe dando a ela o Pomo, assim levantando a ira das outras deusas.

Páris com o passar do tempo realmente encontra este amor – Helena –, ambos se apaixonam e a rainha foge com ele para Tróia, porém, o Rei Menelau fica enfurecido de tal modo que convoca os ex-prometidos da princesa, que rumam à Tróia e iniciam a guerra; várias batalhas são travadas e os fortes e valentes guerreiros são mortos durante os 10 anos em que a cidade é cercada. Todos estes elementos são abordados na história em quadrinhos.

Garibaldi, no poema, dá destaque ao início da guerra. Porém, toda guerra tem início, meio e fim e este fim foi abordado também na produção dos alunos, o qual é justamente o desfecho do conflito. Em vista disso, depois de anos de batalha um episódio aconteceu dando vitória aos gregos e destruindo definitivamente a cidade de Tróia e o Rei Menelau, levando a rainha de volta à Esparta – sendo esse episódio chamando de “Cavalo de Tróia”.

Reza a história que os gregos construíram um grande cavalo para dar de presente ao Rei Príamo, como desistência da guerra e em sinal de paz entre eles. Porém, o que os troianos não imaginavam era que se tratava de um estratagema para os aniquilar de uma vez por todas. Estes abriram os portões e colocaram o cavalo para dentro, onde no seu interior estavam escondidos vários guerreiros, os mais fortes dos gregos.

Os combatentes de Tróia puseram a festejar a noite toda imaginando que tinham vencido a guerra e caíram em sono profundo, momento propício para os soldados gregos tomarem a cidade e vencerem a guerra causando a total destruição da cidade. Por conseguinte, os soldados gregos retornaram ao seu lugar levando consigo mais do que a vitória, mas também toda a mitologia que até hoje nos são relatadas.

Para Bordini e Aguiar (1993):

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. O texto produzido, graças a essa natureza verbal, permite o estabelecimento de trocas comunicativas dentro dos grupos sociais, pondo em circulação esse sentido humano. A literatura, como uma das formas de comunicação, participa assim, do âmbito maior da cultura, ou seja, da produção do significante, relacionando-se com outros objetos culturais (1993, p. 14).

Portanto, estudar este texto literário foi muito prazeroso para todos nós: a professora e os alunos. O poema foi o propulsor para aprendermos muito sobre a história e a cultura do povo grego. Produzimos aprendizado de forma agradável, consciente de modo distinto do ensino

tradicional e o texto literário cumprindo realmente a função de instruir e informar aos nossos alunos durante as aulas de Língua Portuguesa.

Figura 10 – Apresentação do poema Sonetinho da Guerra de Tróia.



Fonte: Arquivo pessoal.

A terceira apresentação do dia foi a partir do poema *Sonetinho de Teseu*, o lemos a seguir.

SONETINHO DE TESEU

Teseu herói façanhudo
Do peito forte aplicado
Músculo teso e maçudo
Com a espada mais bravo.

Teseu partiu para Creta
Salvar os jovens de Atenas.
Em façanha alta faceta
Sentido que a luta engenha

Foi direto ao labirinto
Contra o comedor de gente
Em áureo prélio dourado.

Num golpe certo e findo
 Degolou o vil monstrengo
 O gigante Minotauro.

Para dar vida ao poema *Sonetinho de Teseu*, Garibaldi inspira-se em um dos muitos acontecimentos provindos da mitologia grega. O ser humano sempre gostou de contar histórias, fossem elas reais ou imaginárias, muitas destas histórias eram inventadas por povos que procuravam dar explicação àquilo que os seres humanos julgavam ser misterioso, como a origem do mundo, os ciclos da vida, a origem de determinados seres ou fenômenos da natureza. E é a partir dessa busca por explicação que surgiram/surgem os mitos.

Para Thais Pacievitch, no site da *Infoescola: Navegando e aprendendo Mitologia*, este universo é “Normalmente uma narrativa, na qual se usa a linguagem simbólica, e que busca retratar e descrever a origem e suposições de alguma cultura, explicar a criação do mundo, do universo, ou qualquer assunto de difícil explicação”. Assim, o poeta recria essas narrativas, com o intuito de fazer com que seus leitores possam conhecê-las, usando para isso o gênero poema. Posto isso, temos uma maneira peculiar, criativa e inventiva de conhecimento dessas narrações.

Quando sugeri vários poemas aos alunos, eles logo tiveram interesse por este. Visto que as histórias sobre heróis são muito mais comuns no dia a dia deles, haja visto que grande parte das histórias em quadrinhos, o gênero textual presente em suas leituras cotidianas e também nas grandes produções cinematográficas, trazem o herói ou heroína em seus enredos, fazendo com que os alunos tenham suas preferências, pois se identificam com sua força, audácia, inteligência, sagacidade. Além do mais, se destacam por suas virtudes, pois são destemidos, sábios e lutam contra forças inimigas. Assim, quando leram o poema que tratava sobre um herói, decidiram estudá-lo mais detalhadamente, buscando mais características deste super poderoso.

Antes da produção textual, uma pesquisa sobre esta figura foi realizada, onde eles aprenderam que Teseu, filho de Egeu e Etra, é considerado um dos maiores heróis da mitologia grega e é conhecido pela sua força, valentia e por ter matado o Minotauro. Na língua grega, seu nome significa “homem forte”. O Minotauro ou Touro de Minos, era um terrível monstro com corpo semelhante ao de um homem e a cabeça de touro, matava a todos que ousavam desafiá-lo entrando em seu labirinto. Até o momento de enfrentamento com Teseu, que conseguiu derrotá-lo com a ajuda de Ariadne, ela apaixonada por ele, resolve ajudá-lo na empreitada dando-lhe uma espada e um novelo de lã e, assim, Teseu conseguiu derrotar o tal monstro. O fio cedido pela princesa depois ficou conhecido na história como “Fio de Ariadne”.

No poema é enfatizado a força do herói, que ao saber do tal monstro e das atrocidades que ele cometia, se oferece para derrotá-lo. Vários impedimentos existiam, primeiro por se tratar de um labirinto e como achar o caminho de volta; depois, nunca em terras atenienses havia um jovem que tivesse sobrevivido ao embate. Logo, força, astúcia e inteligência foram necessárias para a derrotar o terrível Minotauro.

A equipe que estudou o poema ficou encantada com a história deste super herói e decidiu fazer um desenho para ilustrar tal façanha. Por seguinte realizou a sua apresentação enfatizando o quanto a figura do herói, do super-homem, com seus poderes sobrenaturais, é deveras importante para a construção do imaginário da civilização grega.

Figura 11 – Apresentação do poema Sonetinho de Teseu.



Fonte: Arquivo pessoal.

A quarta equipe ficou responsável pelo estudo do *Sonetinho de Narciso*. Eis o poema a seguir:

SONETINHO DE NARCISO

Narciso belo e soberbo
insensível ao amor
repeliu a bela Eco
ninfa de encanto e fervor.

Ao passear pelo bosque
Narciso chega a uma fonte.
Virgem límpida disposta
Na face d'água sua frente.
Apaixonou-se por si
No fogo seu em desejo
A vista em contemplação.
Delírio e frenesi
E mesmo em si dá-se um beijo
E morre do coração.

A partir da exploração realizada pelos alunos, os mesmos descobriram que o poema versa sobre a vida de um jovem belo, egoísta e soberbo, Narciso. Reza a lenda que quando o rapaz nasceu, o oráculo Tirésias profetizou que ele teria uma beleza estonteante, porém, não poderia contemplar a sua própria imagem, pois isso o amaldiçoaria. Além de muito belo, Narciso era arrogante e orgulhoso, esnobava a todas as mulheres que se apaixonavam por ele. Até que a bela Eco, também apaixonada e não tendo seu amor correspondido, lança-lhe um feitiço, fazendo com que ele definhasse e morresse à beira de uma fonte, contemplando a sua própria imagem. A partir deste mito, surgiu na psicologia o termo *narcisismo*, que é o transtorno de personalidade sobre a valorização sobre si mesmo.

Os meninos fizeram a apresentação musicando o poema, pois construíram um *Treep*¹³ com o auxílio do professor de música. O referido professor já possuía um trabalho de ritmos com os alunos da turma; assim, eles resolveram unir os dois trabalhos com a criação do *Treep*, e foi uma ideia formidável, pois eles conseguiram dar vida à temática do poema de maneira única, pessoal, assim, a tarefa que antes parecia impossível, transformou-se numa reflexão que consistia em reforçar algumas expressões muito comuns no ambiente escolar: *bullying*, aparência, preconceito. Sabemos que a questão da aparência, da origem, das ideias diferentes como religião e sexualidade eram muito presentes nesta turma; então, o fato deles pensarem e trazerem à sala de aula discussões sobre este assunto surgido, a partir da leitura de um texto literário, foi deveras engenhoso.

A equipe deixou como contestação que as características físicas de cada um não é fator preponderante à exclusão, que somos diferentes na cor, na essência, na religião, e que nem

¹³ *Trap* é um estilo instrumental, onde combinam ritmos de diferentes músicas, sons, onomatopeias e incorpora um extenso uso de sintetizadores multidimensionais e melódicas bem desalinhas.

sempre nossas ideias e opiniões serão as mesmas que as dos demais; porém, todos temos qualidades, direitos e deveres iguais.

Figura 12 – Apresentação do poema *Sonetinho de Narciso*.



Fonte: Arquivo pessoal.

No que tange às vias de resultados do exercício da literatura, Cosson (2009) disserta que:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (COSSON 2009, p. 17).

O nosso objetivo geral em relação ao desenvolvimento deste projeto era pautado, entre outras ocorrências, em abordar o texto literário que rompesse com as amarras do que é exposto, principalmente no livro didático em relação a estes tipos textuais. Após o término destas oficinas, percebemos que fizemos um trabalho em parte diferenciado; mas, infelizmente, ainda

estamos algemados a essa mentalidade, quando propusemos a produção textual, estávamos de certa forma compactuando com o que estes livros em larga maioria propagam. Assim, percebemos que quebrar estas algemas ainda é muito difícil e trabalhoso.

Os meus tantos questionamentos, como aluna e também como professora, me respondem que precisamos continuar testando os conhecimentos adquiridos em nossas leituras, discussões e também o que aprendemos na academia, pois não existe uma fórmula pronta, cada professor busca em suas vivências formas de aplicar estes textos literários em seu cotidiano escolar.

Portanto, no que tange esse trabalho, propusemos e testamos uma experiência a partir das estratégias de leitura. Por fim, compreendemos que as oficinas foram um meio possível de abordarmos o texto literário em sala de aula, de maneira produtiva, lucrativa, eficaz, de tal forma que conseguimos sair do foco principal, que durante as aulas de Língua Portuguesa o mais importante são as regras provindas da gramática. Contemplando em parte o que propusemos ao iniciarmos estas concepções, salientamos que não foi uma tarefa fácil, pois tivemos muitos desprazeres, desde o projetor *data show* não funcionar para apresentação de um vídeo até a resistência inicial por parte de alunos, coordenadores e mesmo da direção escolar. Mas os entraves são habituais no nosso dia a dia; logo, decorre a nossa insistência e persistência para conseguirmos empreender gosto e aprendizado na vida dos nossos alunos, sujeitos fundamentais para toda a construção deste projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nós professores foi dada a tarefa de ensinar, mas além de ensinar também somos seres aprendizes e a escola é o nosso *lócus* para estas trocas de conhecimentos, aprendizagens e informações. No ensino fundamental temos uma relação direta com os nossos alunos, sujeitos criativos, inventivos, os quais estão inseridos em uma sociedade que a todo momento requer deles posicionamentos em relação aos conflitos existentes na escola, na família ou consigo mesmos.

A nossa tarefa enquanto orientadores/mediadores do saber, vai além das regras gramaticais, da leitura e da escrita, somos instigados a ter um olhar de ternura, compaixão, aconchego por estes meninos e meninas que muitas vezes buscam em nós uma orientação para suas vidas. Executar esta tarefa não é nada fácil, todos os dias travamos verdadeiras batalhas para desempenhar a nossa profissão, a escola pública hoje perdeu o seu esplendor, a estrutura física deixa muito a desejar e quando falamos da nossa valorização enquanto profissionais a situação é muito mais agravante.

Diante disso, ao refletir sobre estes acontecimentos, especificamente da última década, ponderei que temos dois caminhos a seguir: ou sucumbimos ao sistema, ou tentamos fazer algo, não para conscientizar ou mesmo transformar completamente este sistema, mas para ferir, buscar estratégias para introduzir neste, um vírus que possa ir corrompendo este sistema e comece a fazer sim muita diferença ao passar do tempo.

Eu, enquanto professora, nunca me conformei em estar em sala de aula somente por estar reproduzindo o que temos nos manuais didáticos ou reclamando de tudo sem ao menos buscar de alguma forma mudar essa situação. Na minha visão, continuar estudando era uma possibilidade, pois eu poderia encontrar uma fórmula para mudar tais concepções. Então, tive conhecimento do Profletras – Mestrado profissional, aliando teoria e prática, era uma excelente escolha. Tentei, tentei e tentei, exatamente quatro vezes, pois concebia ser a resolução para um dos meus maiores problemas enfrentados por nós em sala de aula, a perspectiva de leitura dos nossos alunos.

Aqui estamos depois de dois anos de estudos, aprendi muito, mas também compreendi que o curso não nos dá a fórmula pronta, e sim nos mostra caminhos para que possamos avaliar, examinar, testar e, a partir disso, encontrar novos caminhos para a construção do ensino-aprendizagem voltado ao estudo da Língua Portuguesa; na linguagem popular: “não é nos dado o peixe e sim nos é ensinado a pescar”. Assim, estudando e analisando a nossa realidade escolar,

fomos buscar meios, no nosso cotidiano, para se trabalhar com o prazer da leitura por nossos alunos.

A presente pesquisa surgiu a partir de uma necessidade enquanto professora de Língua Portuguesa em formar leitores críticos, reflexivos, ativos e participativos na sociedade em que vivemos. A nossa investigação buscou maneiras para se trabalhar a leitura com foco no texto literário em sala de aula. A ideia principal constitui-se de uma maneira e, após as contribuições da banca durante a qualificação, essas ideias ampliaram-se, onde tínhamos tudo para implementar e testar essas novas ideias com os sujeitos dessa pesquisa; porém, infelizmente, por causa da pandemia isso não foi possível e acrescentamos a este projeto somente como manual de sugestão.

Sabemos que do 6º ao 9º ano a literatura torna-se mais escassa nas aulas de Língua Portuguesa e, em inúmeras vezes, priorizamos o uso das regras provenientes da gramática normativa. Então, buscar mecanismos para que texto literário, também, seja instigado, ensinado e compreendido deve, assim, ser papel do professor. Mas para que isso aconteça, devemos compreender que tal concepção é importante e que possamos estar dispostos a fazê-lo.

Nesta busca, nos pautamos em estudar alguns conceitos essenciais, os quais podem auxiliar-nos de fato na prática da leitura literária no ambiente escolar, como o letramento literário, que por meio de oficinas de estratégias de leitura, assim como nos laboratórios de leiturascrita, nos levaram a um caminho possível de acesso dos nossos alunos ao texto literário, e não somente às regras gramaticais.

Em um mundo globalizado, como o que vivemos, é essencial que a escola proporcione aos alunos o domínio das diferentes linguagens e a compreensão do contexto em que ocorrem as práticas sociais que percorrem o mundo em que vivem, necessárias no seu cotidiano, na interação social e em seu futuro profissional. Estamos tomados pelos multiletramentos e, por isso, é vital compreendê-los e saber como utilizá-los no nosso dia a dia, pois são interativos, colaborativos, fronteiriços. É importante destacar que a escola em sua hierarquia também seja construtora desse sentimento de colaboração junto ao seu corpo docente, que a união de todos possa efetivamente construir um futuro melhor para todos os indivíduos.

Posto isso, Soares (2002) disserta que o

Letramento é [...] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta [...] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou

escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências, discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (SOARES, 2002, p. 145-146).

Desse modo, devemos nos preocupar em passar aos nossos alunos mecanismos de aprendizagem de compreensão dos letramentos e como eles funcionam na prática. Assim, a escola cumpre efetivamente o seu papel de formadora de indivíduos que sejam capazes de utilizar a leitura, a escrita, a escuta e a oralidade frente às demandas do seu contexto social e usar essas competências para continuar aprendendo ao longo da vida.

Para realizarmos a prática do letramento escolhemos a poesia provinda dos poemas do escritor abaetetubense Garibaldi Nicola Parente, que deu o toque especial para levar os alunos a olhar e vivenciarem o texto literário por um prisma diferente. Toda essa experiência foi muito gratificante, enriquecedora. Terminei esta pesquisa com a sensação de dever cumprido para o momento, mas somos seres inquietos, pois a partir desta vamos continuar estudando, e testando com os nossos alunos, criando muitas oportunidades de discussões, interações e aprendizados entre nós.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vinícius de Alvarenga. **Poesia a toda hora**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2005.
- ANTUNES, Irandé. A leitura: de olho nas suas funções. *In*: ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília, [2019?] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conheça o Ideb**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 144p.
- CALACANHOTO, Adriana (org.). **Antologia ilustrada da poesia brasileira**: para crianças de qualquer idade. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CANTINHO POÉTICO E PEDAGÓGICO. Disponível em: <https://www.cantinhopoeticoepedagogico.com.br/2016/07/poesia-as-borboletas-de-vinicius-de.html>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- CARTILHA CAMINHO SUAVE. Disponível em: <https://www.soescola.com/2017/02/baixecartilha-caminho-suave-em-pdf.html>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler**: oito mitos escolares sobre a leitura literária. São Paulo: Panda Books, 2018.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (org.). **Alfabetização e Letramento em sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; Ceale, 2009.
- CORTEZ, Clarice Zamonaro. RODRIGUES, Milton Hermes (Orgs.). **Operadores de leitura de poesia. Teoria literária: Abordagens históricas em tendências contemporâneas**. Maringá: FDUFM, 2005.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FUKS, Rebeca. **15 melhores poemas de Manoel de Barros**: comentados e analisados. Disponível em: www.culturagenial.com/manoel-de-barros-poemas. Acesso em: 21 dez. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. *In*: SOUZA, Renata Junqueira *et al.* **Ler e Compreender: Estratégias de leitura**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2010.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Angela. Ação e mudança na sala de aula: uma perspectiva sobre letramento, *In*: ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento, perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

MARLI, André (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas (SP): Papyrus, 2001. (Série Prática Pedagógica)

NONATO, Loureiro; GARIBALDI, Parente; RITACÍNIO, Carvalho; ADENALDO, Cardoso. **Poesias: Centenário de Abaeté 1895-1995 navegando na Poesia**. Fundação Cultural Abaetetubense, 1995.

PACIEVITCH, Thais. O que é mitologia? Disponível em: <https://www.infoescola.com/mitologia/o-que-e-mitologia>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. Ilustrações de Luiz Maia. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011.

PASSOS, Marta. Literatura no livro didático. *In*: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEIXOTO, Fabrícia. **Linha do tempo: Entenda como ocorreu a ocupação da Amazônia**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/07/090722_amazonia_timeline_fbdt. Acesso em: 05 jan. 2021.

PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta e manifestos 1950-1960**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2006.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a formação da literatura em ambientes de ensino. 3. ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2018.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – **PPP**- da Escola José Manoel de Araújo- 6ª versão- 1ª versão foi em 2008- Anualmente revisado e atualizado pela Equipe: Direção, professores, Coordenadores pedagógicos e Responsáveis pela revisão – Tailândia, ago. 2019.

SOARES, Magda. Novas perspectivas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, 2002.

SOARES, Magda. **Português**: uma proposta para o letramento. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TERZI, Silva Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. *In*: KLEIMAN, Angela. B. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ANEXOS

ANEXO A – CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO CAMINHO SUAVE

Capa do livro: cartilha de alfabetização Caminho Suave



Fonte: Disponível em: <https://pedagogiaaopedaleta.com/cartilhas-caminho-suave>. Acesso em: 15/12/2020.

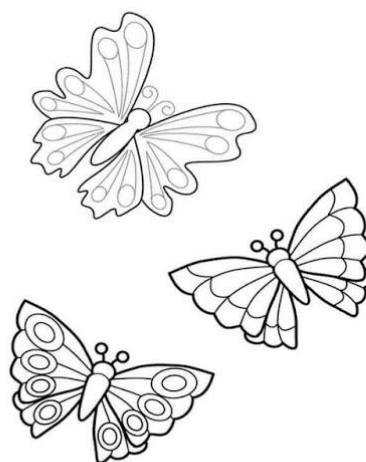
ANEXO B - POEMA ABORDADO NA CARTILHA CAMINHO SUAWE

<http://meucantinho poeticopedagogico.blogspot.com.br/>

POESIA

AS BORBOLETAS

BRANCAS
AZUIS
AMARELAS
E PRETAS
BRINCAM
NA LUZ
AS BELAS
BORBOLETAS.

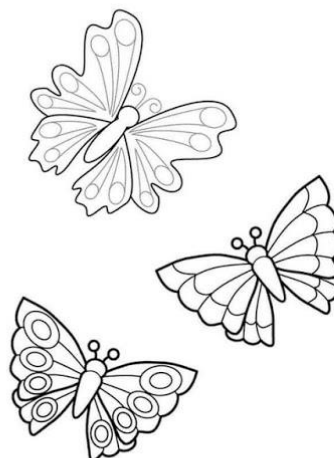


BORBOLETAS
BRANCAS
SÃO ALEGRES E
FRANCAS.

BORBOLETAS AZUIS
GOSTAM MUITO DE LUZ.

AS AMARELINHAS
SÃO TÃO BONITINHAS!

E AS PRETAS, ENTÃO...
OH, QUE ESCURIDÃO!



VINÍCIUS DE MORAES
RIO DE JANEIRO , 1970

<http://meucantinho poeticopedagogico.blogspot.com.br/>

ANEXO C - POEMA NO LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS LINGUAGENS 8º ANO¹⁴

de OLHO
na escrita

EMPREGO DA LETRA S (I)
Leia este poema, de Elias José:

Tem tudo a ver

A poesia tem tudo a ver com tua dor e alegrias, com as cores, as formas, os cheiros, os sabores e a música do mundo.

A poesia tem tudo a ver com o sorriso da criança, o diálogo dos namorados, as lágrimas diante da morte, os olhos pedindo pão.

A poesia tem tudo a ver com a plumagem, o voo e o canto, a velocidade dos peixes, as cores todas do arco-íris, o ritmo dos rios e cachoeiras, o brilho da lua, do sol e das estrelas, a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia — é só abrir os olhos e ver — tem tudo a ver com tudo.



Disponível em: http://www.arteeducacao.net/curriculo/emprego_da_letra_s_poema.html. Acesso em: 2/5/2014.

52

1. Identifique no poema palavras que apresentam o som /s/ ("sé").
2. Em qual(is) dessas palavras o som /s/ ("sé") é representado, na escrita, pela letra:
 - a) x?
 - b) c/ç?
 - c) s?
3. Em algumas palavras, a letra **s** possui som /z/ ("zé"). Identifique essas palavras no texto.
4. Leia as palavras:

dissabores	alunissagem	pisciano	velocidade
------------	-------------	----------	------------

 - a) Identifique no texto palavras da mesma família que as palavras acima.
 - b) Nas palavras acima, quais são as letras que representam o som /s/ ("sé")?
5. O poema fala da própria poesia. Considerando esse contexto, explique o sentido que a expressão **tudo a ver** tem no título e no decorrer do texto.

Ao responder às questões anteriores, você notou que, no sistema ortográfico da língua portuguesa, o som /s/ ("sé") pode ser representado, na escrita, por diferentes letras, entre outras **x, c, s, sc, sc, ss**, e o som /z/ ("zé") pode ser representado, na escrita, pelas letras **s** e **z**, entre outras.

Assim, conforme você observou, emprega-se a letra **s**:

- quando a palavra é formada com os sufixos **-oso, -osa**, que indicam qualidade em abundância, intensidade:

atenciosa	cheiroso	charmosa	furiosa
-----------	----------	----------	---------
- nas formas verbais dos verbos **pôr** e **querer** e seus derivados:

puser	quiser	supusermos	quisermos
-------	--------	------------	-----------

Também se emprega a letra **s**:

- nos sufixos **-ês, -esa**, que indicam origem, procedência:

tailandês	tailandesa	japonês	japonesa
-----------	------------	---------	----------
- no sufixo **-ense**, que indica origem, naturalidade:

amapaense	espírito-santense
-----------	-------------------

53

¹⁴ Imagens extraídas da obra: CEREJA, Willian; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**, 8º ano. 9. ed. Reformada. São Paulo: Saraiva, 2015.

ANEXO D - POEMA NO LIVRO DIDÁTICO GERAÇÃO ALPHA LÍNGUA PORTUGUESA 7º ANO¹⁵



¹⁵ Imagens extraídas da obra: COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA Everaldo, MARCHETTI Greta. **Geração alpha língua portuguesa ensino fundamental: anos finais: 7º ano 2. ed.** – São Paulo: Edições SM, 2018.

ANEXO E - POEMA NO LIVRO DIDÁTICO PARA VIVER JUNTOS: PORTUGUÊS

7º ANO¹⁶

CAPÍTULO 6 Poema e cordel

CONVERSE COM OS COLEGAS

1. Após observar atentamente a pintura ao lado, leia este poema de Manoel de Barros.

As coisas,
muito claras
me noturnam.

Manoel de Barros. *O fazedor de amanhecer*.
Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

Tanto a pintura como o poema apresentam uma oposição entre claro e escuro. Que palavras do poema e elementos da imagem indicam essa oposição?

2. O adjetivo *noturno* tem os seguintes significados: aquilo que pertence à noite; sombrio, escuro. Com esse adjetivo, o poeta criou uma nova palavra: *noturnam*.

a) A qual classe gramatical pertence essa nova palavra?
A palavra *noturnam*, criada pelo autor do poema, é um verbo.

b) Quais significados da palavra *noturno* podem estar relacionados com o *noturnar*, criado pelo poeta?
Pensar, meditar, tomar-se reflexivo, calado.

3. Os versos do poema foram reorganizados. Leia-os.

As coisas, muito claras me noturnam.


A leitura do poema é a mesma? O que muda e o que permanece igual? Não, a leitura do poema não é a mesma, pois as pausas são diferentes. Isso faz com que se criem outros sentidos, pois a separação das palavras em versos destacava e enfatizava determinadas ideias.

4. Em sua opinião, a imagem ao lado é uma boa ilustração para o poema de Manoel de Barros? Por quê?
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos, ao justificar suas opiniões, apresentem como argumento elementos de aproximação ou distanciamento entre poema e imagem.

Os poemas são escritos para expressar ideias e sentimentos a respeito de diversos temas. A organização dos poemas em estrofes e versos, e a possibilidade de distribuição das palavras na página são recursos expressivos muito importantes na criação poética. Na literatura de cordel, os versos rimados e metrificadas costumam contar uma história. Esses poemas narrativos fazem parte principalmente da cultura popular do Nordeste do Brasil.

184

Não escreva no livro.



O QUE VOCÊ VAI APRENDER

- Características principais do poema
- Características principais do cordel
- Tipos de sujeito
- Emprego de c, ç, s e ss

Vincent van Gogh. *A noite estrelada sobre o rio Reno*, 1889. Óleo sobre tela, 72,5 cm x 92 cm.



¹⁶ Imagens extraídas da obra: COSTA, Cibele Lopresti, LOUSADA, Eliane Gouvêa; MARCHETTI, Greta; BATISTA, Prado Manuela. **Para viver juntos: português, 7º ano**, 4. ed. São Paulo, 2015.

**ANEXO F -POEMA NO LIVRO DIDÁTICO UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA
7º ANO¹⁷**


3 Poemas para ver

Capítulo

Poema visual

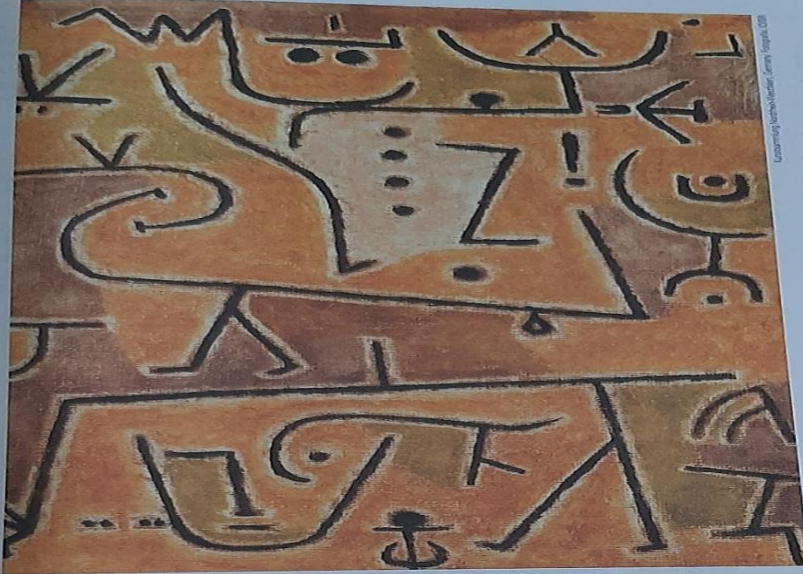
Você sabia que, em suas origens, os poemas eram textos orais, declamados com o acompanhamento de instrumentos musicais? As rimas e a regularidade métrica conferiam ritmo e sonoridade aos textos poéticos, ajudando as pessoas a conservá-los na memória. Com o passar do tempo, os poemas foram se separando da música. Tornou-se mais comum ler poemas do que ouvi-los ou declamá-los. Neste capítulo, vamos conhecer **poemas visuais**, feitos principalmente para serem vistos. Eles se afastam do modelo de texto escrito em versos e incorporam outras linguagens.

→ Antes da leitura
Observe, a seguir, duas obras do artista plástico suíço Paul Klee (1879-1940). Depois, responda oralmente às questões.



Paul Klee. *Lenda do Nilo*, 1937. Óleo sobre tela, 69 cm x 61 cm. Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Düsseldorf, Alemanha.

50 Não escreva no livro. <



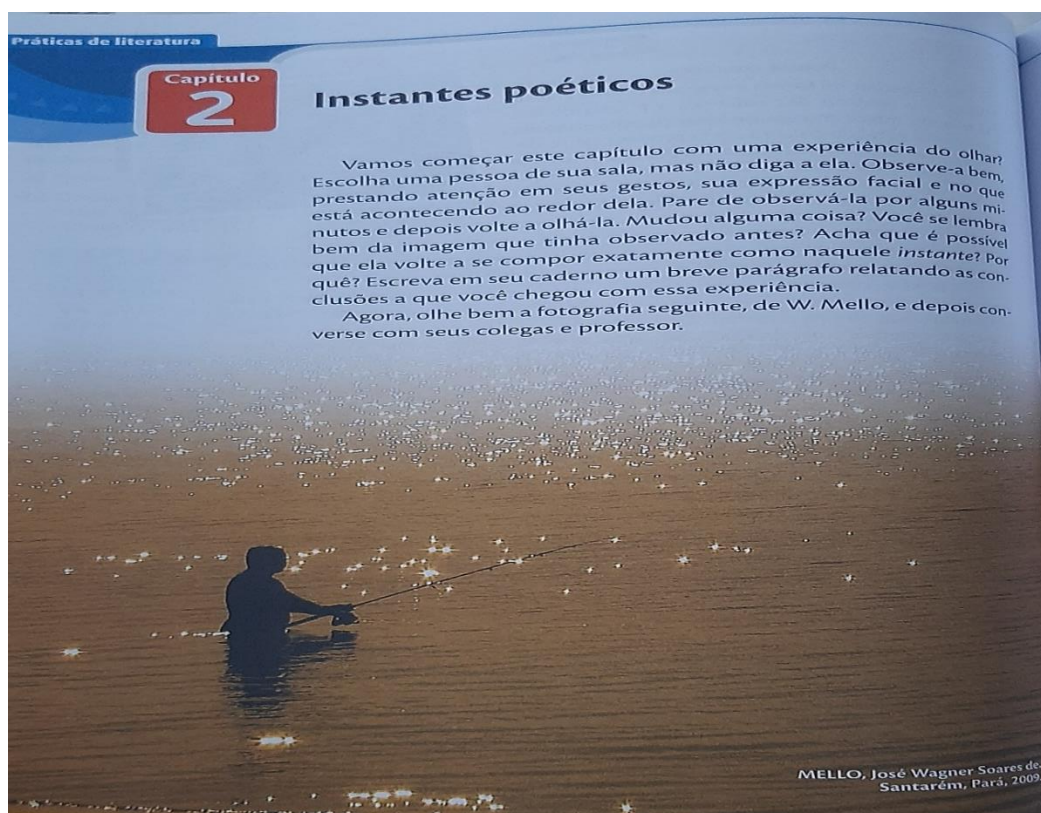
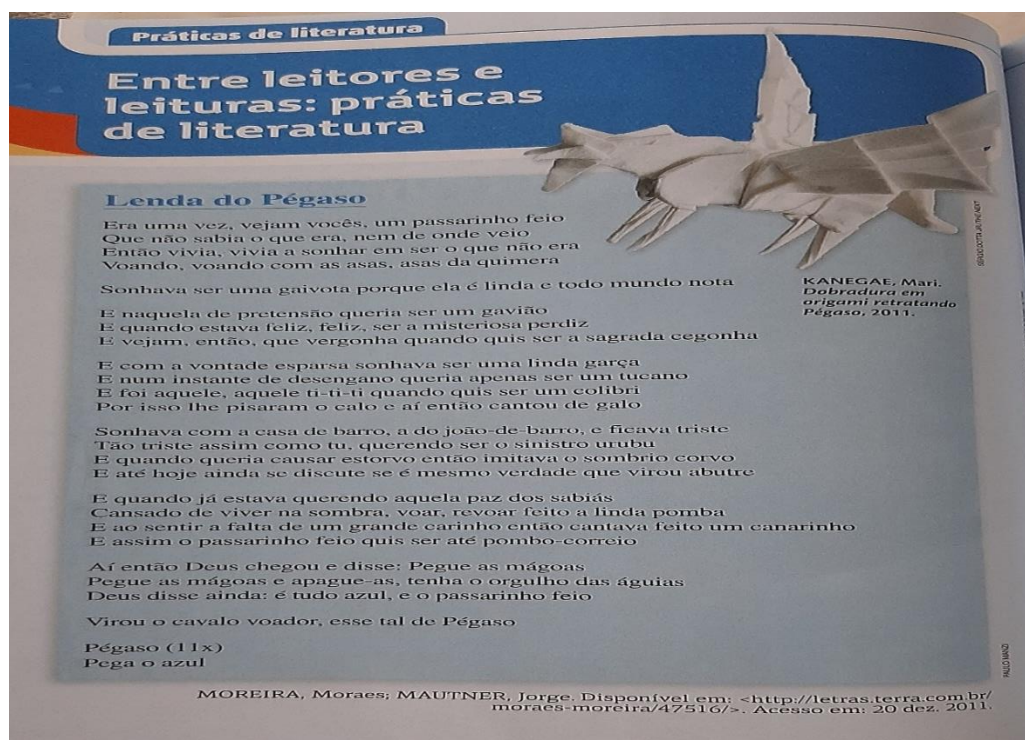
Paul Klee. *Red Waistcoat (Colete vermelho)*, 1938. Pasta colorida, 65,1 cm x 42,5 cm. Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Düsseldorf, Alemanha.

- O nome da tela da página ao lado é *Lenda do Nilo*. De que forma as imagens se relacionam com o título da obra? (Associar conteúdo da pintura a seu título) É possível visualizar na tela elementos ligados ao rio Nilo, como peixes e um barco com pescadores. Além disso, a cor azul também remete à água.
- Nas telas de Paul Klee, é possível observar elementos próprios da língua escrita. Indique quatro exemplos. (Ler imagem) No primeiro quadro, é possível identificar elementos que remetem às letras *a, u, l, y, p, l, x, c, v*, entre outras. Na segunda tela, encontramos formas semelhantes às letras *f, w, o, v*, além de dois pontos, ponto-final e ponto de exclamação.
- Observe a relação entre esses elementos da escrita e outros elementos presentes nas telas. De que maneira os elementos verbais e os não verbais se relacionam? Existe uma hierarquia entre eles, ou seja, um grupo é mais importante do que o outro? (Ler imagem) Os elementos verbais e não verbais estão perfeitamente integrados, não existe hierarquia entre a representação plástica (formas e cores) e a representação linguística (escrita).
- Neste capítulo, você vai ler poemas visuais. O que você acha que as telas de Paul Klee têm a ver com esse gênero textual? Levante uma hipótese. (Levantar hipótese) Assim como as pinturas de Paul Klee exploram a visualidade das letras e de outros recursos gráficos próprios da escrita (como os sinais de pontuação), nos poemas visuais o tamanho, a cor e o formato das letras são elementos importantes para a produção de sentido.

→ Não escreva no livro.


¹⁷ Imagens extraídas da obra: PEREIRA, Camila Sequestro; BARROS, Fernanda Pinheiro, MARIZ, Luciana. *Universos Língua Portuguesa*, 7º ano. 3. ed. São Paulo, 2015.

ANEXO G – POEMA NO LIVRO DIDÁTICO SINGULAR E PLURAL: LEITURA E ESTUDOS DA LINGUAGEM¹⁸



¹⁸ Imagens extraídas da obra: FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. *Singular & Plural: Leitura e estudos da linguagem*. 1. ed. São Paulo, Moderna, 2012.


ANEXO H - POEMA USADO NO MATERIAL INDEPENDENTE ESCOLA PARTICULAR¹⁹

Lingua Portuguesa 

Capítulo 3 – Palavras E Encantamento: No Reino Da Poesia


Este quadro é do pintor francês Édouard Manet e tem como título *O Tocador de Pífano*.

Observe-o com atenção e, depois, converse com seus colegas para responder às questões propostas.



Manet, Édouard. O tocador de pífano. 1866. 1 óleo sobre tela, 160 cm x 98 cm. Museu d'Orsay, Paris.

- O título do quadro é *O tocador de Pífano*. Você sabe o que é um pífano? Observe novamente a imagem e tente identificar o instrumento.
- Como são as roupas do jovem? Descreva-as.
- Qual a expressão do rosto do jovem?
- Em sua opinião, que emoções essa tela desperta?
- O personagem do quadro é um garoto que toca um instrumento musical.

Lingua Portuguesa 

Capítulo 3 – Palavras E Encantamento: No Reino Da Poesia

Você sabe tocar algum instrumento? Qual? Se não sabe, que instrumento você gostaria de tocar? Comente isso com seus colegas.

- Você já fez alguma aula de música ou já participou de bandas escolares? Relate a seus colegas e professor suas experiências.

3.1 – Estudo Do Texto – Poema I

Em *O tocador de Pífano*, Manet tem como temática em música. Agora leia este poema e observe como o mesmo tema é apresentado.

Acordes: mais de duas notas soando simultaneamente.
Vãos: aberturas em parede.
Sustenidos: em notações musicais, são sinais indicadores de que a nota à direita deve subir meio tom


OS MÚSICOS

Na casa dos músicos as paredes são sonoras no teto moram acordes e nos vãos sustenidos se escondem.

Os pensamentos dos músicos não são como os pensamentos comuns moram em outras altíssimas esferas.

Para nós, os outros, eles constroem alçóoados caminhos de sons.

Para que nossa vida fique mais leve fique mais bela.



MURRAY, Roseana. Os músicos. In: _____. A bailarina e outros poemas. São Paulo: FTD, 2001. p.12.

Roseana Murray nasceu no Rio de Janeiro, em 1950. Formada em Literatura e Língua Francesa, publicou mais de 60 livros de contos e poesias. Seu primeiro livro infantil, *Fardo de carinho*, foi publicado em 1980.

- Segundo o texto, como é a casa de um músico?
- Uma casa como a descrita no texto se distingue das demais, assim como também quem nela mora. Segundo o poema, como são os músicos que vivem na casa sonora?
 - () Eles não veem a vida da mesma forma que as outras pessoas.
 - () São poetas que têm a vida leve e bela.
- Assinale a alternativa que explica a afirmação de que o pensamento dos músicos mora em altíssimas esferas.
 - () Os músicos são muito distraídos.

¹⁹ Imagens extraídas da obra: **Material produzido independente, baseado nos modelos da Editora Positivo.**

PRODUTO: MANUAL DE OFICINAS LITERÁRIAS

Como produto da dissertação estamos propondo um Manual de Oficinas Literárias, este manual tem como objetivo sugerir aos professores de Língua Portuguesa possibilidades de trabalhar a Poesia em sala de aula, tanto poemas de autores nacionais, como poetas locais. Falamos em sugestão, pois, cada sala de aula tem uma realidade própria pelo fato de cada aluno ser único e ter uma história de vida diferente e preferências diversas. Destacamos que esta proposta foi construída para alunos do 7º ano – o que não impede a adequação para alunos de outras séries – e o desenvolvimento dessa oficina é de um mês e meio. Também é importante destacar que os temas sugeridos aqui possam ser dialogados com outras áreas do conhecimento.

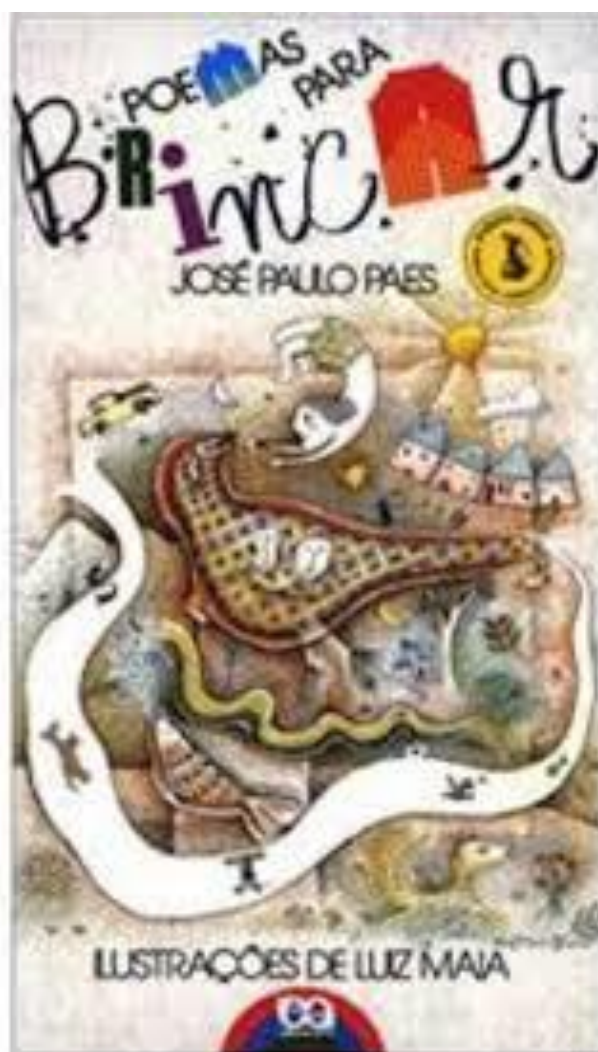
Primeira conversa: o menino poeta:



O intuito desse primeiro momento é convidar os alunos para a leitura de um poema. Assim, na aula introdutória, a nossa sugestão é de que o professor ao iniciar a aula e, sem mencionar que os alunos serão convidados a participar das oficinas, leia um poema como se fosse aleatoriamente. Indicamos: “O menino poeta” de Henriqueta Lisboa, com Ilustrações de Marilda Castanha da Editora Global. Propomos essa leitura porque o poema aborda o lúdico, a diversão, o jogo das palavras e a sonoridade do poema e o assunto é a aventura de um menino poeta que percorre reinos distantes, céus estrelados, rios e mares, descobrindo belezas e conduzindo o leitor ao prazer da leitura.

Após a leitura do poema, os alunos ficarão curiosos para saber o porquê da leitura deste texto. Então o professor forma uma roda de conversas com a finalidade de explicá-los que eles foram contemplados a participar de um projeto de leitura e produção textual Poesia em sala de aula, por meio dos poemas e que durante este período o mesmo conta com a energia deles para o desenvolvimento das atividades, explica também que temos poesia no nosso livro didático, mas ainda de maneira superficial, que durante este período voaremos além daquelas páginas fixas.

Segunda sugestão é o poema de José Paulo Paes



Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

Segunda conversa: o que é poesia:

Na aula seguinte o professor sugere aos alunos que façam uma pesquisa sobre o que é poesia. Pode instigá-los a buscar informações na família, perguntar os amigos, pesquisar na internet os conceitos sobre poesia e, a partir dessa pesquisa, trazer o conceito que mais gosta, pode ser uma quadra, rimas, canções, e, eles mesmos podem produzir um poema sobre o que entendem como poesia. Para complementar esta atividade o professor faz um momento de leitura em que os alunos irão ler os conceitos e textos encontrados sobre o assunto. É importante que o professor traga seus textos e, se possível, aqueles que fizeram parte de sua vida e comparar com os que os alunos trouxeram. Será a hora de uns ouvirem os outros: professor e alunos.

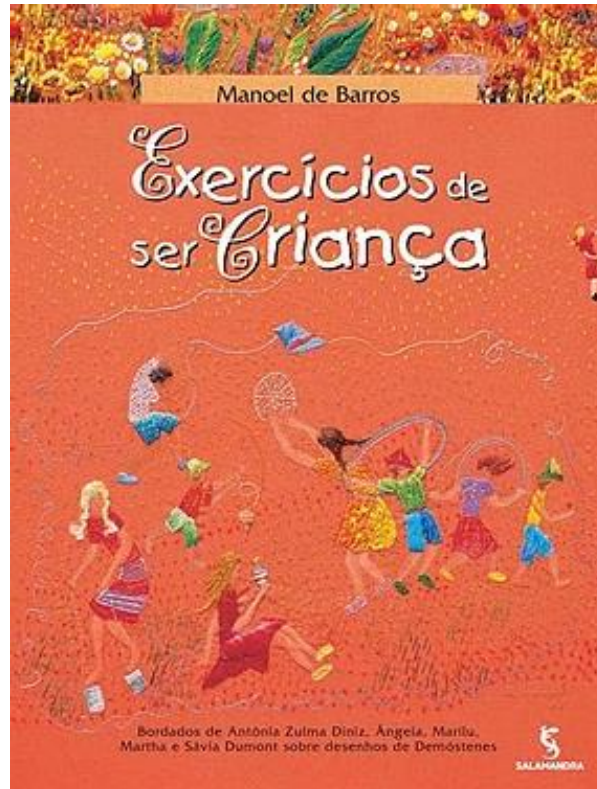
Terceira conversa: aprendendo a apreciar

A próxima atividade será de apresentação de diferentes poemas, conseqüentemente de diferentes poetas. A intenção nesse momento é ensinar os alunos a apreciarem e leitura em classe dos textos literários. Para isso é importante que a leitura não seja de textos fragmentados como muitos livros didáticos trazem, mas o poema completo para melhor compreensão do assunto. Desse modo, apresentamos algumas sugestões de textos, mas, fica a cargo do professor fazer as suas escolhas também, podemos trabalhar com poetas regionais, nacionais ou mesmo

da literatura internacional, para mostrar a variedade de temas. Nossa sugestão é que o professor escolha temas para mostrar a diversidade de visão que cada tema tem.

OFICINA 1 : INFÂNCIA E POESIA

Na primeira oficina é importante aproximar a temática dos leitores e, por isso, escolhemos o tema da infância.



INFÂNCIA:

Poema 1:

Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 -Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar – é lago sereno,
 O céu – um manto azulado,
 O mundo – um sonho dourado,
 A vida – um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquelas doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia,
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!

Oh! Dias da minha infância!
 Oh! Meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta ao peito,
 -Pés descalços, braços nus-
 Correndo pelas campinas
 À roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo,
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!
 -Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!

Poema 2

“As falsas recordações” –

Mario Quintana

“Se a gente pudesse escolher a infância
 que teria vivido, com enternecimento eu não
 recordaria agora aquele velho tio de perna de pau,
 que nunca existiu na família, e aquele arroio que
 nunca passou aos fundos do quintal,
 e onde íamos pescar e sestar nas tardes de verão,
 sob o zumbido inquietante dos besouros”

Poema 3

O menino que carregava água na peneira.

Manoel de Barros

Tenho um livro sobre águas e meninos.
 Gostei mais de um menino
 que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
 era o mesmo que roubar um vento e
 sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
 que catar espinhos na água.
 O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
 Quis montar os alicerces
 de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
 gostava mais do vazio, do que do cheio.
 Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

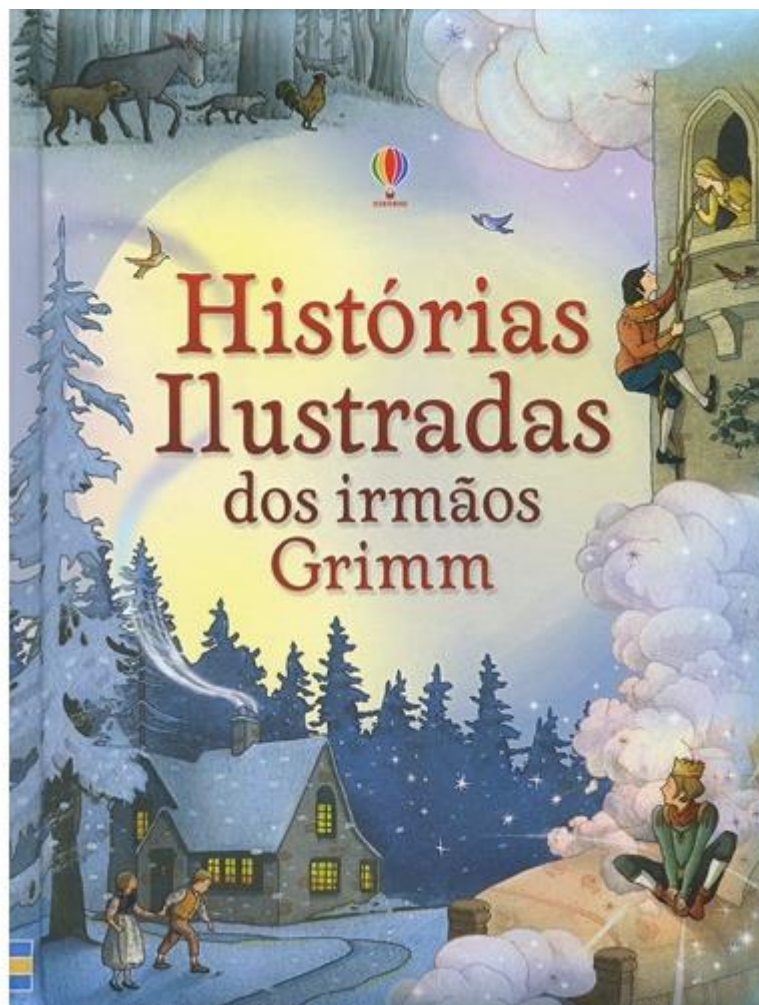
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Durante a leitura explore a musicalidade e os sentidos das palavras no poema. Pergunte aos alunos o que eles acharam estranho, engraçado ou diferente nos poemas. Mostre que é por esse caminho que penetramos no mundo da poesia. Cada autor aborda a temática da infância por uma vertente e para compreender essas diferentes visões de mundo, é necessário conhecer a vida de cada poeta. Após conversarem sobre a vida de cada um, peça aos alunos para identificarem quais as semelhanças e diferenças de olhares de cada poeta sobre a infância. O primeiro poema trata da saudade de um mundo paradisíaco perdido, o segundo poema aborda a fantasia e o terceiro o mundo sem lógica da infância.

Outras questões que o poema pode provocar:

- 1- Todas as crianças têm seus direitos garantidos?
- 2- Buscar, a partir dos questionamentos dos alunos, poemas que abordem outros assuntos ligados as crianças (preconceito quanto a cor, as necessidades especiais, entre outros)



OFICINA 2: AMOR E POESIA

O amor é um tema muito recorrente nos contos de fadas e nos poemas ao longo dos tempos e um assunto abordado nas músicas, nos filmes, nas novelas e em todos os meios de comunicação que os alunos acessam. Porém, nos poemas infantis o amor é abordado em relação a brinquedos, entre filho e mãe, mas, o amor entre casal não tem não pudemos encontrar. Decidimos, então, escolher três poemas de amor que não foram criados para crianças, mas, como nossos alunos ouvem músicas, assistem filmes, novelas e leem ebooks, e literatura de massa que tratam desse tipo de amor, achamos que é importante abordar esse tipo de poema com eles. Os três poemas trazem com visões muito diferentes para a leitura dos alunos acerca do amor. Cabe ao professor acrescentar outros poemas ou modificar os que estão aqui.

POEMA 1:

Soneto de Fidelidade

Vinícius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.

Poema 2**Li não sei onde**

Florbela Espanca

Li um dia, não sei onde,
 Que em todos os namorados
 Uns amam muito, e os outros
 Contentam-se em ser amados.

Fico a cismar pensativa
 Neste mistério encantado...
 Diga prá mim: de nós dois
 Quem ama e quem é amado?...

Poema 3**O amor quando se revela**

Fernando Pessoa

O amor, quando se revela,
 Não se sabe revelar.

Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Fernando Pessoa

O tema do amor é empolgante pelo imaginário construído nos filmes nas músicas e novelas. Geralmente, o amor está relacionado ao sofrimento, à indiferença e, muitas vezes, a perda do amor pela morte. A vida dos poetas e o contexto em que viviam é importante para compreensão dos poemas e, assim, podem ajudar nas possíveis leituras dos alunos. Para Vinícius de Moraes o amor não é eterno, é efêmero e ele desconstrói a ideia de um único amor. Florbela traz a dúvida como assunto do poema enquanto Fernando Pessoa tematiza a timidez. As possibilidades de trabalhar esse tema são muitas e cabe ao professor intermediar as visões de amor que os alunos vão trazer para a discussão. Talvez seja o momento de desconstruir estereótipos de beleza, de príncipe encantado de ideal de beleza e provocar nos alunos a valorização das pessoas como elas são.

Outras possibilidades:

- 1- O ideal de amor e o feminicídio
- 2- O amor na música
- 3- Amor entre pessoas do mesmo sexo.



OFICINA 3: MORTE E POESIA

Esse tema junto com o do amor é versejado desde a antiguidade clássica. Porém, a visão sobre a morte é modificada pela cultura e pela religião e o professor pode buscar diálogo com outras áreas para ampliar a discussão e trazer a pandemia e as mortes para debater com os alunos.

Poema 1

A morte chega cedo

Fernando Pessoa

A morte chega cedo,
 Pois breve é toda vida
 O instante é o arremedo
 De uma coisa perdida.
 O amor foi começado,
 O ideal não acabou,
 E quem tenha alcançado
 Não sabe o que alcançou.

E tudo isto a morte
 Risca por não estar certo
 No caderno da sorte
 Que Deus deixou aberto.

Poema 2

A ninguém preciso dizer adeus

Cecília Meireles

A ninguém preciso dizer adeus:
 todos têm suas ocupações, e estão longe, embebidos
 em seus enganos, que a felicidade imitam.
 A ninguém preciso dizer adeus:
 nenhum espaço formará lugar de ausência,
 pois a presença nunca formou nenhum espaço.
 A ninguém preciso dizer adeus:
 parece triste partir assim, sem lembrança nem lagrima.
 Não é, porém, mais alegre, desaparecer ao longe
 sem ter deixado atrás nem lágrimas nem lembrança?

A UM AUSENTE

Carlos Drummond de Andrade

Tenho razão de sentir saudade,
 tenho razão de te acusar.
 Houve um pacto implícito que rombeste
 e sem te despedires foste embora.
 Detonaste o pacto.
 Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
 de viver e explorar os rumos de obscuridade
 sem prazo sem consulta sem provocação
 até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
 Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
 Que poderias ter feito de mais grave
 do que o ato sem continuação, o ato em si,
 o ato que não ousamos nem sabemos ousar
 porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
 de nossa convivência em falas camaradas,
 simples apertar de mãos, nem isso, voz
 modulando sílabas conhecidas e banais
 que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
 Sim, acuso-te porque fizeste
 o não previsto nas leis da amizade e da natureza
 nem nos deixaste sequer o direito de indagar
 porque o fizeste, porque te foste.

A morte é tematizada com várias faces nos poemas e o professor tem a oportunidade de conversar sobre esse assunto que é um mito na sociedade. O olhar que cada poeta deposita sobre a morte é provocativo: Fernando Pessoa vê a morte como inevitável, como parte da rotina de todos nós; para Cecília Meireles, a morte é uma despedida difícil de fazer e ela vê a morte como uma passagem; já para Drummond, a dor da perda faz questionar a partida de alguém próximo e é o único poema que aborda a saudade. É importante pesquisar a vida dos poetas e o contexto da produção para compreender a visão de cada um sobre o tema.

Outras abordagens:

- 1- Morte por assassinato;
- 2- Morte na pandemia;
- 3- Morte por doenças.

Para concluir:

As propostas de oficinas podem ser ampliadas com outras temáticas. Essa metodologia possibilita que o aluno passe a ler a poesia com mais liberdade por compreender que cada poeta tem um olhar particular sobre cada assunto. Seria importante e produtivo trazer as outras áreas do conhecimento nessas abordagens, mas nem sempre é possível, então o professor pode pensar em estratégias para trabalhar os temas da melhor forma possível.

Salientamos que é importante trabalhar os poemas sem a preocupação de produção textual para não cairmos na mesma linha dos livros didáticos que chegam nas nossas escolas e usam a literatura para trabalhar a gramática. Se ao final das oficinas os alunos sentirem o desejo de tentar produzir um poema, o professor pode utilizar esse momento para tal, mas não é essa a finalidade desse material.

Espero que estas propostas possam ajudar a trazer os poemas para nossas vidas e as de nossos alunos.